



ACADEMIA MILITAR

Adesão da Turquia à União Europeia: Uma Perspetiva Geopolítica

Autor: Aspirante de Infantaria Pedro Nelson Morais Fernandes

Orientador: Tenente-Coronel Jorge Manuel Dias Sequeira

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, julho de 2013



ACADEMIA MILITAR

Adesão da Turquia à União Europeia: Uma Perspetiva Geopolítica

Autor: Aspirante de Infantaria Pedro Nelson Morais Fernandes

Orientador: Tenente-Coronel Jorge Manuel Dias Sequeira

**Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada
Lisboa, julho de 2013**

Epígrafe

“Turkey is re-emerging as a significant regional power (...) returning to its position prior to World War I, when it was the seat of the Ottoman Empire.”
(George Friedman, 2012)

Dedicatória

Ao meu avô (*in memoriam*),
que sempre me serviu de exemplo como homem e como militar.
Ao meu afilhado, que sempre me alegrou nos momentos mais difíceis.
Aos meus pais, irmãos e namorada por todo o tempo que não vos dediquei.

Agradecimentos

Finda esta etapa de grande exigência na minha vida, não posso deixar de manifestar o meu profundo reconhecimento a todos aqueles que me apoiaram e contribuíram para a realização deste trabalho.

Ao meu Orientador, Tenente-Coronel de Infantaria Jorge Manuel Dias Sequeira, por sempre se ter empenhado em me ajudar, por toda a compreensão e disponibilidade mostrando-me o caminho para a realização do trabalho. O seu espírito crítico aliado à liberdade que me deu para seguir o caminho que eu pretendia foram a chave para a conclusão do trabalho.

Ao Tenente-Coronel de Infantaria Domingos Jorge Fernandes Rodrigues, que para além da sua disponibilidade para a cedência da entrevista, que tanto enriqueceu o trabalho, sempre se disponibilizou para me ajudar, quer no fornecimento de contactos, quer na ajuda da escolha da bibliografia. A sua participação ativa foi essencial para a realização do trabalho.

À Embaixada da Turquia em Lisboa, em particular à Cônsul Gulce Kumrulu, que se prontificou a ajudar e a fornecer dados de quem está por dentro do processo de adesão da Turquia à União Europeia. A entrevista exploratória realizada na Embaixada foi de extrema importância para me guiar nesta caminhada.

Ao Professor Eurico Manuel Curates Rodrigues, pela disponibilidade e cortesia da entrevista cedida, pelo gosto pela área e pelo apoio dado na realização deste trabalho. Foi muito graças ao seu entusiasmo nas aulas como docente da Unidade Curricular M421 – Teoria das Relações Internacionais que ganhei também O gosto pelo tema.

Ao Doutor Ivo Sobral, por se ter disponibilizado a responder à entrevista que contribuiu para a realização do trabalho.

Ao Dr. André Santos, que se prontificou em ajudar quando aceitou responder à entrevista; a sua disponibilidade enriqueceu o meu trabalho.

À Academia Militar e à Escola Prática de Infantaria que me formaram como Infante e que me fizeram crescer como homem.

A todos os professores, oficiais, sargentos e praças que contribuíram para o meu processo de formação desde o ingresso na Academia Militar.

Aos pais Manuel Fernandes e Marília Gabones, à irmã e cunhado Raquel Ribeiro e Jorge Ribeiro e ao meu afilhado Pedro Ribeiro, que sempre me acarinharam e apoiaram nos momentos difíceis.

À namorada, Belisa Silva, pelo carinho, apoio e amor sempre dedicado ao longo do trabalho e dos últimos anos.

Aos camaradas do curso de Infantaria, os amigos que sempre me apoiaram como irmãos, nesta longa caminhada. Neste e em todos os outros momentos, nunca me falharam.

Resumo

A Turquia é um país que vê o seu território pertencer maioritariamente à Ásia. Porém uma pequena parte, a região de Istambul, integra o continente europeu. Delimitada pelo Mar Negro ligado pelos estreitos de Bósforo e de Dardanelos ao Mar de Mármara e pelos países do Cáucaso, esta nação apresenta uma elevada importância geopolítica. É neste contexto que o antigo Império Otomano apresenta fortes argumentos para alcançar o seu desejo de integrar a União Europeia. Entre estes, destaca-se uma potencialidade: a diversificação de fontes de abastecimento energético.

Enquadrado em tal cenário, o presente trabalho de investigação tem por objetivo identificar as implicações energéticas da eventual adesão da Turquia à União Europeia para diminuir a sua dependência de Gás Natural da Rússia. Com vista a aferir esta proposição, dever-se-á percorrer um trajeto constituído por diversas variáveis em análise entendidas como importantes para esta verificação.

Para tal optou-se por uma abordagem à problemática de natureza dedutiva, partindo-se do geral para o particular de modo a refutar ou corroborar as hipóteses, através do relacionamento dos dados obtidos. Utilizou-se análise de conteúdo, entrevistas e uma entrevista exploratória.

A partir da revisão de literatura efetuada, verificou-se que: numa perspetiva macro, os vários autores da Geopolítica estudados apontam a região do antigo Império Otomano como uma região de extrema importância no mundo. Com a análise de alguns fatores geopolíticos destacaram-se as potencialidades deste espaço, especialmente no que concerne ao seu posicionamento central, à posse dos estreitos de Bósforo e Dardanelos e ao seu elevado crescimento económico.

Tendo em conta que a União Europeia é dependente da Rússia ao nível do abastecimento do gás natural, a Turquia surge como uma porta de acesso a fontes alternativas deste recurso. Deste modo, os projetos *South Stream* e *Nabucco* apresentam visões díspares da interpretação de segurança energética da União Europeia: no primeiro procura-se a diversificação de itinerários; no segundo procura-se, para além da diversificação de itinerários, a diversidade de fontes de abastecimento.

Com a análise das entrevistas constatou-se que a Turquia tem uma posição geográfica que lhe confere o estatuto de ponto de passagem incontornável, para a União Europeia, das maiores reservas de hidrocarbonetos do mundo. Verificou-se também que a sua eventual adesão representaria um alívio da dependência russa com o estabelecimento de alternativas no que concerne ao gás natural.

A Turquia, devido à sua posição geográfica, controla os estreitos de Bósforo e Dardanelos e dada a sua proximidade das maiores reservas de gás natural do mundo, à existência de extensas condutas no seu território e ao controlo das vias de comunicação marítimas entre o Mediterrâneo e o Mar Negro, assume uma posição de ator incontornável nas relações entre a Europa e a Ásia. Estes fatores, aliados à sua intenção de pertencer à União Europeia são elementos que podem tornar-se decisivos na decisão final dos países europeus na aceitação da sua pretensão.

Palavras-chave: Turquia, União Europeia, Abastecimento energético, Gás Natural, Posição Geográfica.

Abstract

Turkey is a country with a territory that belongs mostly to Asia, but a small part, Istanbul region, is a part of the European continent. Bounded by the Black Sea connected by Bosphorus and the Dardanelles to the Marmara Sea and the Caucasus countries, this nation has a high geopolitical importance. It is in this context that the former Ottoman Empire presents strong arguments to achieve his desire shown over the building of the current European Union. Among these, there is a potentiality, diversification of sources of energy supply.

Framed in such a scenario, the present research work aims to identify the energy implications of the possible access of Turkey to the European Union in order to reduce its dependence on natural gas supplies from Russia. To measure this proposition, it should be done a path divided in a number of variables analysed.

To this end it was chosen a deductive approach to the problematic, moving from the general to the particular, in order to corroborate or refute the hypotheses, through the relation of the obtained data. It was used the method of the content analysis, interviews and one exploratory interview.

From the literature review conducted, in a macro perspective, the various authors of the study point to the Geopolitical region of the former Ottoman Empire as an area of utmost importance in the world. With the analysis of some geopolitical factors, it was reinforced the potential of this territory, especially in relation to its central position, the ownership of the Bosphorus and the Dardanelles and its high economic growth.

Given that the European Union depends from Russia at the natural gas supply, Turkey emerges as a gateway to alternative sources of this resource. Thus, South Stream and *Nabucco* projects have different views on the interpretation of energy security of the European Union: the first looks up the diversification of routes, the second aim is, beyond the diversification of routes, the diversity of supply sources.

With the interviews analysis it was found that Turkey has a geographical position that gives them a status of unavoidable waypoint to the European Union of the largest hydrocarbon reserves in the world. It was also found that their accession would represent a pressure relief from Russia with the establishment of alternatives regarding the natural gas.

Turkey, due to its geographical position, controls the Bosphorus and the Dardanelles and given to the proximity of the largest natural gas reserves in the world, the presence of extensive pipelines in its territory and the control of sea lines of communication between the Mediterranean and Black Sea, this country assumes an inevitable position in the relations between Europe and Asia. These factors, coupled with its intention to join the European Union are the elements that may become decisive in the final decision of the European countries in the acceptance of its claim.

Keywords: Turkey, European Union, Energy Supply, Natural Gas, Geographic Position.

Índice Geral

Epígrafe	ii
Dedicatória	iii
Agradecimentos.....	iv
Resumo.....	vi
Abstract	viii
Índice Geral	x
Índice de Figuras	xiv
Índice de Quadros.....	xv
Índice de Tabelas.....	xvi
Lista de Apêndices e Anexos	xvii
Lista de Abreviaturas, Siglas e Acrónimos	xviii
 Capítulo 1 - Introdução	 1
1.1 Enquadramento e Contextualização da Investigação	1
1.2 Justificação do Tema	2
1.3 Objetivo Geral e específicos	2
1.4 Questão Central e Questões Derivadas	3
1.5 Hipóteses de Investigação	4
1.6 Metodologia	4
1.7 Estrutura do Trabalho e síntese de cada capítulo	5
1.8 Modelo de Análise	6

Capítulo 2 - Revisão de Literatura	7
2.1 Prolegómenos	7
2.2 Enquadramento Teórico	7
2.3 Breve resenha Histórico da Turquia	12
2.4 Análise Geográfica da Turquia	19
2.4.1 Principais fatores da Geografia Física.....	19
2.4.2 Principais oleodutos em território turco	22
2.4.3 Principais Fatores da Geografia Humana.....	25
2.4.4 Economia.....	27
2.4.5 Estruturas Políticas e Sociais.....	27
2.5 Relação entre a Turquia, a União Europeia e a Rússia	29
2.5.1 A União Europeia	29
2.5.2 As relações energéticas entre União Europeia e a Rússia.....	30
2.5.3 A Turquia face à União Europeia.....	31
2.6 Relações regionais da Turquia relacionadas com o abastecimento energético.....	32
2.7 O gasoduto <i>South Stream</i>	34
2.8 O gasoduto <i>Nabucco</i>	35
2.9 Síntese Conclusiva	36
 Capítulo 3 - Metodologia e Procedimentos	 38
3.1 Generalidades	38
3.2 Método de abordagem ao problema e justificação.....	39
3.3 Técnicas, procedimentos e meios utilizados	39
3.4 Local e data da pesquisa e recolha de dados	40
3.5 Amostragem: composição e justificação.....	40
3.6 Descrição dos procedimentos de análise e recolha de dados	41
3.7 Descrição dos materiais e instrumentos utilizados.....	41

Capítulo 4- Apresentação, Análise e Discussão de Resultados	42
4.1 Análise da Entrevista Exploratória.....	42
4.1.1 Caraterização da Entrevista Exploratória.....	42
4.1.2 Análise das Entrevistas Exploratórias	42
4.1.3 Análise dos dados exploratórios obtidos.....	42
4.2 Análise das Entrevistas.....	44
4.2.1 Caraterização das Entrevistas realizadas.....	44
4.2.2 Análise das Entrevistas.....	45
4.2.3 Análise dos dados obtidos	45
4.3 Discussão dos resultados.....	49
4.3.1 Importância geopolítica da localização geográfica da Turquia.....	49
4.3.2 Vantagens para a União Europeia ao nível do abastecimento energético com a adesão da Turquia.....	50
4.3.3 Políticas externas turcas relativamente ao Cáucaso e Ásia Central	50
4.3.4 Implicações dos projetos <i>Nabucco e South Stream</i>	51
4.3.5 A dependência energética europeia da Rússia e a alternativa turca.....	51
 Capítulo 5 - Conclusões e Recomendações.....	52
5.1 Introdução.....	52
5.2 Cumprimento dos objetivos	52
5.3 Verificação das Hipóteses de Investigação	52
5.4 Resposta às Questões Derivadas	53
5.5 Resposta à Questão Central.....	55
5.6 Limitações à Investigação	56
5.7 Investigações Futuras	56
 Bibliografia	57

Apêndices	1
Apêndice A:Cronologia das Relações Turquia – União Europeia	2
Apêndice B:Capítulos de Acervo	5
Apêndice C: Análise dos resultados da Entrevista Exploratória à Cònsul Turca ..	7
Apêndice D: Análise dos resultados das Entrevistas	8
Apêndice E: Codificação das Respostas	11
Apêndice F: Guião da Entrevista Exploratória à Cònsul Turca	13
Apêndice G: Transcrição da Entrevista Exploratória.....	16
Apêndice H: Guião de Entrevista.....	19
Apêndice I: Transcrição da Entrevista 1	22
Apêndice J: Transcrição da Entrevista 2	26
Apêndice K: Transcrição da Entrevista 3.....	30
Apêndice L: Transcrição da Entrevista 4	33
 Anexo.....	 1
Anexo A: Presidentes da República da Turquia	2

Índice de Figuras

Figura n.º1 – Modelo de Análise da Revisão de Literatura	6
Figura n.º2 – Divisão do mundo idealizada por Mackinder	9
Figura n.º3 – Divisão do Mundo aos olhos de Mackinder e Spykman	10
Figura n.º4 – Império Otomano	13
Figura n.º5 - Posição da Turquia	19
Figura n.º6 – Fronteiras da Turquia	20
Figura n.º7 - Relevo da Turquia	20
Figura n.º8 - Hidrografia da Turquia e Canais navegáveis.....	21
Figura n.º9 - Necessidades energéticas turcas face à sua produção nacional	22
Figura n.º10 – BTC.....	23
Figura n.º11 - Oleoduto Kirkuk-Yumurtalik	23
Figura n.º12 - Mapa dos Oleodutos e Gasodutos existentes ou em projeto	24
Figura n.º13 - Projeto do TANAP	25
Figura n.º14 - Distribuição populacional da Turquia	26
Figura n.º15 - Crescimento demográfico da Europa	26
Figura n.º16 - Gasoduto de <i>South Stream</i>	34
Figura n.º17 - O projecto <i>Nabucco</i> e <i>South Stream</i>	35

Índice de Quadros

Quadro n.º1 – Vantagens e desvantagens da entrada da Turquia na UE.....	31
---	----

Apêndices

Quadro n.º2 - Análise das respostas à Questão 1, 2, 3, 4, 5 e 6.....	7
Quadro n.º3 - Análise das respostas à Questão 1, 2, 3, 4 e 5.....	8
Quadro n.º4- Codificação alfanumérica das Questões 1, 2, 3, 4 e 5.....	11

Índice de Tabelas

Tabela n.º1 – Análise quantitativa das respostas à Questão n.º1	46
Tabela n.º2 – Análise quantitativa das respostas à Questão n.º2	46
Tabela n.º3 – Análise quantitativa das respostas à Questão n.º3	47
Tabela n.º4 – Análise quantitativa das respostas à Questão n.º4	48
Tabela n.º5 – Análise quantitativa das respostas à Questão n.º5	49

Lista de Apêndices e Anexos

Apêndices

Apêndice A	Cronologia das Relações Turquia – União Europeia
Apêndice B	Capítulos de Acervo
Apêndice C	Análise dos resultados da Entrevista Exploratória à Cónsul Turca
Apêndice D	Análise dos resultados das Entrevistas
Apêndice E	Codificação das Respostas
Apêndice F	Guião da Entrevista Exploratória à Cónsul da Embaixada Turca em Lisboa
Apêndice G	Transcrição da Entrevista Exploratória
Apêndice H	Guião de Entrevista
Apêndice I	Transcrição da Entrevista 1
Apêndice J	Transcrição da Entrevista 2
Apêndice K	Transcrição da Entrevista 3
Apêndice L	Transcrição da Entrevista 4

Anexos

Anexo A	Presidentes da República da Turquia
----------------	-------------------------------------

Lista de Abreviaturas, Siglas e Acrónimos

A

ACG	<i>Azeri-Chirag-Guneshli Pipeline</i>
AM	Academia Militar
APA	<i>American Psychological Association</i>

B

Bcm	Mil Milhões de Metros Cúbicos
BERD	Banco Europeu para a Reconstrução e Desenvolvimento
BTC	<i>Baku – Tbilisi – Ceyhanpipeline</i>
BTE	<i>Baku-Tbilisi-Erzurumpipeline</i>

C

CE	Comunidade Europeia
CEE	Comunidade Económica Europeia
CECA	Comunidade Europeia do Carvão e do Aço
CEMN	Comunidade Económica do Mar Negro
CIA	<i>Central Intelligence Agency</i>

D

DARH	Direção de Administração de Recursos Humanos
------	---

E

EUA	Estados Unidos da América
ENTSO-E	<i>European Network Transmission System Operators for Electricity</i>
EURATOM	Comunidade Europeia da Energia Atómica

F

FMI	Fundo Monetário Internacional
-----	-------------------------------

I

IAEM	Instituto de Altos Estudos Militares
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IESM	Instituto de Estudos Superiores Militares
ITGI	<i>Turkey-Greece Interconnector</i>
K	
Km	Quilómetros
N	
N.º	Número
NBQR	Nuclear, Biológico, Químico e Radiológico
M	
MFA	<i>Turkey Ministry of Foreign Affairs</i>
O	
OCDE	Organização para Cooperação e Desenvolvimento Económico
OE	Objetivo Específico
ONU	Organização das Nações Unidas
OSCE	Organização para a Segurança e Cooperação na Europa
OTAN	Organização do Tratado Atlântico Norte
P	
PCSD	Política Comum de Segurança e Defesa
PIB	Produto Interno Bruto
PNUD	Programa das Nações Unidas de Desenvolvimento
Q	
QD	Questão Derivada
S	
SPI	Sistema Político Internacional
T	
TANAP	<i>Trans-Anatolian Pipeline Project</i>
TAP	<i>Trans-Adriatic Pipeline</i>
TCE	Tratado da Carta da Energia

TO	Teatro de Operações
U	
EU	União Europeia
UNFICYP	<i>United Nations Peacekeeping Force in Cyprus</i>
USD	<i>United States Dollars</i>

Capítulo 1

Introdução

1.1 Enquadramento e Contextualização da Investigação

O Sistema Político Internacional (SPI) caracteriza-se, na atualidade, pela multiplicidade e diversidade de atores, muitos deles com comportamentos imprevisíveis, materializando uma heterogeneidade e uma heteromorfia do ambiente¹ a nível internacional, com fronteiras cada vez mais permeáveis; tendências supranacionais com uma elevada interdependência entre os intervenientes, como é o caso da dependência energética da União Europeia (UE) de países externos (Dias, 2005).

A questão do abastecimento energético da UE tem vindo a assumir um crescente protagonismo no debate político e estratégico, tendo em conta o aumento dos preços do gás natural e do petróleo. Neste âmbito, as Companhias energéticas Europeias, têm cada vez mais dificuldade em ter acesso a estes recursos² (Silva, 2007).

A Rússia, como principal fornecedor da UE, utiliza o gás natural como forma de impor os seus interesses (Silva, 2007). Deste modo, a Turquia surge como possível alternativa a esta dependência energética em virtude da sua posição geográfica facilitar a ligação à região da Ásia Central e do Cáucaso, áreas que têm capacidade para fornecer hidrocarbonetos à UE. Concretizando, a posição central da Turquia poderá garantir ou facilitar o acesso da UE às seguintes regiões: Cáucaso, Mar Negro, Médio Oriente e Ásia Central. Se assim for, contribuirá para o estabelecimento de relações com vários Estados, desde os territórios dos países do Cáucaso até à fronteira ocidental da China, embora o possa fazer de outros modos (Rodrigues, 2009).

A posição geográfica da Turquia, cercada por atores internacionais heterogéneos, possibilita desenvolver linhas de ação políticas em diversas direções. Para além disso, ao assumir uma política externa ativa foca-se essencialmente em aspetos de segurança e no relacionamento com o ocidente e com o oriente (Rodrigues, 2009). A política externa da

¹Carateriza-se pela diversidade e multiplicidade de padrões de relacionamentos e de estruturas organizacionais no seio do SPI (Dias, 2005).

² A UE não é autossustentável ao nível destes recursos, ou seja, a sua produção não cobre o seu consumo. Assim, é dependente da Rússia, o maior fornecedor de gás natural e, também, a fonte mais próxima. A crescente dependência representa elevados riscos para esta Organização Internacional (Silva, 2007).

Turquia de *zero problems with neighbours*, na qual são privilegiadas as relações de proximidade com os países vizinhos, tem levado a um crescimento das relações políticas regionais e com isso contribuiu para uma maior relevância internacional de Ancara (Rodrigues, 2012).

Apesar disto, a Turquia tem, ao longo dos últimos anos tentado sem sucesso a adesão à União Europeia, e temos assistido a avanços e recuos neste processo de candidatura (Matos, 2012).

Este assunto assume uma grande importância no âmbito da Geopolítica, enquanto estudo das relações entre a Ciência Política e a geografia, associando-se às relações de poder que se estabelecem entre os vários atores do SPI (Dias, 2005).

1.2 Justificação do Tema

Como futuros Oficiais do Exército Português devemos compreender as grandes questões da “arena” internacional que influenciam a Organização Internacional à qual pertencemos (UE), mas também a nossa própria Nação. A eventual adesão da Turquia à UE poderá associar-se ao seu abastecimento energético pela alternativa que oferece à Organização Internacional europeia.

A UE tem atualmente problemas no seu abastecimento energético devido à dificuldade em ter acesso a novas reservas de petróleo e gás natural, o declínio da produção do Mar do Norte, ao “nacionalismo” dos recursos que abrange países como a Rússia e os países da América Latina (Silva, 2007). De uma forma direta, todas estas questões afetam o fornecimento de recursos energéticos à UE e, consequentemente, a Portugal.

Para além disso, é um tema que me suscitou particular interesse durante o percurso na AM, devido às Unidades Curriculares de Geografia, Estratégia e Teoria das Relações Internacionais. Este fator do interesse no tema torna-se importante para a investigação, funcionando como fonte de motivação.

1.3 Objetivo Geral e específicos

Os objetivos não são mais do que “um enunciado declarativo que precisa a orientação da investigação segundo o nível dos conhecimentos estabelecidos no domínio em questão. Especifica as variáveis-chave, a população alvo e o contexto de estudo”

(Fortin, 2009, p. 100), ou de um modo mais simples “um enunciado que precisa as variáveis-chave, a população alvo e a orientação da investigação” (Freixo, 2011, p. 164).

Assim, com a realização deste trabalho pretendemos investigar a importância da posição geográfica da Turquia para o abastecimento energético, nomeadamente, de gás natural e petróleo, da UE, assim como, se a sua posição condicionará (favorecerá ou não) a sua eventual adesão nesta Organização. Para tal, pretendemos enumerar as principais fontes energéticas que a abastecem, nomeadamente, os gasodutos projetados e existentes que atravessam a Turquia, como é o caso do *Nabucco*.

O Objetivo Geral consiste, assim, em identificar as implicações energéticas da eventual adesão da Turquia à UE, para diminuir a sua dependência do abastecimento de gás natural da Rússia. Para tal foram delineados cinco objetivos específicos:

OE1: avaliar a importância da posição geográfica da Turquia para o acesso da UE aos recursos existentes no Cáucaso e na Ásia Central;

OE2: avaliar as relações externas da Turquia com os Estados localizados no Cáucaso e na Ásia Central;

OE3: identificar as implicações do Projeto *South Stream* para o abastecimento energético da UE;

OE4: identificar as implicações do Projeto *Nabucco* para o abastecimento energético da UE;

OE5: verificar se a posição geográfica da Turquia influenciará na decisão da sua eventual adesão à UE.

1.4 Questão Central e Questões Derivadas

A Questão Central é “uma interrogação explícita relativa a um domínio que se deve explorar com vista a obter novas informações. É um enunciado interrogativo e não equívoco que precisa os conceitos-chave, especifica a natureza da população que se quer estudar e sugere uma investigação empírica” (Fortin, 2009, p. 51); assim, estabelecemos a seguinte: **Qual a importância da posição Geográfica da Turquia para diminuir a dependência energética da União Europeia do Gás Natural da Rússia?** A partir desta questão derivam outras, nomeadamente:

QD1: Qual importância da posição geográfica da Turquia para o acesso da UE aos recursos energéticos do Cáucaso e da Ásia Central?

QD2: Qual a importância das relações externas da Turquia com os Estados existentes no Cáucaso e na Ásia Central?

QD3: Quais as implicações do Projeto *South Stream* para o abastecimento energético da UE?

QD4: Quais as implicações do Projeto *Nabucco* para o abastecimento energético da UE?

QD5: A posição geográfica da Turquia influirá na sua eventual adesão à UE?

1.5 Hipóteses de Investigação

Perante as questões referidas e com o objetivo de se constituírem proposições de resposta à Questão Central, embora sem uma submissão rigorosa a controlos científicos de validação, destacam-se as seguintes hipóteses como eixos de investigação:

H1: A posição geográfica da Turquia favorece o acesso aos recursos energéticos existentes na região do Cáucaso e da Ásia Central por parte da UE.

H2: A concretização do projeto *South Stream* torna a UE mais dependente da Rússia, no seu abastecimento do gás natural.

H3: Os projetos de abastecimento energético que ligam a UE à Turquia garantem acesso a fontes energéticas do Cáucaso e da Ásia Central.

H4: A posição geográfica da Turquia influirá a decisão dos países europeus na sua eventual adesão à UE.

1.6 Metodologia

Este estudo cumpre as normas fornecidas pela Academia Militar (2011), complementadas, no caso de omissão, pelas normas *American Psychological Association* (APA), 6ª edição.

A Investigação será efetuada através de pesquisa e análise documental, procurando identificar as potencialidades e vulnerabilidades que a posição geográfica da Turquia oferece na passagem de gasodutos para abastecer energeticamente a UE. Como método de análise de informação, vai ser utilizada a análise de conteúdo, assente em fontes primárias e secundárias: desde obras literárias, artigos de jornais, documentos oficiais ou mesmo relatórios de entrevistas semidiretivas. “Melhor do que qualquer outro método de trabalho,

a análise de conteúdo permite, quando incide sobre um material rico e penetrante, satisfazer harmoniosamente as exigências do rigor metodológico e da profundidade inventiva” (Quivy et Campenhoudt, 1992, p.226, 227)

Dentro desta análise de conteúdo, a variante escolhida para este trabalho é a análise temática cujo objetivo principal é revelar as representações sociais ou os juízos predominantes no mundo científico da temática em questão. Para consolidar esta fase exploratória, procederemos a uma entrevista de natureza exploratória à Cônsul Turca em Portugal. Este método vai ser complementado com entrevistas semidiretivas³, que têm os seus elementos de informação valorizados através da análise da enunciação e da análise estrutural. (Quivy et Campenhoudt, 1992).

1.7 Estrutura do Trabalho e síntese de cada capítulo

O presente trabalho encontra-se dividido em cinco Capítulos, nos quais se incluem a “Introdução” e as “Conclusões e Recomendações”.

No segundo Capítulo expomos a Revisão da Literatura na qual, através da análise documental e de conteúdo se procura enquadrar os principais conceitos que sustentam a nossa investigação. Nomeadamente o de Geopolítica e a sua ligação com a Ciência Política. Ainda associada a esta ciência definiremos os fatores geopolíticos, dando ênfase ao subfactor “posição”. Deste modo, releva-se a relação da Turquia com a Organização Internacional UE, desta com a Rússia, com os países do Cáucaso e da Ásia Central, e, por fim, a problemática dos projetos *South Stream* e do *Nabucco*. Ainda neste capítulo, será abordada a perspetiva da União Europeia, com especial ênfase no seu abastecimento energético de gás natural e as suas políticas neste âmbito.

O terceiro Capítulo refere-se ao conjunto de procedimentos utilizados e a metodologia adotada para a realização de toda a investigação.

O capítulo seguinte objetiva o trabalho de campo, nomeadamente, a análise da entrevista exploratória e das entrevistas, a apresentação dos seus resultados e a discussão dos mesmos. Além disso, serão apresentadas as pontes e correlações com a Revisão de Literatura realizada no Capítulo 2.

Por fim, serão então tecidas as conclusões e recomendações que materializam a resposta à Questão Central redigida no presente capítulo, todas as questões derivadas, o

³ “Já tem guião, com um conjunto de tópicos ou perguntas (...). Também dá liberdade ao entrevistado, embora não o deixe fugir muito ao tema”. (Sousa & Baptista, 2011, p. 81).

objetivo geral e específicos. Alcançado tal desiderato, poderemos então argumentar a corroboração ou a refutação das hipóteses.

1.8 Modelo de Análise

A conceptualização exposta representa uma dimensão importante da construção do modelo de análise usado e procura obviar imprecisões e arbitrariedade (Figura n.º1). Assim, o espaço geográfico principal de estudo é a Turquia, relevando a sua posição geográfica como elo de ligação entre a UE e as regiões adjacentes, nomeadamente o Cáucaso e Ásia Central e simultaneamente a forma de abastecer a UE de outras fontes, para além da Rússia.



Figura n.º1 - Modelo de análise da Revisão de Literatura

Fonte: Autor

Capítulo 2

Revisão de Literatura

2.1 Prolegómenos

O presente capítulo visa a edificação de um corpo teórico que sustente e aprofunde o trabalho de campo a ser realizado no Capítulo 4, representando o esforço maior desta investigação.

Assim, procurou-se apresentar um quadro de análise geopolítico da importância turca propiciado pelos grandes impulsionadores desta área científica. Desenvolveu-se então uma análise histórica deste país, seguida de uma perspectiva geográfica, atendendo aos principais fatores físicos e humanos, ambas as óticas indissociáveis segundo Mackinder (1861-1974) (Defarges, 2003). Posteriormente, foi analisada a sua relação com a UE, realçando as suas políticas energéticas, entre esta e a Rússia e com os países do Cáucaso e da Ásia Central. De seguida, realçou-se a problemática dos projetos dos gasodutos *South Stream* e *Nabucco* relativamente ao abastecimento energético europeu.

Por fim, estabelecem-se relações entre todas as questões abordadas ao longo deste capítulo, através da síntese conclusiva da Revisão da Literatura. Tal permitirá a concretização de uma base teórica que permitirá uma verificação através do trabalho de campo, materializado em entrevistas, executado no próximo Capítulo.

2.2 Enquadramento Teórico

É essencial para compreender a importância geopolítica de um Estado, estudarmos alguns autores que nos permitem um entendimento mais profundo da investigação que se realizará posteriormente relativamente ao objeto de estudo, a Turquia. Assim, criaremos um “pano de fundo teórico” que permitirá estabelecer conclusões quanto à relevância geopolítica⁴ deste Estado e da sua aproximação, ver integração, na UE.

Introduzindo tal ciência, a palavra geopolítica surgiu no final do século XIX por um professor sueco de Geografia e Ciência Política, Rudolf Kjellén (1846-1922) que a definiu

⁴ Esta define-se como a importância que o seu espaço e a sua localização territorial apresentam no conjunto de interdependências realizadas no SPI (Defarges, 2003).

como “... o estudo do estado considerado como um organismo geográfico ou ainda como um fenómeno espacial, quer dizer, como uma terra, um território, um espaço, ou mais exatamente ainda, um país” (Defarges, 2003). Kjellen já havia utilizado este termo num artigo publicado em 1899, mas sem o definir. Para este autor a Geopolítica era um dos ramos da política, sendo que esta, por sua vez, consistia na ciência do Estado (Dias, 2005).

Do ponto de vista de Clausewitz e Mahan, o objetivo da geopolítica é o Poder, a sua materialização e o seu exercício no espaço com vista a atingir os seus objetivos políticos⁵ (Defarges, 2003). Destacando Mahan, por a sua teoria revelar a importância turca, este deduz que o primeiro imperativo de qualquer potência naval é a detenção de pontos de apoio. O estratégia naval deve ter uma visão simultaneamente ampla e precisa do espaço e o controlo dos pontos-chave⁶ deve ser pensado e iniciado em tempo de paz. Nesta perspetiva, o estratégia naval encontra-se muito próximo do geopolítico: tem a capacidade de avaliar os espaços, a sua importância política, económica e militar (Defarges, 2003).

Estudando Halford J. Mackinder (1861-1947)⁷, o ponto-chave reside na combinação entre a geografia e a história. Por um lado, não pode existir história fora da geografia, pois as aspirações humanas sofrem a influência da geografia. Por outro lado, a história reinventa e redefine sem cessar a geografia. (Defarges, 2003). Na sua primeira teoria (*The Geographical Pivot of History*), este autor define uma região pivô⁸ situada na Eurásia (especificamente no antigo Império Czarista) como zona nunca antes conquistada pelas potências navais, vasta e rica em recursos naturais, energéticos, água, terra e florestas. Na sua segunda abordagem, Mackinder retoma a zona pivô desenvolvendo-a, agora, como *Heartland*, coração do mundo, entendido como o norte e o interior da Eurásia, desde o Ártico até aos desertos da Ásia Central. Este tem como limites ocidentais o grande istmo situado entre o Báltico e o mar Negro. Este espaço de *Heartland* não pode ser fixado com precisão no mapa, pois, segundo Mackinder, está assente em três componentes: a planície mais vasta do planeta, longos rios navegáveis que se perdem uns nos gelos do ártico e nos mares fechados⁹, e, por último, uma enorme zona de pastagem que assegura aos nómadas

⁵Estes não são mais do que a aquisição de um território conforme a sua ambição, o estabelecimento de fronteiras com uma configuração que afaste qualquer tipo de ameaça, ou seja, a aquisição de um império (Howard e Paret, 2008).

⁶ Os pontos-chave são delimitações territoriais que permitem o controlo e domínio de toda uma região, pela importância geopolítica já referida que assume (Defarges, 2003).

⁷ Percebe-se que em primeiro lugar, este é um produto da era vitoriana em que a Inglaterra se encontra no seu auge e é senhora dos mares, do Suez a Hong Kong e do Canadá às Índias (Dias, 2005).

⁸ “Este pivô geográfico da História consiste numa massa terrestre de larga envergadura localizada no centro da Eurásia, e que devido às suas características geográficas servia de alavanca à projeção de qualquer potência capaz de exercer o seu domínio sobre toda essa extensão de território” (Dias, 2005, p. 22).

⁹ O rio Nilo Branco ou o rio Congo.

uma perfeita mobilidade. Mackinder sugere ainda um segundo *Heartland*, a sul, situado em África, a sul do Sahara, detém as condições que convidam à circulação, permite controlar a península Arábica, o oceano Índico e o Atlântico sul (Kearns, 2009).

À volta da *Heartland* existem em semicírculos concêntricos diversos tipos de espaços. Existe, em primeiro lugar o crescente interior (*Innecrescent*), cinturão protetor do *Heartland*, nomeadamente, a região da Sibéria, cadeia de Himalaias, deserto de Gobi e os desertos do Tibete e do Irão. Ainda assim existe uma pequena abertura, a planície euroasiática, que vai desde o Atlântico ao centro da Ásia. À volta deste crescente interior existem as regiões costeiras (*Coastlands*), que são as penínsulas em que se agrupam a maior parte das populações. Junto destas regiões existem ainda as ilhas crescente exterior (*Outercrescent*) que é a Grã-Bretanha e o Japão que se constitui como *Offshore islands* (Kearns, 2009).

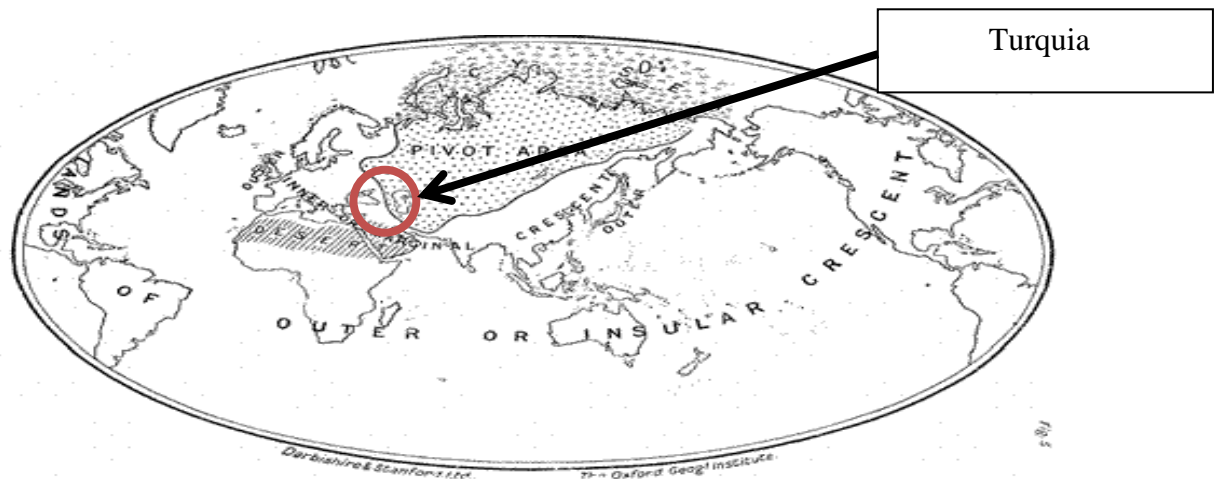


Figura n.º2 – Divisão do mundo idealizada por Mackinder

Fonte: Exploringgeopolitics

Numa perspetiva complementar, é analisado Nicholas John Spykman¹⁰ (1893-1943) que realça a importância da Europa de Leste numa perspetiva americana. Este revela a importância da geografia, no âmbito da sua relação com as políticas externas dos Estados, pois o fator físico da geopolítica é o que tem o carácter de permanência (Spykman, 2007): “A determinante fundamental na formulação de uma política nacional, pois é a mais permanente [...]. Uma vez que as características geográficas dos Estados são relativamente estáveis e imutáveis, (geografia física) as aspirações geográficas destes Estados mantêm-se

¹⁰ Nasceu em Amsterdão, entre 1913 e 1920 como jornalista, percorreu o Próximo Oriente e a Ásia; fez os estudos superiores na Universidade da Califórnia entre 1921 e 1923 onde veio a ensinar Ciência Política e Sociologia. Entre 1935 e 1940 Spykman é presidente do departamento de Relações Internacionais e Diretor do Instituto de Estudos Internacionais (Defarges, 2003).

as mesmas durante séculos; e, por o mundo ainda não ter atingido essa situação feliz em que as necessidades de cada um não entram em conflito com as dos outros, estas aspirações são fonte de atritos. Assim, a geografia é responsável por numerosas lutas que se perpetuam através da história, enquanto os governos e as dinastias mudam”. A esta ideia de permanência de Spykman, deve-se acrescentar a perspectiva geopolítica que assenta na base da configuração dos Estados não ter nada de imutável (Spykman, 2007).

Se o trabalho de Mackinder assentava em torno da ideia de *Heartland*, Spykman dá ênfase e tem como zona pivô o *Rimland*, ou seja, as zonas costeiras. O *Rimland* da Eurásia compreende a Europa Costeira, os desertos da Arábia e do Médio Oriente, a Ásia das monções. Esta é a região intermediária entre o *Heartland* e os mares, funcionando como uma zona de conflito (Defarges, 2003). Segundo Spykman, quem tem o controlo do *Rimland* tem o controlo da zona charneira do mundo, ou seja esta região que pode parecer frágil por estar vulnerável ao poder marítimo e naval, na realidade, é capaz de conter um e outro (Defarges, 2003). “Quem controla o *Rimland* domina a Eurásia; quem domina a Eurásia controla os destinos do mundo” (Almeida, 1994, p.35).

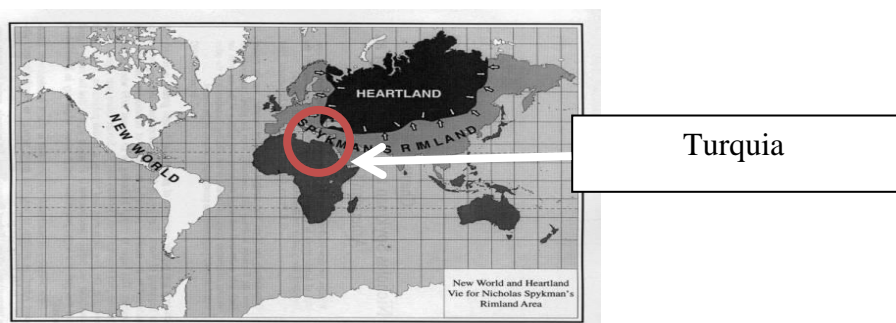


Figura n.º3 – Divisão do Mundo aos olhos de Mackinder e Spykman

Fonte: Fogbankperspectives

O último autor a estudar é Haushofer¹¹, apresentando-nos a perspectiva complementar germânica, que idealiza uma Geopolítica que tem como base ajudar a Alemanha a elaborar as ferramentas necessárias para obter o seu lugar no mundo (Defarges, 2003). Segundo Haushofer, a geografia política interroga-se sobre a distribuição do poder estadual no espaço, tal como sobre o exercício do poder nesse espaço (Lautensach, 1928). Para este, o espaço cultural alemão deve encontrar a sua unidade, e expandir-se para a Europa Central. Haushofer tinha influências de Mackinder e em 1940

¹¹ Nasceu em Munique em 1869, professor da escola alemã de Estado-Maior, doutorado em geografia, geologia e história e foi Oficial do Exército (Dias, 2005).

após o pacto germano-soviético Ribbentrop-Molotov¹², acreditou que o pesadelo de Mackinder se acabara de realizar, a unificação continental e a exclusão das potências marítimas (Defarges, 2003). A perspectiva geral de Karl Haushofer traduziu-se no modelo das Pan-Regiões, originando a Pan-América, Pan-Euro-Ásia, Pan-Rússia e Pan-Ásia-Oriental, sendo estas regiões dirigidas por Estados-diretores, nomeadamente, EUA, Alemanha, União Soviética e Japão, respetivamente (Dias, 2003).

Assim a Geopolítica surge como uma Ciência de carácter multidisciplinar, e segundo Mendes Dias (2005, p. 59) “auxilia a Política na definição dos seus objetivos e contribui para o método estratégico, designadamente na construção de cenários credíveis e sustentáveis”. Para tal surgem os fatores geopolíticos como elementos de carácter geográfico diretamente relacionados com o Poder¹³, sendo “um conjunto de agentes, elementos, condições ou causas de natureza geográfica, suscetíveis de serem operados no levantamento de hipóteses para a construção de modelos dinâmicos de interpretação da realidade, enquanto perspetivação consistente de apoio à Política e à Estratégia¹⁴” (IAEM, 1996, p.17). Os fatores geopolíticos são o Fator Físico, Humano, Recursos Naturais, Circulação, Tecnológico e Estruturas, explicando-se seguidamente.

O Fator Físico envolve os subfactores relacionados com a extensão, localização, configuração, morfologia, solo, vegetação, clima, mar e vias navegáveis, meio aeroespacial e alterações resultantes da ação do homem.

Por sua vez, o Fator Humano divide-se em Demografia e Etnografia. A Demografia estuda os efetivos populacionais a sua distribuição e densidade populacional, a taxa de crescimento da população a composição e estrutura populacional. A Etnografia estuda então a qualidade e nível de vida, a raça, religião, etnias, língua, educação, família, nível científico. Entrando no Fator Recursos naturais, este compreende os de natureza energética, minerais e alimentares. O Fator Circulação envolve as comunicações de transportes e comunicações de relação, o Fator Tecnológico não tem subfactores e o Fator Estruturas envolve aquelas de cariz Político; Social; Económico; Militar e outras.

¹² Tratado entre a Alemanha Nazi e a União Soviética. Este tratado garantia que nenhum dos intervenientes ofendia o outro com meios bélicos; nenhuma nação favorecia os inimigos da outra, além de que a União Soviética não reagia à invasão alemã da Polónia (Defarges, 2003).

¹³ “O Poder deve ser entendido como a capacidade de impor ao «outro» a nossa vontade; a capacidade de obrigar o «outro», quer ele queira ou não, mediante a suposição por este, que se não aceita a vontade do primeiro, corre o risco de sofrer sanções eficazes. A eficácia destas é importante e nesta medida há que ter os meios operacionais e operacionalizáveis e há que ter a vontade de os utilizar, de forma a fazer da credibilidade uma regra” (Dias, 2005, p. 219)

¹⁴ “Estratégia é a ciência/arte de gerar, estruturar e utilizar recursos tangíveis e intangíveis a fim de uma organização atingir objetivos por si estabelecidos, que suscitem ou podem suscitar hostilidade de uma outra vontade/estrutura organizacional” (Dias, 2012, p. 278).

O Fator Físico é um dos mais significativos por dois motivos: o seu conteúdo está diretamente ligado à caracterização da entidade e detém um caráter de permanência, permitindo ser conhecido antecipadamente com rigor (Dias, 2005).

Mais especificamente, o subfactor posição ou localização é também chamado de localização relativa ou meio físico. No primeiro caso de localização relativa, é de destacar que “os nossos vizinhos” convivem diretamente connosco, fazendo parte da nossa área de interesse e por conseguinte as interações existentes sofrem influência dos territórios adjacentes. No segundo caso, em que se fala de meio físico, os territórios podem ter uma posição marítima (insular ou litoral), posição interior e posição mista ou continental. Todos estes tipos de posições têm vantagens e desvantagens, sendo que aquelas que apresentam equilíbrio são as que têm acesso a mares abertos e fronteiras terrestres (Dias, 2005).

Entre os demais fatores envolvidos¹⁵, sublinhando a visão de Ratzel (1844-1904) através das sete leis geográficas do crescimento do Estado na sua obra “Geografia Política”: “As regiões valiosas podem sê-lo por serem ricas em recursos naturais, ou pelas vantagens que propiciam do ponto de vista da posição” (Sequeira, 2011, p. 190). Por outras palavras, o facto de existirem recursos a acompanhar as características físicas torna-se numa grande mais-valia (Dias, 2005).

O conceito de Geopolítica pelo qual optamos, consiste em afirmar que esta é o “estudo das constantes e variáveis do espaço acessível ao Homem ou que dele sofre efeito intencional que, ao objetivarem-se na construção de modelos de dinâmica de poder, projeta o conhecimento geográfico no desenvolvimento e na atividade da ciência política, com influência na ação externa dos diferentes intervenientes na Sociedade Internacional” (Dias, 2012, p. 205).

2.3 Breve resenha Histórica da Turquia

O nome Turquia surgiu pela primeira vez em italiano *Turchia* (Mango, 2002 p.4), sendo que se relacionava com a etnia. É interessante verificar que este foi o nome adotado no século XX por Atatürk¹⁶ na fundação da República (Fernandes, 2005)

Será importante iniciar esta análise a partir do Império Otomano e da sua matriz islâmica a partir do final do século XIII, mais precisamente, em 1281. Um senhor da

¹⁵ Físico, humano, circulação, recursos naturais, científico-tecnológico e estruturas. (Dias, 2011).

¹⁶ Mustafa Kemal Atatürk foi Oficial do Exército, fundador e primeiro presidente da República da Turquia (Fernandes, 2005).

Guerra chamado Osman¹⁷, de origem turcomana, herdou um principado da Ásia Menor que foi alargando com a anexação das terras do Império Bizantino (Fernandes, 2005).



Figura n.º4 – Império Otomano

Fonte: História Maximus

Após uma série de vitórias, os seguidores de Osman, levaram o Império em direção ao ocidente, entrando por território europeu. Desta forma, alargaram a sua influência no mundo, mantendo-se durante mais três séculos graças ao seu poderio militar. Já na segunda metade do século XV, Mehmet II¹⁸, após dezoito campanhas vitoriosas, duplicou a área do Império com a conquista de Constantinopla, consolidando o Império. (Rodrigues, 2009)

Mas o domínio turco-otomano que se pode dizer marcar ainda hoje as relações externas da Turquia foi posterior: dos séculos XVI a XIX. Nesta época, a Turquia encontrava-se mais avançada que a Europa ao nível militar e de unidade religiosa (Ugutçu, 1998). Os conflitos e fricções da época entre a Turquia e o Mundo Ocidental explicam as relações de conflito e competição de Ancara (Rodrigues, 2009).

O Império Otomano era organizado segundo um modelo feudal muito diferente do Europeu Ocidental. Neste último, a guerra apenas podia ser conduzida pelos senhores feudais, as armas estavam interditas à população comum. Já com os otomanos as terras eram distribuídas pelos chefes de guerra, sendo que estes tinham o dever de as povoar e explorar, além de ter de financiar os cavaleiros e *sipahis*¹⁹ e enviá-las para a guerra a pedido do sultão, constituindo o seu exército a par dos janízaros²⁰. (Lacoste, 2006)

Os janízaros detiveram um papel essencial no alargamento do Império, mas com os avanços da artilharia europeia e com o aumento das suas regalias, o Exército Otomano

¹⁷ Líder dos turcos otomanos, estabeleceu e governou o inicial Império Otomano (Fernandes, 2005).

¹⁸ Foi o primeiro soberano do Império Otomano a autoproclamar-se Califa, soberano supremo de todos os muçulmanos. Após chegar ao poder acabou com o império Bizantino ao conquistar Constantinopla (Rodrigues, 2009).

¹⁹ Nome dado a vários Corpos de Cavalaria Otomanos (Lacoste, 2006).

²⁰ Corpo de elite do Exército dos Sultões Otomanos. Esta força era criada através de crianças cristãs que eram capturadas e eram convertidas ao islão e treinadas desde cedo (Lacoste, 2006).

começou a ficar tecnicamente ultrapassado. Deu-se assim o recuo territorial do Império Otomano, o aparecimento de movimentos nacionais, o crescimento dos imperialismos europeus, a revolta dos gregos e o apoio destes por parte de potências europeias. Deste modo, os gregos do Peloponeso com o apoio dos ingleses, franceses e russos derrotaram os Otomanos apoiados pelos egípcios na batalha de Navarino²¹ em 1827 (Lacoste, 2006).

Devido ao apoio prestado ao Império, Mehmet Ali ²² exigiu compensações que, quer na Ilha de Creta quer na Síria lhe foram recusadas. É então que o Egito lança ataques ao Império Otomano e consegue chegar até à Anatólia. Porém, em 1833 quando os egípcios se preparam para entrar em Istambul, a Inglaterra intervém e sustém a queda do Império Otomano (Lacoste, 2006). Existia um receio por parte dos ingleses e dos franceses do desmembramento do Império Otomano, levando o império russo a uma saída para o Mediterrâneo²³, o que conduziu à Guerra da Crimeia de 1854 a 1855²⁴. (Lacoste, 2006).

Só em 1908 com a revolução dos “Jovens Turcos”, levada a cabo por intelectuais e oficiais do Império Otomano, esta nação começa a encontrar forma de se modernizar com a aplicação de uma Constituição. Em 1909, o Sultão Abdul Hamid²⁵ foi demitido e é então que um triunvirato político e militar tomou o poder a fim de fazer face em 1911 à invasão italiana na Líbia e nas ilhas Jónicas. Apesar disto, os “Jovens Turcos” não conseguiram ter tempo suficiente para se modernizarem a nível militar, pois sofreu um ataque em 1912 na região dos Balcãs por parte de uma coligação que os russos organizaram entre sérvios, búlgaros e a gregos (Lacoste, 2006).

Após a independência da Albânia em 1912, o Império Otomano perdeu a maior parte do seu território no Continente Europeu, à exceção de Istambul e das regiões circundantes. Em 1913 surge novo conflito: a segunda guerra balcânica, com a Bulgária que havia conquistado a maior parte dos territórios a ser atacada pelos sérvios, gregos, romenos e turcos. Desta forma a Turquia reconquistara a Trácia. Esteve perto de acontecer

²¹ Batalha Naval travada em 20 de outubro de 1827, durante a Guerra de Independência da Grécia. A Batalha decorreu na baía de Navarino, na costa ocidental do Peloponeso, no mar Jónico (Rodrigues, 2009).

²² Mehmet Ali foi vice-rei do Egito de 1805 a 1848 na condição de Governador do Império Otomano. Considerado o fundador do Egito moderno, pois introduziu grandes reformas no país, conseguiu uma considerável autonomia frente ao Império Otomano e também ampliou consideravelmente as suas fronteiras (Lacoste, 2006).

²³ Esta era uma questão que se colocava, pois o Czar exigia ser reconhecido como protetor de todos os cidadãos cristãos ortodoxos do império otomano. Este facto garantia-lhe uma influência considerável (Lacoste, 2006).

²⁴ Conflito que ocorreu na península da Crimeia, no Mar Negro, ao sul da atual Ucrânia, no sul da Rússia e nos Balcãs. Este conflito opôs o Império Russo a uma coligação formada pelo Reino Unido, França e o Império Otomano (Lacoste, 2006).

²⁵ Sultão que administrou o período de declínio no poder e na expansão do Império Otomano, governando desde 1876 até 1909 (Lacoste, 2006).

uma terceira guerra balcânica entre o Império Austro-húngaro e a Sérvia. Esta terceira guerra não se verificou devido ao atentado de Sarajevo²⁶ e ao ultimato austríaco à Sérvia que vieram dar origem à Primeira Guerra Mundial (Lacoste, 2006).

Os “Jovens Turcos” levaram a Turquia a envolver-se nesta guerra, devido aos laços estabelecidos com a Alemanha. Grande parte dos arménios que viviam na Turquia foram exterminados (Lacoste, 2006). Em Maio 1915 foi oficialmente dada a ordem de deportação dos arménios para a Síria, ficando assegurada a segurança dos refugiados, porém não foi o que se verificou com 800 mil arménios²⁷ (Rodrigues, 2009).

Em novembro de 1918 com o Armistício e fim da Primeira Guerra Mundial, as potências vencedoras, através de uma coligação com contingentes do Reino Unido, França, Itália e Grécia, entraram em Istambul e procuraram controlar os principais centros político-económicos da Anatólia. Com esta ocupação militar, o movimento nacionalista turco/otomano pretendia ter como fronteiras para o novo Estado a linha do Armistício. Esta pretensão consistia na perda de todas as províncias Árabes da Síria à Península Arábica, até ao Iraque, questão em aberto com o Tratado de Versalhes²⁸ (1919), mas queriam vê-la resolvida com o Tratado de Sèvres²⁹ (1920) (Fernandes, 2005). Este tratado é desastroso para a Turquia, tendo em conta que atribui a Trácia e as regiões da Ásia Menor à Grécia; cria uma Arménia independente, um Curdistão autónomo, os estreitos passam a ser controlados por uma comissão internacional e a Itália ficou com o controlo de Rodes e das ilhas conquistadas em 1912 (Lacoste, 2006).

Apesar disto, em 1923, os Aliados decidem abandonar o Tratado de Sèvres e assinar o Tratado de Lausanne³⁰. Com este, a Turquia voltava a obter o controlo dos Estreitos, tinha a conservação da Trácia, toda a Anatólia e já não se falava da independência do Curdistão e da Arménia. Ainda as províncias árabes do Império Otomano passaram a estar

²⁶ O Assassinato de Sarajevo foi o incidente que em 1914 vitimou o arquiduque Francisco Fernando, herdeiro do Império Austro-húngaro, e a sua esposa, a duquesa Sofia de Hohenberg, em Sarajevo. O atentado foi levado a cabo pela organização Mão Negra (Rodrigues, 2009).

²⁷ Não existe um consenso quanto a este número; este número varia entre os 300 mil e os 1,5 milhões de mortos. Estes números são respetivamente os atribuídos por turcos e arménios. No entanto o número referido pelo Tribunal Otomano para Crimes de Guerra aponta para os 800 mil mortos. Este tribunal foi criado pelos Aliados no final da Primeira Guerra Mundial (UN, 2013).

²⁸ Tratado de paz assinado pelas potências europeias que encerrou oficialmente a Primeira Guerra Mundial. Após seis meses de negociações em Paris, o tratado foi assinado como uma continuação do armistício de Novembro de 1918 que havia posto fim aos confrontos (UE, 2013).

²⁹ Acordo de paz assinado entre os aliados e o Império Otomano após a Primeira Guerra Mundial (CIA, 2013).

³⁰ O tratado de Lausanne foi o tratado de paz firmado em 1923 na cidade suíça de Lausanne pelo Reino Unido, França, Itália, Japão, Grécia, Roménia, Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos e Turquia (Lacoste, 2006).

sobre mandatos, confiados, através da Sociedade das Nações, à França e ao Reino Unido (Lacoste, 2006).

O problema Curdo deve também ser analisado e este tem sido o mais grave problema político da Turquia. Os dois principais grupos de Curdos encontram-se na Turquia e no Irão. Ao longo da história, os curdos nunca constituíram um Estado. No que concerne ao império Otomano, foi prometido aos Curdos, o Curdistão com autonomia, todavia, o governo turco esmagou as revoltas curdas. A partir de 1970, nas cidades com maiorias curdas, criaram-se organizações, mas o Golpe de Estado de 1980 interrompeu o alegado movimento de democratização. O movimento curdo continua a ser apoiado por Estados exteriores, como é o caso da Grécia, da Síria e do Irão (Lacoste, 2006).

A partir do momento da desintegração do Império Otomano, a Turquia tem vindo a desenvolver uma política de aproximação a nível político e cultural às formas de cooperação europeias³¹. Para tal, procurou, ao longo dos anos, respeitar os seus parâmetros, designadamente, a abolição da pena de morte e uma revisão dos direitos da população curda do leste do país, levando a Comissão Europeia a aconselhar o Conselho da UE a iniciar as negociações para a adesão turca.

Nesta sequência, o seu primeiro passo deu-se a 31 de julho de 1959, no qual a Turquia emite o primeiro pedido para a entrada na então Comunidade Económica Europeia (CEE). Não tendo tido sucesso, é mesmo assim alcançado o Acordo de Ancara³², representando o principal laço com a UE e que entrou em vigor a 1 de Dezembro de 1964 (CIA, 2013). Tal acordo originou uma união aduaneira³³ assente num regime associativo com órgãos permanentes.

Apesar desta aproximação, o objetivo da CEE, era afastar a Turquia da Rússia. Porém, a relação entre a CEE e a Turquia desgastou-se e foi ainda mais agravado pela crise de Chipre de 1974 e pela adesão da Grécia em 1979, que se tinha candidatado ao mesmo tempo que a Turquia (Rodrigues, 2009) (Ver Cronologia detalhada no Apêndice A).

³¹ Várias reformas foram iniciadas, nomeadamente, a substituição do alfabeto árabe pelo alfabeto latino, a aproximação do seu sistema político ao europeu, aboliu-se a poligamia e o aumento de relações comerciais e políticas (CIA, 2013).

³² De 1963 e com um protocolo adicional em 1963 com o objetivo de estabelecer a livre circulação de trabalhadores que não se concretizou por razões socioeconómicas (CIA, 2013).

³³ “A união aduaneira é uma fórmula mais ambiciosa que a de zona de comércio livre: comporta a livre circulação das mercadorias em geral – originárias dos Estados-membros ou legalmente importadas de terceiros países e colocadas em livre prática em qualquer deles; e, eliminando os complexos problemas de aludir, implica a proteção do espaço aduaneiro da União, em relação a terceiros países, mediante uma pauta aduaneira comum – o que significa que os produtos importados do exterior estão sujeitos a uma imposição do mesmo nível, seja qual for a fronteira da união aduaneira pela qual penetrem no respetivo território” (Campos, 2000, p.490)

A 23 de novembro de 1970 é assinado um protocolo de abolição de tarifas e quotas sobre bens, continuando simultaneamente as negociações para a sua entrada na CEE que apenas se congelaram no Golpe de Estado de 1980 e se reiniciaram em 1983 (MFA, 2013).

Posteriormente, a 14 de abril de 1987, a Turquia formula o seu pedido formal de adesão à UE. Porém tal pedido foi chumbado pela Comissão Europeia, defendendo uma má situação económica e política (ausência de pluralismo) turca, as más relações com a Grécia (insolvência dos direitos territoriais), a falta de respeito pelos direitos humanos e o conflito com o Chipre³⁴, já membro da UE a par da Grécia. Nesta sequência, em 1995, este país assinou um acordo de reforço da união aduaneira³⁵, símbolo da sua entrada do Espaço Económico Europeu (Kramer, 1996)

O reconhecimento do seu estatuto de candidato de legítimo direito apenas se deu oficialmente em 1999³⁶ e as negociações para a sua entrada tiveram início a 3 de Outubro de 2005, tendo sido cumpridas as condições para a autorização formal do seu início através do preenchimento dos designados critérios de Copenhaga³⁷ (UE, 2013). Nesse mesmo ano, a 29 de julho, estabeleceu-se um protocolo adicional que estendeu o Acordo de Ancara aos Estados-membros que acederam à UE em 2004, porém, em que se verificou a recusa liminar em reconhecer a República do Chipre por parte da Turquia (MFA, 2013).

À luz das condições da UE, as negociações, no caso turco, desenvolvem-se em 13 Capítulos, nomeadamente, “4- Livre Movimento de Capital”, “6-Lei Empresarial”, “7-Lei da Propriedade Intelectual”, “10-Informação Pública e Social”, “12- Política Fitossanitária, Veterinária e Segurança Alimentar”, “16- Impostos”, “18- Estatísticas”, “20- Política Industrial e Empresarial”, “21- Redes Transeuropeias”, “25- Ciência e Investigação”, “27- Ambiente”, “28- Proteção da Saúde e do Consumidor” e “32- Controlo Financeiro” (UE, 2013).

³⁴ É uma questão complicada, pois é pela primeira vez que a UE se envolve diretamente no Oriente, na medida em que o Chipre tem a sua população ligada à dissolução do Império Otomano (Rodrigues, 2009).

³⁵ Uma área de livre comércio com uma tarifa externa comum além de outras medidas estabelecidas numa política comercial externa comum, com o objetivo de aumentar a eficiência económica e estreitar laços políticos entre si (Kramer, 1996).

³⁶ O estatuto foi reconhecido durante a Cimeira de Helsínquia de 10-11 de dezembro de 1999 (EU, 2013).

³⁷ Conjunto de condições impostas pelo Tratado da União Europeia no seu art.º29 e n.º1 do art.º6, sendo obrigatório o cumprimento de três critérios: O critério político (existência de instituições estáveis que garantem a democracia, o Estado de Direito, os Direitos do Homem e o respeito das minorias), o Critério do acervo Comunitário (capacidade de assumir obrigações decorrentes da adesão, nomeadamente, objetivos de união política, económica e monetária) e o Critério Económico (UE, 2013).

No entanto, os restantes oito Capítulos³⁸, de acordo com a decisão do Conselho da UE de 2006 foram impedidos de serem fechados pela posição turca face à Administração Cipriota e Grega. Mais cinco Capítulos³⁹ foram bloqueados pela França em 2007. Por fim, unilateralmente, na sequência da reunião do Conselho da UE em dezembro de 2009, a Administração Cipriota e Grega bloqueou ainda a abertura de seis Capítulos⁴⁰ (MFA, 2013).

Isto levou ainda, a que Ancara procurasse estabelecer mais relações com os EUA e com o Oriente e se afastasse nesta época da UE. Os EUA foram sempre muito ativos e apoiaram sempre a investida no sentido da adesão (Rodrigues, 2009).

Simultaneamente, autorizou-se a abertura dos demais capítulos de acervo no âmbito das negociações para a adesão turca, com uma interrupção a 11 de dezembro de 2006 pela disputa pelo Chipre até à sua resolução a 29 de março de 2007. De acordo com o *Time* (2009), existem entraves por parte de líderes europeus esperando-se um processo moroso⁴¹.

Para acelerar tal processo, a Turquia encetou reformas estruturais, num processo de transformação económica e política nas questões da democracia, da justiça e dos direitos humanos⁴². Foi lançado o Terceiro Pacote de Reforma Judiciária que cria medidas e institutos que tornem os seus serviços mais eficientes e as instituições de direitos humanos. A maior importância foi dada ao Parlamento Europeu e aos de mais parlamentos dos seus Estados-membros, como o demonstra o Programa de Diálogo e Partilha Parlamentar⁴³.

Este relatório designado de “Resolução sobre a Turquia” emanado pelo Parlamento Europeu, emite as seguintes mais-valias da Turquia para a UE: a sexta maior economia europeia, o maior crescimento económico europeu e segundo a nível mundial (apenas atrás da China), relações comerciais e económicas intensas com a UE⁴⁴, o crescimento do mercado interno europeu, o reforço da sua competitividade, uma população formada e

³⁸ “1-Livre Circulação de Bens”, “3-Direito de Estabelecimento e Liberdade dos Serviços”, “9-Serviços Financeiros”, “Desenvolvimento Rural e da Agricultura”, “13-Pescados”, “14-Políticas de Transporte”, “29-União Aduaneira” e “30-Relações Externas” (UE, 2013).

³⁹ “11-Desenvolvimento Rural e da Agricultura”, “17-Política Monetária e Económica”, “22-Política Regional e Coordenação de Instrumentos Estruturais”, “33-Reservas Financeiras e Orçamentais”, “34-Instituições” (UE, 2013).

⁴⁰ “2-Livre Circulação de Trabalhadores”, “15-Energia”, “23-Direitos Fundamentais e Judiciários”, “24-Justiça, Liberdade e Segurança”, “26-Educação e Cultura”, “31-Política Externa de Segurança e Defesa” (UE, 2013).

⁴¹ Em 2006, o Presidente da Comissão Europeia, José Manuel Durão Barroso disse que o processo de adesão da Turquia duraria até 2021 (BBC, 2007).

⁴² Relembra Revisão Constitucional de 12 de Setembro de 2010 referida no Enquadramento Geográfico.

⁴³ Projeto conjunto da Grande Assembleia Nacional turca e da UE, originário da criação do Comité Parlamentar Conjunto em 1965 entre o mesmo órgão turco e o Parlamento Europeu da qual emana anualmente a “Resolução sobre a Turquia” por parte deste último instituto (UE, 2013).

⁴⁴ Aproximadamente 37% da atividade negocial e comercial é realizada com a UE e 70% dos investimentos diretos estrangeiros são oriundos dos seus Estados-membros (*Republic of Turkey*, 2013).

dinâmica, o seu posicionamento regional geoestratégico, a sua política externa multidimensional, a sua participação em operações civis e militares conduzidas no quadro da Política Comum de Segurança e Defesa (PCSD) como potenciadora da estabilidade e paz regional (UE,2013).

Assim, observámos um percurso histórico turco que passou de um Império Otomano vasto para uma delimitação territorial limitada, mantendo fricções históricas com os Gregos, certos países do Cáucaso, a Arménia e, por fim, a minoria curda.

2.4 Análise Geográfica da Turquia

Indissociável da perspetiva histórica, neste ponto, o objetivo será a realização de uma análise baseada nos fatores geográficos turcos enquanto “um conjunto de agentes, elementos, condições ou causas de natureza geográfica que influenciam a localização e a distribuição de qualquer fenómeno numa determinada área” (IAEM, 1996, p. 28). Para tal, dividiremos esta análise numa variante de Geografia física e noutra de Geografia Humana (Sequeira, 2010) nos pontos relevantes para os objetivos da investigação.

2.4.1 Principais fatores da Geografia Física

A Turquia tem uma posição central ou interior entre o ocidente e o oriente, controlando os Estreitos de Bósforo e Dardanelos que lhe confere controlo sobre a armada russa e dos vários países da região. Estes estreitos representam a divisão da Europa e da Ásia e, simultaneamente, da Trácia e Anatólia (regiões turcas) (Caballero e Ortiz, 2010).



Figura n.º5 - Posição da Turquia

Fonte: Análise Geopolítica

Quanto à dimensão, a Turquia apresenta uma superfície de 780.576 Km² e uma fronteira terrestre de 2.648 Km e uma fronteira marítima de 7.200 Km. A nível regional, tem uma superfície menor que o Irão, que abrange um território de 1,6 milhões de Km², mas tem uma extensão bastante superior aos seus restantes vizinhos (CIA, 2013).

Faz fronteira com a Grécia e Bulgária a noroeste, com a Geórgia, Arménia, Irão, Iraque e Síria a Este⁴⁵, bem como banhada pelo mar Negro a norte e pelo mar Mediterrâneo a sul, como podemos observar na Figura 6.



Figura n.º6 – Fronteiras da Turquia

Fonte: Wikipedia, 2013

No que respeita à sua configuração, “Definida pelo traçado das fronteiras que materializam o limite do espaço sobre o qual se exerce a soberania” (IAEM, 1996), verificamos a sua descontinuidade perante a sua constituição de delimitações territoriais separadas fisicamente pelo mar, nomeadamente pelos dois estreitos: Dardanelos e de Bósforo, pela ilha do Chipre e outras que circundam o seu espaço continental.

No âmbito do seu relevo, a Turquia apresenta um planalto central designado de planalto de Anatólia e planícies costeiras. O seu ponto mais alto apresenta a altitude de 5166 metros e o ponto mais baixo consiste na sua zona costeira de 0 metros (CIA, 2013).



Figura n.º7 - Relevo da Turquia

Fonte: Dreamstime

⁴⁵Por seu lado, a Turquia encontra-se num processo de redefinição de identidade, no qual pode optar por três direções distintas: a do oeste com uma Turquia essencialmente europeia; a do médio oriente e a do sul. Tanto a Turquia como o Irão, não têm a total capacidade para conseguirem evitar a influência de Moscovo na região, mas têm tentado reforçar as posições com o objetivo de aumentar as suas capacidades de resistência perante a possibilidade de reintegração no espaço russo. Segundo Brezinski (1997, p.148 APUD Dias, 2006) esta realidade leva a que o futuro da região a nível geopolítico esteja ainda em aberto. Para além disso o receio que a Rússia ainda provoca nos novos Estados favorece o relacionamento entre estes (Dias, 2006).

A nível hidrográfico, destaca-se a nascente do rio Kara, do Eufrates ocidental e do rio Tigre nas montanhas orientais turcas e lago Van. É de referir ainda a posse, por parte da Turquia de cinco represas de irrigação ao longo do rio Eufrates, fundamentalmente destinadas à produção de energia. Possui ainda 19 rios⁴⁶, três lagos⁴⁷ e um golfo (golfo de Gokova) (Figura n.º8).



Figura n.º8 - Hidrografia da Turquia e Canais navegáveis

Fonte: Laguia2000

É importante ter em conta o Estreito de Bósforo⁴⁸ e de Dardanelos⁴⁹, importante zona de passagem comercial, estabelecendo a ligação marítima entre a Europa, ou mesmo o ocidente com o médio oriente e todo o continente asiático. A sua importância estratégica também foi demonstrada pelos vários embargos que foi alvo após a 1ª Guerra Mundial (Ver enquadramento histórico da Turquia na página 12) (Universidade do Minho, 2013).

O último aspeto da geografia física a abordar traduz-se na análise dos recursos naturais disponíveis, estes entendidos como “bens suscetíveis de aproveitamento económico ou de utilização pela humanidade e que, por princípio, não são produzíveis pela ação humana” (Pereira et al, 2006, p. 1). No âmbito dos recursos energéticos, a dependência externa turca é forte, especialmente ao nível do gás natural e petróleo (Figura n.º9).

⁴⁶ Os rios Aegospotami, Arax, BuyukMenderes, Devrez, Escamandro, Khabur, Kizilimark, Kopruçay, Kura, Maritsa, Orontes, Pactolo, Jaghjagh, Khabur, Lalacão, Lico, Sacarya e Tigre.

⁴⁷ Os Lagos Aktas, Tuz e Van (CIA, 2013)

⁴⁸ O Estreito de Bósforo (em turco *Boğaziçi* ou *İstanbul Boğazi*, "Estreito de Istambul") tem cerca de 30 quilómetros de comprimento e 700 metros de largura, ligando o mar de Mármara ao mar Negro. O estreito passa no meio da cidade de Istambul (Indexmundi, 2013).

⁴⁹ O Estreito de Dardanelos (em turco *Çanakkale Boğazi*, "Estreito de Çanakkale") tem 68 quilómetros de comprimento e 1,2 quilómetro de largura, ligando o mar de Mármara ao Mediterrâneo. Encontra-se próximo da cidade de Çanakkale, já foi conhecido como Helesponto, tendo sido palco da Batalha de Galípoli, durante a Primeira Guerra Mundial (Indexmundi, 2013).

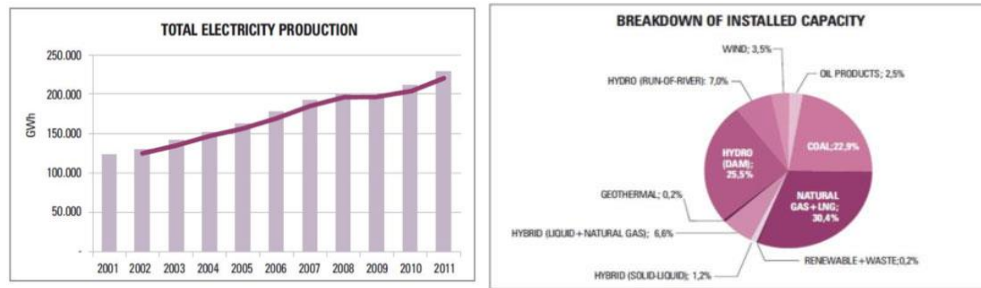


Figura n.º9 - Necessidades energéticas turcas face à sua produção nacional

Fonte: MFA, 2013

No campo das energias renováveis, a Turquia destaca-se com o grande potencial ao nível da energia geotérmica, encontrando-se no 7º Lugar no ranking mundial de produtores e em primeiro na Europa. Para atenuar a sua dependência já referida, o governo tem apostado nesta energia, na hidráulica e na nuclear. A sua posição geográfica associada à proximidade dos maiores produtores de petróleo e gás natural (mais de 70%), funcionando como uma ponte entre o médio oriente e a bacia do mar Cáspio, bem como com os demais mercados consumidores. A Turquia configura, assim, um importante pilar para a segurança energética europeia, ao assegurar uma maior variedade de fontes de abastecimento e de rotas. O seu objetivo é concretizar um fluxo ininterrupto do mar Cáspio e médio oriente passando pela Turquia até chegar à Europa, daí a existência de vários projetos para a construção de oleodutos (CIA, 2013).

2.4.2 Principais oleodutos em território turco

Na atualidade, a principal rota energética no sentido Este-Oeste designa-se por Sistema de Oleodutos *Baku-Tbilisi-Ceyhan* (BTC)⁵⁰ (Figura n.º10), sendo este dedicado exclusivamente ao transporte de petróleo bruto. Este representa um prolongamento do Oleoduto *Azeri-Chirag-Guneshli* (ACG) que atravessa o Azerbaijão e Geórgia até Ceyhan na costa mediterrânica da Turquia (MFA, 2013).

⁵⁰ Detém a capacidade de um milhão de barris por dia na extensão de 1.760 Km, representando, deste modo, o segundo maior *pipeline* deste género no mundo (MFA, 2013).



Figura n.º10 – BTC

Fonte: *Economist*

Porém, existe ainda o sistema oleoduto de petróleo bruto Iraque-Turquia (*Kirkuk-Yumurtalik*)⁵¹ que transporta o petróleo produzido no Iraque em Kirkuk para o terminal marítimo de Ceyhan, na região de Yumurtalik (MFA, 2013).



Figura n.º11 - Oleoduto Kirkuk-Yumurtalik

Fonte: *Economist*

A importância dos Estreitos Turcos para a segurança energética é forte, com cerca de 3,7%⁵² do consumo diário de petróleo os atravessar, com o acréscimo dos produtos russos⁵³. Simultaneamente o receio de um desastre é elevado, acompanhando o risco da sua ocorrência. Assim, o governo turco projetou o oleoduto *Samsun-Ceyhan* devido à

⁵¹ Tinha a capacidade de transporte anual de 35 milhões de toneladas em 1976, subindo 46,5 milhões de toneladas/ano em 1984 e com a construção de um *pipeline* paralelo a este, a sua capacidade aumentou para 70,9 milhões de toneladas/ano em 1987 (MFA, 2013).

⁵² O petróleo e produtos petrolíferos que atravessam o estreito de Bósforo aumentaram drasticamente de 60 milhões de toneladas em 1996 para cerca de 150 milhões de toneladas em 2008, sendo que ainda se espera que chegue às 190 a 200 milhões de toneladas nos próximos anos devido à produção da região do Cáspio, do mar Negro e das grandes quantidades de petróleo russo (MFA, 2013).

⁵³ O protocolo entre a Turquia e Rússia em matéria petrolífera, assinado durante a visita do Primeiro-Ministro Putin à Turquia em Agosto de 2009 significou livre passagem dos seus produtos por este estreito, impulsionando o projeto *Samsun-Ceyhan*. Tal significa a possível passagem de 6 a 7 % do consumo de petróleo mundial pela Turquia (Lusa, 2009).

proximidade da região do Mar Negro e às infraestruturas existentes (Figura n.º12) (MFA, 2013).



Figura n.º12 - Mapa dos Oleodutos e Gasodutos existentes ou em projeto

Fonte: Presseurop

Do lado dos gasodutos, a segunda componente do corredor energético este-oeste designa-se de gasoduto *Baku-Tbilisi-Erzurum* (BTE)⁵⁴ com uma exportação de cerca de 6,6 mil milhões de metros cúbicos por ano de gás natural com base no acordo entre a Turquia e o Azerbaijão para a Fase I de *Shah Deniz*. A 7 de junho 2010 em Istambul, foi conseguido um entendimento para as condições de exportação de gás natural azeri pela Turquia e da sua exportação para a Europa (MFA, 2013).

O *Turkey-Greece Interconnector*⁵⁵ (ITGI) representa a integração da rede energética turca à rede da UE, tendo-se tornado operacional em novembro de 2007. Além disso, uma declaração de intenções foi assinada em 2010 entre a BOTAS⁵⁶, DEPA⁵⁷ e Edison⁵⁸ com vista a concretizar o projeto ITGI que liga os países europeus da Grécia e Itália, através da Turquia, aos recursos de gás natural do Cáspio e Médio Oriente (MFA, 2013).

Ainda os projetos do corredor de gás do sudoeste são o ponto-chave na entrega do gás natural oriundo do Azerbaijão e Turquemenistão. A Turquia e Azerbaijão chegaram a

⁵⁴ Operacional desde 3 de Julho de 2007, destina-se ao transporte de gás natural de *Shah Deniz*, no setor do Azerbaijão do Mar Cáspio, através da Geórgia para a Turquia (MFA, 2013).

⁵⁵ A conclusão do acordo intergovernamental foi assinada em 2003 e o acordo de venda e exploração entre a BOTAS e DEPA em Dezembro de 2003. O Acordo Governamental Trilateral entre a Turquia, Itália e Grécia foi assinado em Roma a 26 de Julho 2007 (MFA, 2013).

⁵⁶ Empresa comercial de natureza pública turca de gasodutos e oleodutos, tendo sido criada em 1974 (BOTAS, 2013).

⁵⁷ O grupo DEPA representa uma empresa grega responsável pelo comércio, transporte e distribuição do gás natural (DEPA, 2013).

⁵⁸ É uma empresa da área energética, especialmente no campo do gás natural, sediada em Milão, Itália, criada em 1884, atua na Europa, médio oriente e África (Edison, 2013).

acordo na compra e venda de 6 bcm e o trânsito pela Turquia com destino aos mercados europeus de 10 bcm de gás natural *Shah Deniz* Fase 2⁵⁹ (Figura n.º13) (MFA, 2013).



Figura n.º13 - Projeto do TANAP

Fonte: TANAP, 2013

Nesta sequência, em 24 de dezembro de 2011, uma nova declaração de intenções foi assinada entre a Turquia e o Azerbaijão com o objetivo de criar um oleoduto com o nome de *Trans-Anatolian Pipeline Project* (TANAP)⁶⁰. O Acordo Intergovernamental para a sua construção foi alcançado em 2012 e a decisão do transporte do gás da Fase 2 *Shah Deniz* através do oeste de *Nabucco* ou o *Trans-Adriatic Pipeline* (TAP) (MFA, 2013).

2.4.3 Principais Fatores da Geografia Humana

Partindo para a análise da geografia humana da Turquia, esta apresenta cerca de 79,7 milhões de habitantes, possui a cidade mais populosa da Europa: Istambul com cerca de 12,17 milhões de habitantes. A distribuição populacional demonstra uma concentração a oeste e a noroeste, no prolongamento de Istambul até Ancara, como é visível na Figura n.º14 (Eurostat, 2012).

⁵⁹ Consequentemente, um acordo intergovernamental entre a Turquia e Azerbaijão foi alcançado e uma série de contratos entre a BOTAS e o consórcio de *Shah Deniz*, na data de 25 de outubro de 2011 (CIA, 2013).

⁶⁰ Este gasoduto iniciará o seu itinerário na fronteira entre Turquia e Geórgia, com um percurso ainda desconhecido até à fronteira com a Europa para a Grécia e Bulgária, mais especificamente, com um custo previsto de 7 mil milhões de dólares americanos (United States Dollars) (USD) e início de construção em 2014 para terminar em 2018 (empreendida pela BOTAS, SOCAR, TPAO, BP, STATOIL e a Total S.A (TANAP, 2013),

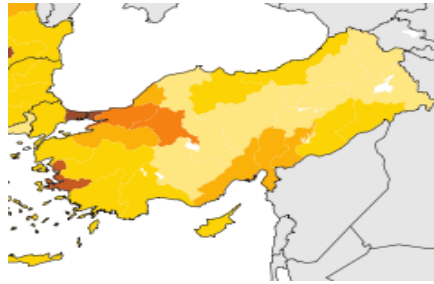


Figura n.º14 - Distribuição populacional da Turquia

Fonte: Wikipedia, 2013

Observando os dados do Eurostat, várias regiões apresentam um saldo populacional negativo, porém, o país tem um saldo positivo elevado de 14,5%, o maior da UE (Figura n.º 15) (Eurostat, 2012).

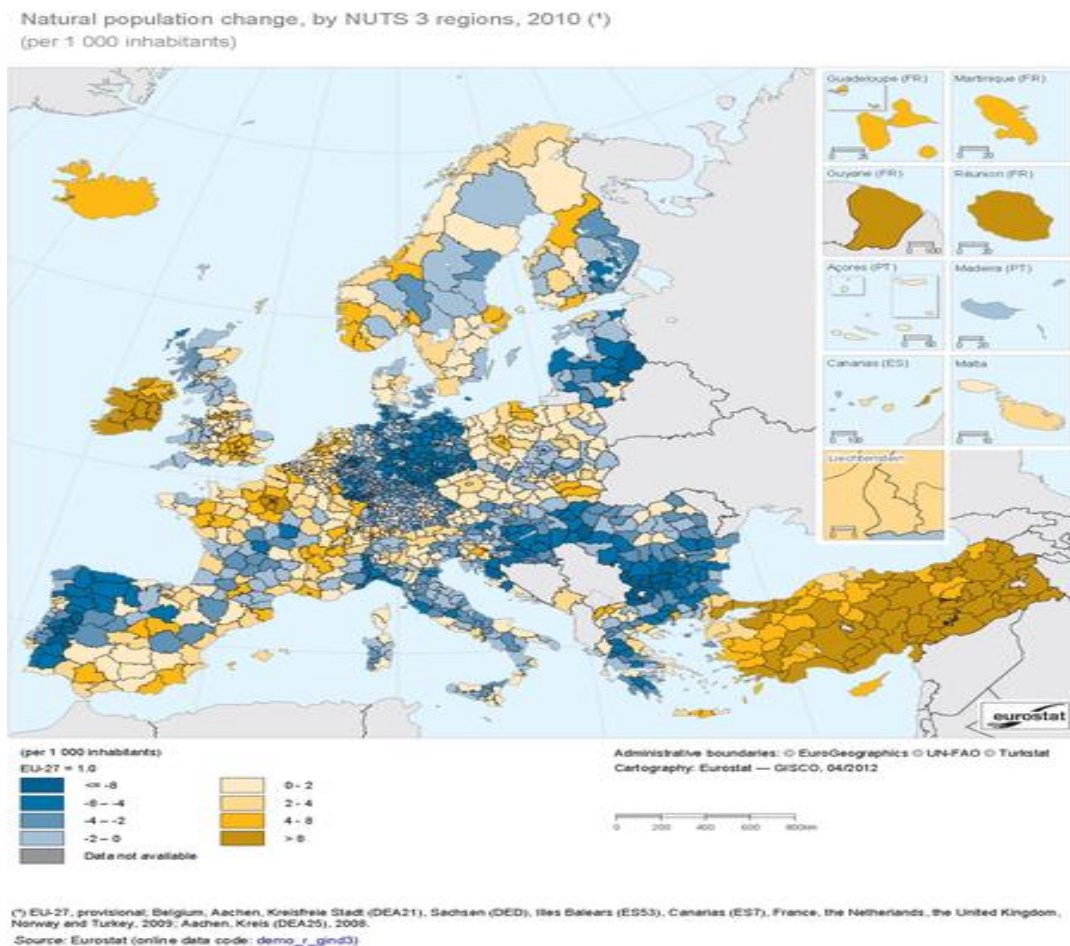


Figura n.º15 - Crescimento demográfico da Europa

Fonte: Eurostat, 2012

A estrutura populacional turca apresenta-se concentrada na faixa etária de 15 a 64 anos com 67,1%⁶¹, com uma taxa de alfabetização de 87,4%. Ao nível da sua composição étnica, verificámos a existência de 76% de turcos, 15,7% de curdos e 8,3% de outros tipos. Estas outras minorias de *Zazas* árabes, *Yörüke* assírios são oriundas do leste e sudeste (CIA, 2013). Assim, denota-se uma heterogeneidade intermédia.

Apresentam um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)⁶² de 0,72 em 2012, de acordo com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) de 2013. Interpretando esse valor, verificamos que se enquadra num nível intermédio, prestes a passar para o alto (médio de 0,5 a 0,8 e alto de 0,8 a 1), perante a maioria dos países da UE apresentar um nível alto (0,92 dos Países Baixos e da Alemanha, 0,89 da Bélgica ou 0,89 França (UN, 2013).

2.4.4 Economia

Economicamente, a Turquia possui o 15º maior Produto Interno Bruto (PIB) Paridade do Poder de Compra⁶³ e o 17º maior PIB nominal⁶⁴ (FMI, 2011). Ao nível europeu, apresentou o maior crescimento económico com 8,5% em 2011. Os destinos das suas exportações são a Alemanha (10,3%), Iraque (6,2%), Reino Unido (6%) e Itália (5,8%), quanto à origem das importações temos a Rússia (9,9%), a Alemanha (9,5%), a China (9%) e EUA (6,7%) (Mercados Exteriores, 2013).

As principais cidades turcas são Istambul, a mais populosa (como já referimos), a capital Ancara com mais de quatro milhões de habitantes, Esmirna com mais de três milhões de habitantes, Bursa com quase dois milhões de habitantes e as cidades de Adana e Gaziantep na casa do milhão de habitantes cada uma (Eurostat, 2012).

2.4.5 Estruturas Políticas e Sociais

Por fim, realçaremos a sua organização política e as suas estruturas sociais, como “formas de organização da sociedade, quer ao nível nacional, quer na perspetiva do

⁶¹ 26,6% para a população de zero a 15 anos e de 6,3% para a população com mais de 64 anos (Indeximundi, 2011).

⁶² “É um indicador de desenvolvimento de um país que mede o grau de desenvolvimento desse mesmo país através de uma fórmula matemática onde as variáveis são a Esperança de Vida, a Literacia, a Industrialização, a Agricultura, a Economia, a Saúde, entre outros.” (Sequeira, 2010).

⁶³ O valor de todos os bens e serviços finais produzidos num determinado país no período de um ano. Neste caso a Turquia apresenta o valor de 1.073.565 dólares de acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) em 2011.

⁶⁴ Este PIB é calculado em relação as taxas de câmbio do mercado ou oficiais do governo, Neste caso, a Turquia apresenta o valor de 778 089 Dólares (Mercados Exteriores, 2013).

relacionamento regional e global. São um veículo de relacionamento (interação) entre o meio humano e o meio físico, e serão um fator de poder, se harmoniosas e adequadas” (IAEM, 1993, p. 42).

A Turquia é uma democracia representativa parlamentar⁶⁵ laica com uma Constituição⁶⁶ delimitadora do seu quadro jurídico, como fonte dos seus princípios políticos, de separação de poderes⁶⁷ e garantia de um Estado unitário centralizado. A sua soberania encontra-se exercida num parlamento unicameral, Primeiro-Ministro⁶⁸, Conselho de Estado e na Grande Assembleia Nacional, representando o poder executivo e legislativo, respetivamente (CIA, 2013).

Porém, os direitos humanos na Turquia têm sido bastante discutidos, nomeadamente, no que respeita à violação do direito da vida, tortura, às fortes restrições dos direitos dos curdos, das mulheres e da liberdade da imprensa.

Atualmente, verifica-se uma forte onda de manifestações neste país devido à contestação da componente islâmica da sociedade turca que subiu ao poder com o Governo do Primeiro-Ministro Recep Tayyip Erdogan⁶⁹, enquanto uma ameaça ao laicismo e aos direitos civis. Este problema iniciou-se com uma manifestação contra os planos apoiados pelo Estado para destruir um pequeno parque no centro de Istambul, evoluindo depois para um conflito entre seculares e religiosos e, sobre o controlo da democracia erigida por Kemal Ataturk, que através de ideologistas autoritárias tenta aplicar a lei *sharia* a toda a população (Presseurop, 2013). Porém, vários factos apontam também ao forte apoio do governo aos empresários do ramo imobiliário e construtores civis e um desrespeito dos alevitas⁷⁰ (Euronews, 2013).

⁶⁵ Sistema político baseado na legitimação ou eleição de um grupo de pessoas ou uma única pessoa através de um processo eleitoral com vista a representar a sua população. Estes representantes agrupam-se em instituições ou órgãos que se designam de Parlamento, Câmara, Congresso ou Assembleia (Fontes, 2009).

⁶⁶ Designada Constituição de 1982 ratificada a 7 de novembro do mesmo ano, tendo sido feita a última revisão a 12 de Setembro de 2010 (CIA, 2013).

⁶⁷ Dos poderes legislativo, executivo e judicial (CIA, 2013).

⁶⁸ Atualmente Recep Tayyip Erdogan, há três mandatos consecutivos, tendo sido reeleito em 2012 (Lusa, 2012).

⁶⁹ As suas políticas que se têm estendido da pressão sobre a Comunicação Social, à construção de mesquitas, às restrições ao consumo de álcool, à prisão de dissidentes políticos e à resposta violenta a manifestações (Presseurop, 2013).

⁷⁰ Minoria turca comparável ao xiismo e sufismo que se sentiram ameaçados com a intenção de dar a nova ponte sobre o estreito de Bósforo o nome de um Sultão do séc. XVI que massacrrou os elementos da sua religião (Euronews, 2013).

A sua segurança nacional é garantida pelas suas Forças Armadas, diretamente subordinadas ao Presidente da República⁷¹ como comandante supremo, sendo o Chefe de Estado-Maior General das Forças Armadas responsável perante o primeiro-ministro do seu exercício. O principal órgão consultivo consiste no Conselho de Segurança Nacional⁷² com funções de aconselhamento com o objetivo de desenvolver a política do estado de segurança nacional (CIA, 2013).

2.5 Relação entre a Turquia, a União Europeia e a Rússia

2.5.1 A União Europeia

A UE representa uma Organização Internacional com uma multiplicidade de fins que visa a integração crescente dos 28 Estados-Membros do SPI que a compõem, num sistema híbrido de instituições supranacionais independentes⁷³ com um processo de tomada de decisão de base intergovernamental.

A mais remota origem advém do Tratado de Paris de 1951 que vem, então, criar a Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA)⁷⁴, em resposta ao fracasso da proposta de Monnet para a criação de um Exército Europeu unificado. É de realçar que a Turquia assina este Tratado a 18 de Abril do mesmo ano, sendo membro de pleno direito. É de relevar, paralelamente, o relançamento do projeto de integração Europeia, numa vertente económica, em 1957, através da assinatura em Roma da Comunidade Europeia da Energia Atómica (EURATOM) e da CEE⁷⁵ (ESDC, 2010). O próximo passo materializou-se em 1991 com a assinatura do Tratado da UE que desenvolve um quadro institucional único: uma União com base em três pilares. (UE, 2013).

Em 1993, a UE, com esta designação, é criada mediante o Tratado de *Maastricht* que cria a cidadania europeia, o livre-trânsito dos cidadãos entre Estados-membros, o

⁷¹ O Chefe de Estado, com um papel fundamentalmente representativo e de garantia da unidade do Estado, tendo o poder máximo de dissolver o parlamento e convocar eleições (*Republic of Turkey*, 2013). Atualmente é Abdullah Gul, um muçulmano devoto que sucede a Ahmet Necdet Sezer (Lusa, 2012).

⁷² Constituído pelo Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, pelos chefes de cada ramo e pelos membros escolhidos pelo Conselho de Ministros (MFA, 2013).

⁷³ As principais instituições europeias são a Comissão Europeia, o Conselho da União Europeia, o Conselho Europeu, o Tribunal de Justiça da União Europeia e o Banco Central Europeu (UE, 2013).

⁷⁴ A Comunidade Europeia do Carvão e do Aço, considerados dois recursos naturais estratégicos, era no entendimento da época colocá-los sob controlo de uma entidade supranacional (ESDC, 2009).

⁷⁵ A Comunidade Europeia da Energia Atómica e a Comunidade Económica Europeia que visavam lançar as bases de uma cooperação reforçada entre os Estados Europeus, especialmente ao nível de um mercado comum. (ESDC, 2009).

designado espaço *Shengen*⁷⁶ e o lançamento do Euro, a moeda europeia, consubstanciada apenas em 2002. A última grande ampliação desta organização deu-se em 2004 com a adesão da Estónia, Letónia, Lituânia, Polónia, República Checa, Hungria, Eslováquia, Eslovénia, Malta e Chipre. O último tratado, o Tratado de Lisboa de 2007, veio alterar o Tratado de Maastricht e tornar a Carta dos Direitos Fundamentais juridicamente vinculativa a todos os Estados-membros (UE, 2013).

Assim, é desenvolvido um mercado comum assente num sistema legislativo padronizado aplicado a todos os seus membros com o objetivo de potenciar a livre circulação de pessoas, bens, serviços e capitais, garantir um sistema de justiça comum e alcançar uma política de comércio, agricultura, pesca e desenvolvimento regional comum (UE, 2013). Além disso, esta Organização Internacional, como o demonstra o Tratado de Amesterdão, de 1999, obriga os seus membros o respeito permanente dos princípios da liberdade, democracia e respeito pelos direitos humanos (ESDC, 2009).

Partindo para a vertente energética, as suas políticas externas a este nível apresentam fortes lacunas em lançar uma coordenação eficiente que garanta a segurança energética para todos os estados-membros. A perspetiva intergovernamental leva a que cada país se preocupe com o seu abastecimento energético, independentemente dos restantes membros (Rogojanu, 2009). Para solucionar tal vulnerabilidade, Nowak (2010) aponta várias soluções, designadamente, a criação de relações com os vizinhos da UE, tendo em conta as suas políticas, a redução da destruição física de infraestruturas relativas à energia em Teatros de Operações (TO), o reforço das relações com outros consumidores, em particular com a China e os EUA, impulsionar acordos internacionais e, finalmente, aprofundar as relações com os maiores produtores e países em que o produto é transportado.

2.5.2 As relações energéticas entre a União Europeia e a Rússia

A Rússia assume, na atualidade o papel de maior abastecedor energético da União⁷⁷ (UE, 2013), de uma forma tão importante que se não existirem alternativas energéticas, esta correrá riscos (Brzezinski, 2004). De acordo com um plano do Conselho e Assembleia da UE, a sua prioridade direciona-se para o estabelecimento de relações crescentes com uma multiplicidade de fornecedores energéticos de modo a reduzir esta dependência.

⁷⁶ Convenção entre países europeus sobre uma política de abertura de fronteiras e livre circulação de pessoas entre os países signatários. Fazem parte desta convenção todos os países da UE, exceto a Irlanda e o Reino Unido, fazendo ainda parte dela três países exteriores à União: a Islândia, Noruega e Suíça (UE, 2013).

⁷⁷ A Rússia continua o maior fornecedor com 24% ao nível de gás natural e 27% em produtos petrolíferos, seguida da Noruega com 13 e 16% respetivamente em 2004 (EU, 2013).

Segundo este relatório o caminho é: “ajudar a Turquia a desenvolver plenamente as suas potencialidades de grande plataforma de transporte de energia” (UE, 2013, p. 4)

A Rússia é possuidora de 34% das reservas do gás natural do mundo, e 70% destas reservas estão nas mãos da Gazprom, empresa com uma forte importância na vida política do país e nos *media* (Saraiva, 2007). Debruçando-nos na Gazprom, esta representa uma organização energética global com as funções de exploração e produção geológica, transporte, armazenamento, processamento de gás, petróleo e gás condensado para mais de 30 países em todo o mundo. Esta empresa trabalha com 18% das reservas de gás mundiais, sendo responsável pela produção de 15% ao mesmo nível num sistema unificado de fornecimento de gás com mais de 161 Km (Gazprom, 2013).

Associado a estes factos, pode afirmar-se que existe uma bipolarização dos estados relativamente a esta questão. Do lado ocidental temos a UE e os EUA que procuram soluções que correspondam a lógicas de eficiência de mercado; do outro lado temos países que olham para o sector energético como “armas energéticas”; é o caso da Rússia, China e do Médio Oriente (Leitão, 2010).

2.5.3 A Turquia face à União Europeia

Com base nos elementos analisados até ao momento, apresenta-se o Quadro n.º1 com as principais vantagens e desvantagens que a adesão da Turquia representa para a UE.

Quadro n.º1 – Vantagens e desvantagens da entrada da Turquia na UE

Fonte: Autor

Vantagens da adesão turca à UE	Desvantagens da adesão turca à UE
Herança da antiguidade clássica existente do seu território como é o caso de Troia e Éfeso, o facto de ter locais simbólicos dos primeiros tempos do Cristianismo, a República de Ataturk, fundada sob o modelo de estado-nação europeu (Peixinho, 2009). CULTURA	Entraves na definição da Europa (Turquia apenas detém 5% do seu território na Europa e a sua capital é na Ásia) e da sua capacidade de integração. (Rodrigues, 2009) LIMITES DA UE
Membro da OTAN, OCDE, OSCE e BERD, integrando-se numa Organização Internacional da qual grande parte dos Estados-membros da UE fazem parte. COOPERAÇÃO INTERNACIONAL	Segundo maior país em população da UE, e tendo estes 99% da sua população muçulmana seria um problema no processo de tomada de decisão em Bruxelas (Rodrigues, 2009), surgindo, através do acordo de Schengen, grandes fluxos migratórios (Peixinho, 2009). FLUXOS MIGRATÓRIOS
UE com um grande poder de intervenção na Ásia, no Médio Oriente e a nível internacional, impulsionando a sua influência e capacidade de projeção em cenários internacionais (Rodrigues, 2009). Como o demonstrou a Guerra do Golfo e o 11 de Setembro. Turgut Özal apoiou a invasão do Iraque (Pope, 1997). CAPACIDADE DE INTERVENÇÃO	Passagem para um mundo perigoso, muito receado por Bruxelas (Rodrigues, 2009). De facto se a Turquia aderir à UE, esta passa a fazer fronteira com uma região conflituosa e que pode acarretar riscos, como o refere Brzezinski (2004). PERIGO E INSEGURANÇA
Economia dinâmica que poderá impulsionar o crescimento económico europeu e a sua proximidade, quer a nível geográfico, quer a nível de político de países possuidores de mais de 70% das reservas de petróleo e gás natural do mundo (Barysch, 2008). ECONOMIA	Diferendo com a Grécia relativamente aos territórios do Mar Egeu e questão Cipriota (Rodrigues, 2009). ATRITOS COM OUTROS ESTADOS
Ligação entre países do Cáucaso e a Europa Ocidental, pela proximidade e boas relações existentes. UNIFICAÇÃO DA UE	

Ao nível energético, já alinhou a sua legislação com o designado “*Acquis Communautaire*”⁷⁸. O empenhamento da Turquia na cooperação energética regional é ainda simbolizado pela sua entrada na comunidade energética, embora seja com o estatuto de observador representa um novo método de negociação da sua adesão (MFA, 2013).

2.6 Relações regionais da Turquia relacionadas com o abastecimento energético

Os países da Ásia Central e do Cáucaso, ricos em recursos energéticos, desejam entrar no mercado proporcionado pelos países que integram a UE, sendo que a Turquia se encontra numa posição que lhe permite regular o trânsito energético e assumir a função de mediador (Rogojanu, 2009).

A posição geográfica da Turquia, próxima do Azerbaijão e da Geórgia, permite-lhe efetuar a ligação entre estes países e o ocidente, garantindo a estes uma libertação da influência russa⁷⁹. Já no que concerne à Arménia, a questão é bastante mais delicada. A Arménia não se esquece do Genocídio de 1915⁸⁰ e existe também a questão de *Nagorno-Karabakh*⁸¹. É por isso que aqui as políticas são mais sensíveis, sem confrontações, para conseguir uma aproximação deste país da mesma forma que existe com o Azerbaijão e a Geórgia. Porém, o Protocolo de Estabelecimento de Relações Diplomáticas assinado com a Arménia em Zurique em 2009 constitui-se como um passo importante no processo de normalização (Rodrigues, 2009).

Este país tem raízes históricas e culturais que a unem aos países do Sul do Cáucaso, consequentemente, a paz, estabilidade e prosperidade na região têm grande interesse. Após a queda da União Soviética, a Turquia apoiou a reorganização e a independência dos países da região (Rodrigues, 2009).

⁷⁸ Um corpo cumulativo de leis comunitárias europeias que compreende os objetivos do Conselho Europeu, leis substantivas, políticas, a legislação secundária e primária e a lei de caso, todas constituintes da ordem legal da UE, incluindo os tratados, as regulações e diretivas estabelecidas por instituições europeias, bem como jurisprudência criada pelo Tribunal de Justiça Europeu (Eurofund, 2013).

⁷⁹ A região dos Balcãs Eurasiáticos, uma zona vizinha da Turquia, encontra-se numa situação de vazio de poder e inclui o Cazaquistão, Quirguistão, Tajiquistão, Uzbequistão, Turquemenistão, Azerbaijão, Arménia, Geórgia e Afeganistão. Deste modo, surgem dois países como os principais candidatos a assumirem o controlo: a Turquia e o Irão. Esta região tem uma elevada importância geopolítica, pois é nesta que passa a rede de transportes que liga as extremidades desenvolvidas do oriente e ocidente (Dias, 2006).

⁸⁰ Extermínio de mais de um milhão de arménios no território turco, que foram enviados para o deserto sírio e executados em 1915. Este deveu-se à acusação dos arménios colaborarem com os russos no contexto da 1ª Guerra Mundial (Lacoste, 2006).

⁸¹ Conflito armado que ocorreu entre fevereiro de 1988 e maio de 1994 no sudoeste do Azerbaijão, opondo a maioria étnica arménia, apoiada pela República da Arménia à República do Azerbaijão (Azernews, 2013).

No entanto, para a Turquia se constituir como o país de ligação, é necessário responder a um desafio: garantir segurança às linhas de abastecimento energético da UE numa zona tendencialmente conflitual, além da questão do Chipre⁸² (Rodrigues, 2009).

A maior contribuição de Ancara para a segurança energética da UE é a ocupação de um lugar central nas ligações energéticas entre o Cáspio e a UE (Rogojanu, 2009). Tendo em conta que estas rotas energéticas têm um cariz misto, ou seja, os hidrocarbonatos têm que ser transportados por mar e por terra, existe uma consequente perda de fluxo. Atendendo a isto, quando se projeta o transporte, é necessário verificar como se vai assegurar o fluxo energético contínuo e a sua rentabilidade⁸³ (Rodrigues, 2009)

Dos diversos projetos expostos, os que representam maior conflitualidade são as redes BTC⁸⁴ e *Baku-Novorossiisk*⁸⁵. A Turquia tem controlado⁸⁶ tais estruturas porém têm apresentado restrições por motivos ambientais⁸⁷ (Cris e Guner, 1999). Verifica-se ainda a sabotagem continuada por parte de islâmicos nacionalistas *wahabitas* (Rodrigues, 2009).

Face ao mar Negro e Cáucaso, a Turquia procura aproximar-se destes países, como observámos através da Cooperação Económica do Mar Negro (CEMN)⁸⁸, porém, a fragmentação política continua a colocar barreiras à imagem de globalização na região (Rodrigues, 2009). A 5 de Junho de 1998, na Ucrânia, a CEMN assinou a carta da organização, sendo que a Turquia vê nesta organização um bom instrumento que poderá facilitar a sua posição vantajosa na região. (Rodrigues, 2009).

⁸²Pois existe a potencialidade de conflito com o Chipre, inicialmente território grego, conquistado pelo Império Otomano no século XVI, e feito mais tarde, em 1923, colónia britânica. Este tornou-se independente em 1960, após ter sido assinado o Acordo dos Tripartidos de Zurique (1959). Neste acordo, foi estabelecida a estrutura básica da República do Chipre; foi feito um tratado de garantia entre o Chipre, Turquia, Grécia e Reino Unido; e um tratado de aliança entre a Turquia, Grécia e Chipre (Fernandes, 2005). No entanto, este tratado não trouxe estabilidade e em 1963 dá-se um conflito entre as duas comunidades. Foi aqui que pela primeira vez na história a Organização das Nações Unidas (ONU) teve que intervir e colocou na região a UNFICYP para se interpor (Rodrigues, 2009).

⁸³Assim, deve ter-se em conta que o local de partida deve ser o mais próximo possível do local de chegada; o ponto de chegada primário, deverá ser conectável com os Balcãs ou com o centro da Europa, eventuais destinos finais, a rede não deve ser mista, ou seja, deve ter o número mínimo de transportes e de descarregamentos possíveis, passar pelo menor número possível de países intermediários e evitar zonas conflituosas (Rodrigues, 2009).

⁸⁴Baku é a capital do Azerbaijão, é também onde se encontra o maior porto do país; Tiblíssi é a capital da Geórgia; Ceyhan é uma cidade no sudeste da Turquia.

⁸⁵Novorossiisk é uma cidade na Rússia. A cidade tem um importante porto no Mar Negro.

⁸⁶Moscovo acusou os EUA, a Turquia e a Arábia Saudita de uma intervenção indireta na região a fim de destabilizar o Cáucaso do norte, para transferir o projeto para o sul (Rodrigues, 2009).

⁸⁷O Azerbaijão tem petróleo suficiente para dar lucro à construção, atraindo várias empresas petrolíferas para a região. O Cazaquistão e o Turquemenistão aceitaram escoar parte das suas reservas através desta rede. Com o projeto desta rede, os custos esperados eram de três mil milhões de USD e a Rússia aceitou ligar *Novorossiisk* a *Ceyhan* (Rodrigues, 2009).

⁸⁸CEMN, fundada em 1992 e impulsionada por Ancara. Atualmente fazem parte da CEMN a Albânia, a Arménia, o Azerbaijão, a Bulgária, a Geórgia, a Moldávia, a Roménia, a Rússia, a Ucrânia e a Turquia. Como países com estatuto de observadores desta organização temos a Áustria, a Alemanha, a França e a Itália (CEMN, 2013).

No que concerne aos países da Ásia Central a questão é diferente, a intervenção turca, à exceção do Turquemenistão, não tem o mesmo alcance. É necessário portanto melhorar a relação cultural e económica para leste do mar Cáspio (Rodrigues, 2009).

2.7O gasoduto *South Stream*

Após uma reunião entre os 27⁸⁹ Estados-membros da UE para debater a sua crescente necessidade de gás natural, de acordo com as expetativas de um aumento na ordem dos 225 bcm em 2030 ao consumo atual, surgiu a necessidade de garantir a sua segurança energética através da diversificação de infraestruturas de fornecimento de gás natural⁹⁰ (*South Stream*, 2013).

O objetivo é garantir a segurança através da diversificação de trajetos dos gasodutos, neste caso, através de zonas estáveis e diretamente advindas de fontes abundantes de recursos. A sua capacidade é de 63 bcm por ano na Bulgária e de 20 a 22 em cada ponto final, com um comprimento de 923 km em quatro linhas em terra e 2.540 km em mar com uma linha. Prevê-se o lançamento do primeiro gasoduto em dezembro de 2015 e a conclusão de todo o projeto no final de 2018. Como podemos verificar na figura nº 17 da página 35, as opções de percurso são várias. A nível de parceiros para este consórcio, a liderança é assumida pela Gazprom, DESPA, ENI⁹¹, EDF⁹² e *Wintershall*⁹³, com um custo total previsto de 15,5 mil milhões de USD (Figura nº16)(Wintershall, 2013).



Figura n.º16 - Gasoduto de *South Stream*

Fonte: *South Stream*

⁸⁹ Este número é referente a uma situação anterior à adesão da Croácia à União Europeia.

⁹⁰ A crise de tráfego em 2009 com o corte do fornecimento de gás da UE por 20 dias gerou a perda de dois mil milhões de USD à Gazprom (Gazprom, 2013).

⁹¹ Empresa energética integrada ligada às atividades de exploração, produção, transporte, transformação e comercialização de petróleo e gás, sediada em Itália (ENI, 2013).

⁹² Empresa energética sediada no Reino-Unido com fins específicos de abastecimento de eletricidade e gás (EDF, 2013).

⁹³ A *Wintershall Holding GmbH* é a maior empresa energética alemã fornecedora de gás natural e petróleo, com sede em *Kassel* na Alemanha (Wintershall, 2013).

Neste caso, observámos uma diversificação de itinerários e não uma diversificação de fornecedores, pois estes continuarão a ser os russos da Gazprom. A segurança do fornecimento de gás é garantida com trajetos adicionais, alternativos e regulares em zonas estáveis mas também com indicadores dessa continuidade. Porém a dependência energética à Rússia já demonstrada e analisada sairá reforçada.

2.8O gasoduto *Nabucco*

Aprovado pelo acordo intergovernamental assinado em Ancara em 2009⁹⁴, este projeto de gasoduto objetiva edificar uma ponte entre a Ásia, mais especificamente a região do Cáspio e o médio oriente, e a Europa, nomeadamente, os seus mercados de consumo, enquanto a imagem do corredor energético do sudeste. Assim, este gasoduto ligará a fronteira turco-búlgara a *Baumgarten* na Áustria, que por sua vez, será distribuído pelos restantes Estados europeus⁹⁵, através da Bulgária, Roménia e Hungria. Esta estrutura energética detém o comprimento de 1.300 km, sempre em terra e a capacidade de 1-23 bcm. A sua construção será realizada pela *Bulgarian Energy Holding*⁹⁶, OMV⁹⁷ e TRANSGAZ *Magistrala Energiei*⁹⁸ (Figura n.º17) (*Nabucco Pipeline*, 2013).



Figura n.º17 - O projecto *Nabucco* e *SouthStream*

Fonte: *Nabucco Pipeline*, 2013

A data de início de construção deste gasoduto depende da decisão para a sua concretização, prevendo-se que esta dure quatro a cinco anos (*Nabucco Pipeline*, 2013).

⁹⁴ Impulsionado pelo Consórcio da Fase II do *Shah Deniz* e com um projeto inicial de se ligar ao (TAP) para a capacidade de 10 bcm para o mercado italiano (*Nabucco Pipeline*, 2013).

⁹⁵ Designadamente para a Europa ocidental: Alemanha, República Checa, Itália, França e outros (*Nabucco Pipeline*, 2013).

⁹⁶ Uma empresa energética estatal búlgara com este nome desde setembro de 2008, tendo sido designada de *Bulgargaz Holding EAD* (*Bulgarian Energy Holding*, 2013).

⁹⁷ Empresa austríaca integrada internacional com fins de fornecimento de gás natural e petróleo a cerca de dois milhões de pessoas na Europa ocidental e central (OMV, 2013).

⁹⁸ Empresa estatal que assume as funções de operadora técnica do sistema de distribuição de gás natural na Roménia com uma rede de gasodutos de cerca de 13.000 km (TRANSGAZ, 2013)

Considera-se que representa um passo fundamental para salvaguardar a UE das “guerras” entre a Rússia e a Ucrânia (Euronews, 2009). Além disso, procura-se conseguir a segurança energética através da diversificação de fontes de gás natural, nomeadamente às do mar Negro e do mar Cáspio, bem como a multiplicação de trajetos. Tal permite a liberdade de ação dos países da UE relativamente à dependência dos recursos naturais russos, pela flexibilidade dos fluxos de energia (*Nabucco Pipeline*, 2013).

Prevê-se que este gasoduto satisfaça cerca de 5% das necessidades europeias ao nível do gás natural (Euronews, 2009). Este número não parece muito elevado, mas é um valor considerável que permite diminuir o estrangulamento energético executado pela Rússia. Segundo José Milhazes (2009), deve conceder maior liberdade de ação em situações como a crise do gás natural entre a Rússia e Ucrânia (*Nabucco Pipeline*, 2013).

O projeto *Nabucco* também resulta das políticas externas dos líderes turcos com vista a aumentar o interesse geopolítico em Ancara, garantir a provisão do seu consumo interno e desenvolver projetos conjuntos com a UE (Kardas, 2010). É de realçar que em 2009 na Cimeira de Budapeste, a Alemanha opôs-se ao *Nabucco*, mas os países da Europa central e do leste obtiveram sucesso no financiamento do projeto⁹⁹ (UE, 2009).

2.9 Síntese Conclusiva

Após este percurso de análise teórica sequencial, chega o momento de tecer relações e sintetizar os demais elementos alvo de estudo nesta Revisão de Literatura.

Numa perspetiva macro, é possível verificar que as ideias dos vários autores estudados (Clausewitz, Mahan, Mackinder, Spykman e Haushofer) apontam a região do antigo Império Otomano e Persa como uma região de extrema importância no mundo, num espaço chave para o alcance do poder que converge o espaço marítimo ao terreno com abundantes recursos naturais, funcionando como uma porta para o mundo oriental.

A análise histórica revela a constante luta por esta zona a partir do momento da constituição do Império Otomano, sendo que estes mesmos atritos ainda hoje marcam as relações da Turquia com certos vizinhos: a Grécia, Chipre e Arménia. A análise de alguns fatores geográficos desta área vêm reforçar as potencialidades identificadas desta delimitação territorial, desde o seu posicionamento entre a Europa e a Ásia e a posse de

⁹⁹O outro grande desafio deste projeto consistiu em resolver a questão do trânsito, em que basicamente era necessário garantir o compromisso da segurança. Para a UE a passagem do gasoduto em território turco tinha de estar sob regulação europeia, levando a que a Turquia passasse de um papel de liderança para um país integrante do projeto (UE, 2013).

dois estreitos de forte influência regional, de Bósforo e de Dardanelos, ao seu elevado crescimento económico, estrutura estatal muito próxima da ocidental, às boas relações com a região do Cáucaso e Ásia Central e capacidade militar.

Neste contexto geral, é-nos possível observar as demais vantagens e desvantagens da adesão da Turquia à UE, sendo que esta última, por sua vez, depende fortemente da Rússia ao nível do abastecimento de gás natural. É neste âmbito que a Turquia surge como uma porta de acesso a fontes alternativas deste recurso, mais especificamente, oriundas do Cáucaso e da Ásia Central. Deste modo, os projetos *South Stream* e *Nabucco* apresentam visões díspares da interpretação de segurança energética da UE: se por um lado se procura a diversificação de itinerários de abastecimento energético de gás natural no primeiro caso, no segundo, além disso, procura-se uma multiplicação das fontes de abastecimento, designadamente, no Azerbaijão. No entanto, ambos respondem ao requisito de passagem por zonas estáveis com indicadores da sua continuidade e de rentabilidade.

Capítulo 3

Metodologia e Procedimentos

3.1 Generalidades

Para Oliveira (2005) a Metodologia implica uma série de procedimentos para elaborar um trabalho científico, nomeadamente um processo inicial de obtenção de dados, de escolha do instrumento de pesquisa, a definição da amostra a estudar, a categorização ou classificação e a análise de todos os dados que foram recolhidos. Complementarmente, Freixo (2011) defende a existência de três fases: a fase concetual, a fase metodológica e a fase empírica. Os objetivos gerais de tais mecanismos traduzem a proposta do problema a resolver, as perguntas derivadas que decorrem do item anterior e as hipóteses que possibilitam o alcance de uma solução, apesar da sua não verificação, todas as componentes enunciadas constam da Introdução do presente trabalho.

Estas três fases podem ainda ser descortinadas nas sete fases definidas por Quivy e Campenhoudt (1998), designadamente, a pergunta de partida, a exploração, a problemática, a construção do modelo de análise, a observação, a análise das informações e as conclusões. É de referir os mecanismos de retroatividade que estas envolvem e a forma dinâmica e não sequencial com que a investigação se conduz.

A primeira fase simboliza a rotura, ou seja, quebrar todas as ideias preconcebidas e o conhecimento já conhecido acerca da problemática em questão. Essa ação é materializada na formulação de uma pergunta de partida que define uma nova abordagem a uma problemática já conhecida na atualidade (Quivy e Campenhoudt., 1998). Nesta fase é analisado todo o conhecimento e informação existente de modo a sustentar as posteriores relações que serão estabelecidas com vista a responder à Questão Central.

Assim, existem condições para a construção do modelo de análise, ou seja, a abordagem dada à problemática, sendo que esta fase já se inicializa com a consecução dos processos anteriores e a definição de um mecanismo de análise, neste caso, a análise de conteúdo, uma entrevista exploratória e as entrevistas semidiretivas.

Por fim, procede-se então ao desenvolvimento do modelo de análise, selecionado anteriormente, com vista à validação das conclusões retiradas, pois, “uma proposição só

tem estatuto científico na medida em que pode ser verificada pelos factos” (Quivy e Campenhoudt, 1998, p. 25).

3.2 Método de abordagem ao problema e justificação

Entre os vários métodos “a escolha de procedimentos sistemáticos para a descrição e explicação de fenómenos” (Richardson citado por Oliveira, 2005, p. 30) optou-se por uma abordagem à problemática de natureza dedutiva que “tem origem na conceção racionalista das ciências e constitui o seu instrumento de aplicação” (Freixo, 2011, p. 98). Deste modo, pretende-se partir do geral para o particular de modo a refutar ou corroborar determinadas premissas, designadamente, as hipóteses estabelecidas na Introdução, através do relacionamento dos dados obtidos.

3.3 Técnicas, procedimentos e meios utilizados

Esta investigação é conduzida com técnicas¹⁰⁰ uma natureza predominantemente teórica devido à natureza do objeto de estudo. O objetivo é recolher dados e informações atuais, através de fontes primárias e secundárias, que permitam responder às demais questões postuladas. Esta análise de conteúdo visa também compreender o contexto em que os demais documentos foram elaborados e os motivos que levam à obtenção das suas conclusões, com um espírito crítico que procura a fundamentação de qualquer premissa utilizada.

Complementando tal base, procura-se obter a visão de indivíduos com reconhecido conhecimento das relações internacionais e do papel da Turquia no SPI ou que desempenhem funções junto de embaixadas da nação em estudo. Cada uma destas entrevistas será realizada nas devidas unidades de colocação ou locais do trabalho.

Por fim, a observação que, segundo Freixo (2011, p. 195), “significa constatação de um facto, quer se trate de uma verificação espontânea ou ocasional, quer se trate de uma verificação metódica e planeada”. Esta classifica-se como não participante ou indireta pelo facto deste “tipo de observação em que o investigador permanece fora da realidade a estudar” (Freixo, 2011, p. 196).

¹⁰⁰ De acordo com Severino (citado por Oliveira, 2005, p. 30) “as técnicas são procedimentos mais restritos que operacionalizam os métodos, mediante emprego de instrumentos adequados”.

3.4 Local e data da pesquisa e recolha de dados

Grande parte deste trabalho, materializado na pesquisa documental, concretizou-se na Biblioteca da AM, no Instituto de Estudos Superiores Militares (IESM), na Universidade do Minho e Biblioteca Nacional para a consulta de livros, documentos e revistas especializadas que se debruçam sobre a temática. A Internet foi privilegiada para obter os dados mais atuais, com a preocupação permanente na sua fidedignidade e credibilidade. Os autores escolhidos também foram selecionados de acordo com o reconhecimento do seu conhecimento quanto ao objeto de estudo, a Turquia, numa abordagem geopolítica.

3.5 Amostragem: composição e justificação

A amostra define-se como “um conjunto de sujeitos retirados de uma população, consistindo a amostragem num conjunto de operações que permitem escolher um grupo de sujeitos ou qualquer outro elemento representativo da população estudada” (Freixo, 2011, p. 182) e assume a classificação de não probabilística pelo facto dos seus elementos selecionados não deterem a mesma probabilidade de lhe pertencerem (Freixo 2011) e racional por se utilizar determinados critérios objetivados de seguida para integrar cada entrevistado. Este critério assume-se como o conhecimento específico da problemática em questão, o domínio da área científica da investigação e o grau académico das personalidades.

O número restrito de entrevistados é justificado pela seguinte constatação: “Nem todo o material de análise é suscetível de dar lugar a uma amostragem, e, nesse caso, mais vale abstermo-nos e reduzir o próprio universo (e, portanto, o alcance da análise) se este for demasiado importante” (Bardin, 2009, p. 123).

Deste modo, as entrevistas direcionam-se para quatro elementos profundamente conhecedores da ciência Geopolítica ou da Teoria das Relações Internacionais que se dedicaram em algum momento ao estudo do caso turco e sua adesão à UE, bem como, elementos próximos ou mesmo integrados na embaixada turca em Portugal.

3.6 Descrição dos procedimentos de análise e recolha de dados

A análise de conteúdo para Bardin (2009) envolve um conjunto de técnicas de análise de informação baseadas em procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo dos dados obtidos. Este processo resume-se a uma associação da informação recolhida, ou seja, as palavras indutoras ou estímulos que geram respostas, que se traduzem nas palavras induzidas.

O mesmo autor define três fases para a análise de conteúdo: a pré-análise, a exploração da matéria e, por fim, o tratamento dos resultados através da inferência e da interpretação (Bardin, 2009). Toda esta metodologia objetiva a sistematização facilitadora das operações sucessivas de análise, antecedida da escolha e recolha dos documentos e a elaboração dos indicadores para a interpretação final.

Complementarmente, foram realizadas entrevistas exploratórias e entrevistas, “o termo é construído a partir de duas palavras, “entre” e “vista”, onde “vista” se refere ao ato de ver, ter preocupação de algo; “entre” indica a relação de lugar ou estado no espaço que separa duas pessoas ou coisas (Freixo, 2011, p. 192). Estas permitem a recolha de informação mas também a partilha de informação através de um método semidiretivo, numa “combinação de perguntas abertas e fechadas que permite uma abordagem muito completa” (Reis, 2010, p. 86). A sua análise posterior basear-se-á na classificação dos dados, a codificação e tabulação dos mesmos e, por fim, a análise das respostas obtidas.

3.7 Descrição dos materiais e instrumentos utilizados

Reis (2010) define a seleção dos instrumentos de acordo com os fatores e variáveis operacionalizadas, sejam independentes¹⁰¹ ou dependentes¹⁰², designadamente a Questão Central e as questões derivadas, os demais objetivos da investigação, o nível de conhecimento do autor do presente estudo ou ainda a fidedignidade e credibilidade dos instrumentos de medida adotados e da possibilidade de as obter.

Assim, utilizou-se a análise documental, a entrevista exploratória e a entrevista, já detalhadamente explicitados no ponto anterior.

¹⁰¹ “A variável que numa experiência é especificamente manipulada pelo experimentador de modo a que os seus efeitos possam ser observados na variável dependente” (Freixo, 2011, p. 176)

¹⁰² “A variável cujos valores são em princípio o resultado de variações de uma ou mais variáveis independentes e respetivas condições” (Freixo, 2011, p. 176).

Capítulo 4

Apresentação, Análise e Discussão de Resultados

4.1 Análise da Entrevista Exploratória

4.1.1 Caracterização da Entrevista Exploratória

O alvo da entrevista exploratória tem o nome de Gulce Kumrulu, com 34 anos, que desempenha, na atualidade, as funções de Cônsul Turca em Portugal, mais precisamente em Lisboa, tendo como formação académica o grau de Mestre em Relações Internacionais e Mestre em Estudos Europeus.

4.1.2 Análise das Entrevistas Exploratórias

Para análise dos dados recolhidos através do método de observação materializado por esta entrevista com fins exploratórios, foi utilizada a metodologia estabelecida por Freixo (2011) e Oliveira (2005). De um modo geral, esta, nesta fase, envolve apenas a classificação dos dados, como podemos verificar no Apêndice C, passando, posteriormente, à sua análise neste capítulo.

4.1.3 Análise dos dados exploratórios obtidos

Após a transcrição da entrevista exploratória realizada, como podemos constatar no Apêndice G e a classificação da mesma, no Apêndice C, analisaremos as respostas a cada questão, relacionando-as com a Revisão de Literatura, representando este passo o fim da fase exploratória, como podemos observar no capítulo anterior.

Questão nº 1: Em que ponto se encontram neste momento as negociações da adesão da Turquia à União Europeia?

A opinião da Cônsul turca é positiva, afirmando o seu avanço na negociação de cada Capítulo de acervo da UE, já referidos na Revisão da Literatura, e a sua evolução significativa com vista ao seu cumprimento.

Como também é afluído na Revisão da Literatura, a França e o Chipre colocam obstáculos à sua concretização. Com uma tendência de fricção histórica, a Grécia junta-se ao conjunto de países renitentes à adesão turca à UE.

Questão nº 2: Considera que a posição geográfica da Turquia poderá favorecer o acesso da União Europeia aos recursos energéticos existentes no Cáucaso?

Mais uma vez a resposta é afirmativa e vem reforçar o estabelecido na Revisão da Literatura, a posição geográfica da Turquia apresenta a potencialidade de permitir a entrada de recursos energéticos do Cáucaso na UE e de funcionar como mediador do trânsito energético. Tal é justificado pela Cònsul com as ótimas relações existentes com os países do Cáucaso e as várias negociações desenvolvidas com a UE ao nível energético, especialmente com a Comissão Europeia.

Questão nº 3: Quais são as relações comerciais, políticas e diplomáticas da Turquia com os países do Cáucaso, nomeadamente, Geórgia, Arménia e Azerbaijão?

Como já o evocámos na Revisão da Literatura, é referenciado o papel da Turquia na estabilidade e desenvolvimento da região, traduzido, na atualidade, numa cooperação aliada com fortes relações comerciais e diplomáticas com todos os seus vizinhos.

Relativamente à Geórgia e Azerbaijão, as relações são extremamente positivas como podemos observar com aeroportos partilhados e livre-trânsito entre os seus territórios, o projeto TANAP que reúne as três nações e a parceria negocial entre estes com fortes porções de exportações e importações entre eles. Tal reforça o conteúdo da Revisão da Literatura.

No que respeita à Arménia, as relações são bem mais complicadas pelo passado histórico ainda presente nas suas mentes aquando da Primeira Grande Guerra. Porém, pequenos passos são dados para a melhoria das suas relações, sendo o mais representativo a assinatura de protocolos de cooperação entre os dois países na Suíça.

Questão nº 4: Qual o papel da Turquia no projeto *Nabucco*?

Face a este projeto explanado na Revisão da Literatura, é defendida a sua simbologia da cooperação energética entre a UE e a Turquia. Esta relação, como tem sido

constantemente afirmado, é materializada pela sua capacidade de ligar, neste caso, o mar Cáspio a Áustria, através de um percurso de gasoduto.

Questão n.º5: A Turquia tem alguma participação no projeto *South Stream*? Vê nesse projeto um obstáculo à concretização do *Nabucco*?

Segundo a Cônsul Turca, o projeto *South Stream* pode criar maior competição para o projeto *Nabucco*. Porém, este segundo projeto permite criar uma alternativa à dependência europeia ao gás natural oriundo da Rússia, enquanto o primeiro projeto apenas a reforça.

A participação turca nesse projeto apenas envolve o seu consentimento para a passagem dos seus gasodutos pelo seu mar territorial.

4.2 Análise das Entrevistas

4.2.1 Caracterização das Entrevistas realizadas

O primeiro entrevistado é Tenente-Coronel Domingos Jorge Fernandes Rodrigues, de 44 anos, colocado na Direção de Administração de Recursos Humanos (DARH), apresenta o grau académico de Mestre em Relações Internacionais. O seu conhecimento do objeto de estudo é patente nas demais publicações que redigiu sobre a temática.

O segundo entrevistado, Eurico Manuel Curates Rodrigues, de 42 anos, desempenha, na atualidade, as funções de Professor Adjunto da Academia Militar no seio do Departamento de Ciências e Tecnologias Militares e, mais especificamente, na Unidade Curricular de Teoria das Relações Internacionais. No âmbito académico, é licenciado em Relações Internacionais, Mestre em Estratégia e Doutorando em Relações Internacionais, detém o Curso de Defesa Nacional e de Política Externa Nacional.

Foi entrevistado André Pereira Matos, com 25 anos, atual bolseiro de Doutoramento há dois anos e com o grau académico de licenciado em Relações Internacionais e Doutorando na mesma área. Desde cedo se dedicou à problemática turca na sua área de estudo, assumindo-se, assim, como um especialista.

Por fim, foi ainda entrevistado Ivo Sobral, de 36 anos, atual Professor Universitário há cerca de 10 anos na Unidade Curricular de Teoria das Relações Internacionais, com o grau académico de Doutor nessa mesma área científica.

4.2.2 Análise das Entrevistas

Para análise dos dados recolhidos através do método de observação materializado pela entrevista com o guião presente no Apêndice H, foi utilizada a metodologia estabelecida por Freixo (2011) e Oliveira (2005). Na sua fase inicial, este trabalho de observação indireta envolve a classificação dos dados, como podemos verificar no Apêndice D, a sua codificação e tabulação, ambos os processos descritos nos Apêndices E, sendo que, consequentemente, passar-se-á à sua análise neste capítulo.

4.2.3 Análise dos dados obtidos

Na sequência da transcrição das entrevistas realizadas, possíveis de serem consultadas do Apêndice I ao Apêndice L, iniciou-se um processo de classificação e codificação alfanumérica observável no Apêndice E. Deste modo, atendendo à frequência e percentagem dos demais segmentos elaborados, serão analisadas cada uma das questões individualmente e os seus resultados, tecendo ligações com a Revisão de Literatura elaborada e a consequente Entrevista Exploratória.

Questão n.º1: Na sua perspetiva, qual a importância geopolítica que o posicionamento geográfico da Turquia assume como fronteira entre a Europa e a Ásia?

Na resposta à Questão 1, o posicionamento geográfico da Turquia apresenta, fundamentalmente, três razões para a sua importância geopolítica, designadamente, com a unanimidade dos entrevistados a assumirem-na como uma área de confluência entre países, povos, políticas e culturas, como uma ponte entre diversas entidades, tais como Estados e Organizações Internacionais, aliado ao facto desta se elevar ao nível de uma potência nessa região. 75% dos entrevistados expõe a sua natureza de fronteira entre a Europa e a Ásia, 50% enuncia os projetos *Greater Middle East Project* e a Política Zero Problemas, além de, residualmente, ser identificada uma diagonal de influência da Turquia entre o norte de África, Afeganistão, passando pelo médio oriente, Cáucaso e Ásia central, a importância das suas vias de comunicação, nomeadamente, o mar Mediterrâneo, o mar Egeu, o mar Negro, o mar de Mármara e os estreitos da Turquia, a criação de um novo mercado para os produtos europeus e a proximidade e controlo das maiores jazidas do mundo (Tabela n.º1).

Tabela n.º1 – Análise quantitativa das respostas à Questão.n.º1

Fonte: Autor

Segmentos das respostas	Entrevistados				Frequência (n)	Percentage m (%)
	1	2	3	4		
Questão 1						
Segmento 1.1	X	X	X	X	4	100%
Segmento 1.2	X	X	X	X	4	100%
Segmento 1.3	X	X	X	X	4	100%
Segmento 1.4	X				1	25%
Segmento 1.5	X		X		2	50%
Segmento 1.6		X			1	25%
Segmento 1.7		X	X	X	2	75%
Segmento 1.8				X	1	25%
Segmento 1.9				X	1	25%
Valores Médios	25%	25%	25%	25		

Questão n.º2: Quais considera serem as grandes mais-valias da adesão da Turquia à UE? Acredita numa mais-valia ao nível do abastecimento energético?

As respostas a esta pergunta apresentam a maior dispersão de respostas com 13 segmentos, com uma uniformidade quantitativa entre entrevistados. Todos os entrevistados afirmaram a Turquia como uma efetiva alternativa energética para o abastecimento da UE. Cinco segmentos se destacam com a referência de 75% dos entrevistados: a proximidade e abertura de uma região dificilmente acessível diretamente para a UE, a todos os níveis, a criação de uma nova fronteira da UE, a proximidade das maiores reservas de hidrocarbonetos do mundo, a integração de um forte poder militar e capacidade de intervenção política no SPI e uma economia em crescimento como possível impulsionadora da europeia. Em terceiro lugar, dois dos entrevistados referiram a possibilidade de abertura de novos mercados, a existência de uma mão-de-obra jovem e a afirmação de valores como a solidariedade, tolerância e laicismo com a adesão de um Estado-membro islâmico. Por fim, é ainda referido, por cada um dos entrevistados, a possível pressão que poderia ser exercida sobre a Rússia, a presença turca em várias Organizações Internacionais regionais, um rejuvenescimento da população europeia e a estabilidade e segurança que garantiria nos fluxos de abastecimento à UE (Tabela n.º2).

Tabela n.º2 – Análise quantitativa das respostas à Questão n.º2

Fonte: Autor

Segmentos das respostas	Entrevistados				Frequência (n)	Porcentagem (%)
	1	2	3	4		
Questão 3						
Segmento 2.1	X	X	X		3	75%

Segmento 2.2	X	X		X	3	75%
Segmento 2.3	X				1	25%
Segmento 2.4	X	X	X		3	75%
Segmento 2.5	X	X			2	50%
Segmento 2.6	X		X		2	50%
Segmento 2.7	X	X		X	3	75%
Segmento 2.8	X	X	X	X	4	100%
Segmento 2.9	X	X	X		3	75%
Segmento 2.10		X	X		2	50%
Segmento 2.11		X			1	25%
Segmento 2.12			X		1	25%
Segmento 2.13				X	1	25%
Valores Médios	31%	31%	24%	14%		

Questão n.º3: Considera as políticas externas turcas face ao Cáucaso e Ásia Central facilitadoras ou dificultadoras do abastecimento energético da UE, na perspetiva da sua adesão?

Nesta nova questão, as respostas apresentam todas a visão de uma política externa turca de aproximação, neutralidade e imparcialidade, por motivos de relações históricas e culturais (50%), ao Cáucaso e Ásia Central, principalmente ao nível económico e energético e enquanto mediador (100%), em duas linhas complementares: por um lado com a UE e, por outro, com a região (50%). 50% dos entrevistados refere um forte vetor de relacionamento energético com o Azerbaijão. Seguidamente, os entrevistados referem um conflito ou uma relação de natureza competitiva com a Rússia e o Irão, além de alguns atritos com a Arménia que, porém, se vão suavizando. Para o lado europeu, desde cedo se iniciou uma ligação económica, designadamente, com uma união aduaneira (Tabela n.º3).

Tabela n.º3 – Análise quantitativa das respostas à Questão n.º3

Fonte: Autor

Segmentos das respostas	Entrevistados				Frequência (n)	Percentage m (%)
	1	2	3	4		
Questão 3						
Segmento 3.1	X	X	X	X	4	100%
Segmento 3.2	X				1	25%
Segmento 3.3	X			X	2	50%
Segmento 3.4	X	X			2	50%
Segmento 3.5	X	X	X	X	4	100%
Segmento 3.6		X		X	2	50%
Segmento 3.7			X		1	25%
Segmento 3.8			X	X	2	50%
Valores Médios	28%	22%	22%	28%		

Questão n.º4: Como considera que os projetos *South Stream* e *Nabucco* influenciarão o abastecimento energético da UE na perspectiva de uma dependência crescente à Rússia?

Desde logo é apresentada uma visão unânime da diferenciação de implicações ao nível de cada projeto. Todos os entrevistados veem o projeto *Nabucco* como uma forma de diversificação de fontes e de trajetos de abastecimento energético, enquanto que, do lado do projeto *South Stream*, este facto não se verifica, direcionando-se apenas para uma diferenciação de rotas (100%) e uma expansão russa na região (50% dos entrevistados). Todos os entrevistados acreditam que o primeiro projeto referido reduz significativamente a dependência energética relativamente à Rússia e 75% afirma uma diversificação geopolítica e geoeconómica. Pois, três entrevistados defendem que a Rússia tem usado a sua mais-valia energética como uma “arma” de favorecimento ou desfavorecimento. Deste modo, o Entrevistado 3 enuncia uma maior autonomia energética da UE e o Entrevistado 4 defende uma complementaridade e sustentabilidade dos mercados que oferece maior estabilidade (Tabela n.º4).

Tabela n.º4 – Análise quantitativa das respostas à Questão.n.º4

Fonte: Autor

Segmentos das respostas	Entrevistados				Frequência (n)	Percentage m (%)
	1	2	3	4		
Questão 4						
Segmento 4.1	X		X	X	3	75%
Segmento 4.2	X	X	X		3	75%
Segmento 4.3	X	X	X	X	4	100%
Segmento 4.4	X	X	X		3	75%
Segmento 4.5		X	X		2	50%
Segmento 4.6		X	X	X	3	75%
Segmento 4.7			X	X	2	50%
Segmento 4.8				X	1	25%
Valores Médios	19%	24%	33%	24%		

Questão n.º5: Acredita numa dependência energética europeia relativamente à Rússia? A adesão da Turquia poderá reduzir ou mesmo eliminar esta dependência?

As perspetivas são repartidas: enquanto um entrevistado defende a independência energética europeia face à Rússia pela procura de fontes diversificadas, os restantes três elementos defendem essa dependência. 75% dos entrevistados defendem que, todavia, não se deve substituir uma dependência por outra, sendo, por isso, importante manter as relações económicas com a Rússia (50%). Três entrevistados defendem que a adesão da

Turquia poderá atenuar esta dependência, dotando a UE de maior autonomia e margem de manobra e o Entrevistado 4 alerta para não se esquecerem as soluções tecnológicas como forma de diversificação desta dependência (Tabela n.º5).

Tabela n.º5 – Análise quantitativa das respostas à Questão.º5

Fonte: Autor

Segmentos das respostas	Entrevistados				Frequência (n)	Percentage m (%)
	1	2	3	4		
Questão 5						
Segmento 5.1	X				1	25%
Segmento 5.2	X	X		X	3	75%
Segmento 5.3		X	X	X	3	75%
Segmento 5.4		X	X	X	3	75%
Segmento 5.5		X		X	2	50%
Segmento 5.6		X	X	X	3	75%
Valores Médios	13%	33%	20%	34%		

4.3 Discussão dos resultados

Com vista a tecer opiniões relativamente às respostas obtidas, são, doravante, tecidas relações pergunta a pergunta.

4.3.1 Importância geopolítica da posição geográfica da Turquia

Com base na Revisão de Literatura executada, constatou-se que a Turquia localiza-se na fronteira da Europa com a Ásia, ou seja, na Eurásia de Mackinder, mais concretamente no seu crescente interior: localiza-se no *Rimland* de Spykman e na região “Pan-Euro-África” de Haushofer, o que confirma a sua importância global, enquanto que Mahan sublinha a necessidade da criação de bases de apoio em tempo de paz e a necessidade de controlo dos estreitos para permitir a livre circulação do comércio marítimo.

Verificamos que uma pequena parte do território turco se encontra no continente europeu, principalmente Istambul que representa 5% do país, sendo o remanescente localizado no continente asiático. Tal permite-lhe um contacto com os países europeus, com o Cáucaso e Ásia Central exponenciado pelo controlo das principais vias de comunicação marítimas regionais: do mar Mediterrâneo, mar Egeu, mar Negro e mar de Mármara graças aos seus estreitos (de Bósforo e Dardanelos). As entrevistas reforçaram esta visão, acrescentando que, além de efetuar esta “ponte”, representa o ponto de

confluência política e cultural que influencia toda a região, ou seja, do norte de África, Afeganistão, passando pelo médio oriente, Cáucaso e Ásia Central. Tal permite-lhe assumir hoje o papel de potência e ator incontornável dessa região.

4.3.2 Vantagens para a União Europeia ao nível do abastecimento energético com a adesão da Turquia

Estreitamente relacionadas com a análise da última pergunta, as mais-valias traduzidas pela adesão turca, especificamente ao nível energético (petróleo e gás natural), foram explanadas com os vários gasodutos e oleodutos existentes, bem como com os projetos existentes, nomeadamente o BTC, o BTE, o ACG, o TAP, o TANAP e o ITGI, além dos projetos *Nabucco* e *South Stream*. O Quadro 1 (página 31) espelha as várias vantagens que se referem de seguida, decorrendo, fundamentalmente, da posição geográfica turca como um ponto de passagem incontornável das maiores reservas de hidrocarbonetos do mundo para uma das zonas que mais depende destes, a UE. As entrevistas confirmam tal, ampliando ainda para outras áreas, nomeadamente, para o poderio militar que acrescentaria, pela influência política crescente, uma potenciação económica, a integração do islamismo como marca de laicismo e o rejuvenescimento da população europeia. Simultaneamente, a sua entrada representaria um alívio da pressão russa com o estabelecimento de uma alternativa e uma diversificação da dependência relativamente a esta no que respeita ao abastecimento de gás natural.

4.3.3 Políticas externas turcas relativamente ao Cáucaso e Ásia Central

O enquadramento histórico demonstra uma conflitualidade inerente com alguns vizinhos, especialmente a Grécia, o Chipre e a Arménia. No entanto, relativamente aos restantes países, verifica-se uma ligação cultural e histórica de séculos. Na atualidade, estas relações permanecem marcadas pelo passado, pois os atritos com a Arménia permanecem, especialmente, pelo extermínio verificado na sequência da Primeira Guerra Mundial. No que respeita aos restantes países, especialmente o Azerbaijão, existem fortes relações económicas e energéticas através de acordos e protocolos existentes entre estes países. A Turquia tem vindo a desenvolver uma política de aproximação ao Cáucaso e Ásia Central, materializada pelo *Greater Middle East Project* e pela Política Zero Problemas, além de uma outra linha ligada à UE, designadamente, através da união aduaneira consubstanciada em 1995 (Ver Apêndice A). Simultaneamente, enquanto potência regional, é apontado um certo nível de competição, mesmo alguma conflitualidade, face à Rússia e Irão.

4.3.4 Implicações dos projetos *Nabucco* e *South Stream*

Ambos os projetos, detalhadamente explicitados na Revisão da Literatura, apresentam uma diversificação de rotas de abastecimento em gás natural da UE, com uma grande implicação turca no projeto *Nabucco*, todavia, esta decresce no caso do projeto *South Stream*. Paralelamente, enquanto o primeiro projeto referido apresenta, simultaneamente, uma diversificação de fontes, neste caso, fundamentalmente, o Azerbaijão, grande parceiro energético turco, no segundo, verifica-se uma expansão da importância russa ao nível do abastecimento energético para a UE. Ora, os entrevistados assumem que a ex-União Soviética tem utilizado a energia com uma “arma” nas relações externas que estabelece. Nesta sequência, o projeto *Nabucco* representa uma possibilidade de diversificação das fontes de abastecimento, dotando a UE de maior autonomia energética, diminuindo a sua dependência da Rússia.

4.3.5 A dependência energética europeia da Rússia e a alternativa turca

Face ao exposto, relativamente à dependência russa da UE, esta é sustentada pela Revisão da Literatura como o maior fornecedor regional com 24% ao nível do gás natural e 27% relativamente aos produtos petrolíferos, bem como a detenção de 34% das reservas de gás natural do mundo. Os entrevistados utilizam o termo “armas energéticas” para a utilização dos recursos por parte da Rússia. Nesta sequência surge como imprescindível a diversificação de fontes de abastecimento para a UE, sendo os segundos maiores produtores os países do Cáucaso: a Turquia aparece como a solução como verificamos no seu último relatório de análise dos capítulos de acervo. Assim, é afirmado unanimemente a adesão da Turquia como uma forma de atenuar a dependência energética da Rússia exposta com uma forte alternativa de abastecimento energético em que a Turquia poderá funcionar como mediadora.

Capítulo 5 - Conclusões e Recomendações

5.1 Introdução

Percorrido todo o caminho representado por todos os capítulos anteriores a este, tecer-se-ão então as demais conclusões que relacionam todos os elementos que compõem este trabalho com vista a alcançar uma resposta à Questão Central. Simultaneamente, serão respondidas as questões derivadas e corroboradas ou refutadas as hipóteses. Finalmente, reconhecer-se-ão limitações do estudo e lançar-se-ão propostas de investigações futuras.

5.2 Cumprimento dos objetivos

Estabelecidos o objetivo geral e os demais objetivos específicos, todo o trabalho desde a Revisão da Literatura e a Entrevista Exploratória que consolidaram a base teórica de análise às Entrevistas procuraram o seu cumprimento. Assim, estes consideram-se atingidos, sendo facilmente observável no restante desenvolvimento deste último capítulo.

5.3 Verificação das Hipóteses de Investigação

Deste modo, é iniciada a fase de verificação das hipóteses de investigação lançadas inicialmente. Relativamente à Hipótese n.º1: **A posição geográfica da Turquia favorece o acesso aos recursos energéticos existentes na região do Cáucaso e da Ásia Central por parte da UE.** Esta é corroborada através da junção da Revisão de Literatura e Entrevistas realizadas. Inicialmente, graças à definição do seu posicionamento, foi-nos possível verificar a sua localização na fronteira da Europa com a Ásia, contactando, por um lado, com os países da UE e, por outro, com as nações do Cáucaso e Ásia Central. Ora, 100% dos entrevistados defendem o seu potencial papel de “ponte” ou de elo entre uma das maiores reservas energéticas do mundo, o Cáucaso e a Ásia Central, e um dos maiores consumidores, a UE. Além disso, a Revisão da Literatura e 50% dos entrevistados averiguaram a sua possibilidade de controlo marítimo da região, com o acesso ao Mar Mediterrâneo, Mar Egeu, Mar Negro e Mar de Mármara através dos Estreitos da Turquia.

Avançando para a Hipótese n.º2: **A concretização do projeto *South Stream* torna a UE mais dependente da Rússia, no seu abastecimento do gás natural.** Esta proposição é validada pela Revisão da Literatura e consolidada pelas entrevistas. Este projeto assenta numa ideia de diversificação de trajetos de gasodutos através de zonas

estáveis, exponenciando, deste modo, a segurança energética europeia. Por outro lado, apurámos uma forte dependência da UE perante a Rússia, fornecendo atualmente 24% do gás natural consumido. Ora o projeto *South Stream* é encabeçado pela Gazprom e expande a produção de gás natural russo para a UE, representando um aumento da percentagem de fornecimento russo. Consequentemente, é-nos possível defender um crescimento da dependência da UE perante a Rússia com a concretização do projeto *South Stream*.

Para validar a Hipótese n.º3, **Os projetos de abastecimento energético que ligam a UE à Turquia garantem acesso a fontes energéticas do Cáucaso e da Ásia Central.** Mais uma vez, a hipótese de investigação enunciada é parcialmente corroborada pela Revisão da Literatura. Existem alguns projetos de oleodutos, nomeadamente, o oleoduto *Samsun-Ceyan* (ligação da região do mar Negro à UE) e os projetos do corredor de gás do sudoeste que ligam as suas produções aos mercados da UE: o TANAP (gás natural oriundo do Azerbaijão) e *Nabucco* (gás natural extraído do Azerbaijão e Turquemenistão). Assim verifica-se a ligação da UE a estas fontes energéticas, todavia, um dos projetos não garante o acesso a fontes energéticas do Cáucaso e Ásia Central: o projeto *South Stream*.

Por fim, com vista à validação da Hipótese n.º4: **A posição geográfica da Turquia influirá a decisão dos países europeus na sua eventual adesão à UE**, decorre da validação de todas as hipóteses anteriores formuladas. Ora a posição geográfica turca favorecedora do acesso ao gás natural e petróleo do Cáucaso e Ásia Central (Hipótese n.º1), a constatação de que a concretização do projeto *South Stream* aumenta a dependência energética à Rússia (Hipótese n.º2) e que os projetos de abastecimento energético, nomeadamente, o *Nabucco* e o oleoduto *Samsun-Ceyan*, em que a Turquia detém um papel central, representam vários fatores favoráveis a uma decisão dos países europeus positiva com vista à sua adesão à UE. Realça-se, ainda, a vertente económica e social, com a abertura de portas de um novo mercado (Cáucaso e Ásia Central), com a integração de uma economia dinâmica e de uma mão-de-obra jovem e a possibilidade, bem como de estender os valores de tolerância e solidariedade à religião islamita e novas culturas.

5.4 Resposta às Questões Derivadas

Refutadas ou corroboradas as hipóteses lançadas, encontramos-nos, nesta fase, em condições de responder de uma forma sustentada às Questões Derivadas estabelecidas.

A primeira Questão Derivada, **qual importância da posição geográfica da Turquia para o acesso da UE aos recursos energéticos do Cáucaso e da Ásia Central?**

A resposta é conseguida na Revisão da Literatura e consolidada nas Entrevistas realizadas, a posição geográfica da Turquia apresenta, por um lado, a fronteira com os países da UE e, por outro, a fronteira com países do Cáucaso e Ásia Central, uma das maiores reservas energéticas mundiais, especificamente ao nível do gás natural e produtos petrolíferos. Apresentando a Turquia, simultaneamente, a predominante rede de transmissões energéticas terrestres (oleodutos BTC, ACG e de petróleo bruto Iraque-Turquia e os gasodutos BTE e o ITGI) e o domínio das vias de comunicação marítimas entre o mar Negro, mar de Mármara e o mar Mediterrâneo e mar Egeu através dos estreitos da Turquia. Complementarmente, os entrevistados referem unanimemente a Turquia como a “ponte” e com a função de mediador energético entre estas regiões e a UE. Consequentemente, é averiguada a elevada importância da posição geográfica da Turquia para o acesso da UE aos recursos naturais do Cáucaso e Ásia Central.

Respondendo à segunda Questão Derivada, **qual a importância das relações externas da Turquia com os Estados existentes no Cáucaso e na Ásia Central?** Mais uma vez conjugou-se o que se apurou na Revisão da Literatura e nas Entrevistas. Face ao desejo dos países do Cáucaso e Ásia Central de entrarem no mercado europeu, a Turquia desenvolve relações externas que respondam a esse desejo com o papel de mediador do trânsito energético, especialmente no caso do Azerbaijão e da Geórgia e na criação da CEMN. Face à Ásia Central, exceto o caso do Turquemenistão, o alcance não é o mesmo e não existe a mesma relação cultural e económica. Face ao caso específico da Arménia, as relações apresentam mais atritos, fundamentalmente por questões históricas. As entrevistas vieram confirmar esta tendência, referindo ainda as novas políticas lançadas: *Greater Middle East Project* e a Política Zero Problemas, por 50% dos entrevistados. Assim, existem relações externas potenciadoras de uma cooperação reforçada ao nível energético especialmente com o Azerbaijão, Geórgia, Turquemenistão e Iraque.

Para a resposta à terceira Questão Derivada, **quais as implicações do Projeto *South Stream* para o abastecimento energético da UE?** Verifica-se novamente uma convergência da Revisão da Literatura com as Entrevistas realizadas. Por outras palavras, o projeto *South Stream* reforça a segurança energética da UE através da diversificação de rotas com a passagem por zonas mais estáveis. No entanto, existe, simultaneamente, um reforço da dependência energética face à Rússia perante uma manutenção das origens do abastecimento energético, nomeadamente, às mãos da Gazprom. Por fim, 75% dos entrevistados afirmam ainda a importância deste projeto para o reforço das relações económicas e diplomáticas com a ex-União Soviética.

Respondendo à quarta Questão Derivada, **quais as implicações do Projeto Nabucco para o abastecimento energético da UE?** Este projeto representa um gasoduto com o objetivo de edificar uma ponte entre a Ásia, nomeadamente, a região do Cáspio e do médio oriente, e a Europa reforçando a segurança energética em todas as suas vertentes. Pois, além da diversificação de rotas de abastecimento energético da UE, alcançar-se-á uma alternativa da proveniência de fontes de gás natural, designadamente, às do mar Negro e mar Cáspio (Azerbaijão, Geórgia, Turquemenistão, Arménia e outros), permitindo a libertação parcial da dependência de recursos naturais russos e fomentar a flexibilidade dos fluxos de energia. A adesão da Turquia à UE permitiria o seu papel de mediador do trânsito energético e a proximidade destas reservas. Podemos considerar que este projeto permitirá a diversificação de fontes e de rotas de abastecimento de gás natural da UE.

Quanto à última questão derivada, **a posição geográfica da Turquia influirá na sua eventual adesão à UE?** A resposta é positiva e é alcançada pela Revisão da Literatura realizada. Ora, no primeiro âmbito, foram enunciadas as principais vantagens da sua adesão à UE no Quadro n.º1 (página 31), salientando-se uma posição geográfica que permite uma expansão dos mercados económicos europeus e a extensão da sua influência política pelas regiões do Cáucaso e da Ásia Central. Todavia, simultaneamente, é aberta também uma porta de entrada ao médio oriente, com várias fontes de insegurança e instabilidade associadas. Já os entrevistados foram bem mais otimistas, sublinhando, essencialmente, as suas mais-valias, das quais releva, unanimemente, a diversificação e alternativa que representa a Turquia no que respeita ao abastecimento energético (petróleo e gás natural) da UE e o alívio da pressão exercida pela Rússia nestes domínios.

5.5 Resposta à Questão Central

Esta representa a última fase desta investigação: a resposta à Questão Central que materializa a problemática em torno da qual giram todos os capítulos anteriores, as respostas às Questões Derivadas do último ponto e a verificação das hipóteses. Assim, esta formula-se do seguinte modo: **Qual a importância da posição Geográfica da Turquia para diminuir a dependência energética da União Europeia do Gás Natural da Rússia?** A sua resposta obtém-se através da resposta às questões derivadas e às hipóteses. Desde logo, identificou-se a Turquia no crescente interior de Mackinder, no *Rimland* de Spykman (zonas costeiras do *Heartland*) e pela sua importância geopolítica na navegação marítima, pelo controlo das rotas entre o mar Mediterrâneo e o mar Negro, como sugeria

Mahan na necessidade de controlo dos pontos-chave de forma a garantir o comércio. A Turquia devido à sua posição geográfica, controla os estreitos de Bósforo e Dardanelos e, dada a proximidade das maiores reservas de gás natural do mundo, mais especificamente, do Cáucaso e da Ásia Central, a existência de extensas condutas no seu território e o controlo das vias de comunicação marítimas da região permite-lhe uma posição de ator incontornável nas relações entre a Ásia e a Europa. Consequentemente, aferida a dependência europeia ao nível deste recurso natural, a posição turca junto destas alternativas de abastecimento, aliada a uma cooperação energética e económica estreita com o Azerbaijão, Turquemenistão, Geórgia e Iraque, a potenciação de projetos como o *Nabucco* ou o TANAP com as suas implicações já referidas e a sua firme intenção de aderir à UE, consideramos que a posição geográfica da Turquia contribui para a diminuição da dependência energética de gás natural da UE face à Rússia e poderá constituir-se como um elemento determinante para a sua eventual adesão.

5.6 Limitações à Investigação

Desde a fase inicial surgiram dificuldades ao nível do alcance de uma amostra representativa que pudesse ser utilizada para responder à Questão Central. Perante a maior adequação de uma análise de âmbito teórico, desenvolvida através de processos de análise de conteúdo, optou-se, mesmo assim, por um trabalho de campo através de entrevistas com alvos específicos, baseados no seu conhecimento, sendo que a sua existência não abunda.

Por outro lado, este é um assunto muito debatido na praça pública, porém, raramente na perspetiva geopolítica abordada, levando a uma grande quantidade de dados, mas com uma limitada utilidade face ao estudo em causa.

5.7 Investigações Futuras

Face a esta investigação, são propostas investigações a diversos níveis com vista a analisar pormenorizadamente a adesão da Turquia à UE, designadamente, na sua perspetiva económica, social, militar ou política. Tal permitiria uma visão multidisciplinar da problemática em causa.

Por fim, pensamos que outro objeto de estudo de elevado interesse seria a análise da dependência energética da UE face à Rússia na qual a Gazprom se apresenta como mediadora, pois esta, sem dúvida, terá fortes consequências num futuro próximo.

Bibliografia

Almeida, P. (1994) (1.ªEd.). *Ensaio de Geopolítica*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

AM (2011). *Trabalho de Investigação Aplicada – Norma para a redação do Relatório Científico Final*. Anexo F à NEP 520, Lisboa: Academia Militar

APA (2010). *Publication Manual of the American Psychological Association*. Washington DC: 6.ª Edição

Análise Geopolítica (2013). Obtido a 12 de Julho de 2013, de Análise Geopolítica: <http://analisegeopolitica.com/2011/10/24/o-que-quer-a-turquia/>.

Azernews (2013). Obtido a 16 de Maio de 2013, de Azernews: <http://www.rawtag.com/site/azernews.net>

Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Campos, J. (2000). *Manual de Direito Comunitário*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

BENH(s.d). BENH - *Bulgarian Energy Holding*. Obtido em 13 de Julho de 2013, de BENHH: <http://www.bgenh.com/en/index.php?page=1&sid=1>.

BOTAS (2013). BOTAS – *Turkish Gas Natural Company*. Obtido a 12 de Junho de 2013, de BOTAS: <http://www.botas.gov.tr/index.asp>.

Cheterian, V. (2008). *War na Peace in the Caucasus: Russia's troubled frontier*. Nova-Iorque: *Columbia University Press*.

CIA (2013) CIA – *Central Intelligence Agency*. Obtido em 20 de Maio de 2013, de CIA: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/tu.html>.

Defarges, P. (2003). *Introdução à Geopolítica*. Lisboa: Gradiva

DEPA (2013). DEPA – *Greek Gas Natural Company*. Obtido em 24 de Maio de 2013, de DEPA: <http://www.depa.gr/content/article/002001001/8.html>.

Dias, C. (2005). *Geopolítica: Teorização Clássica e ensinamentos*. Lisboa: Prefácio – Edição de Livros e Revistas, Lda.

Dias, C. (2006). *Kissinger e Brezinski*. Lisboa: Prefácio – Edição de Livros e Revistas, Lda.

Dias, C. (2010). *Sobre a Guerra*, Lisboa: Prefácio – Edição de Livros e Revistas, Lda.

Dias, C. (2012). *Geopolítica. Velhas mas novas aproximações e o contrário*. Aveiro: Mare Liberum,

Edison (2013). Edison – *Italian Energy Company*. Obtido em 12 de Junho de 2013, de Edison: <http://www.edison.it/en/company/index.shtml>.

ESDC (2011) (*European Security and Defense College*) <http://elearning.academiamilitar.org/>, consultado em 28 Março 2011.

EURONEWS (2009). EURONEWS – Agência de Notícias Europeia. Obtida em 2 de Julho 2013, de EURONEWS: <http://pt.euronews.com/2009/01/19/turkey-puts-foot-on-the-gas/>.

EUROSTAT (2012). EUROSTAT – *European Statistics – European Comission*. Obtido em 19 de Maio, de EUROSTAT: <http://epp.eurostat.ec.europa.eu/portal/page/portal/population/data/database>.

Fernandes, J. (2005). *Turquia: Metamorfose de Identidad*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais

Fortin, M. (2009). *O Processo de Investigação da concepção à realização* (5ª ed.). Loures: Lusociência.

Freixo, M. (2011). *Metodologia Científica. Fundamentos, Métodos e Técnicas*. (3ª Ed). Lisboa: Instituto Piaget.

Friedman, G. (2012). *A Próxima Década*. Alfragide: Publicações D. Quixote.

GUIAGEO (2013). GUIAGEO – *Guia Geográfico e Mapas*. Obtido em 17 de Maio de 2013, de GUIAGEO: <http://www.guiageo-mapas.com/mapa-mundi.htm>.

Hill, M., e Hill, A. (2012). *Investigação por Questionário*. Lisboa: Sílabo.

Howard, M., e Paret, P. (2008). *Karl Von Clausewitz – On War*. Oxford: IndexedEdition

INDEXMUNDI (2013). INDEXMUNDI – *Country profiles*. Obtido em 8 de Junho de 2013, de INDEXMUNDI: <http://www.indexmundi.com/turkey/>.

IAEM (1996). *Geopolítica e Ciências Auxiliares*. Lisboa: Instituto de Altos Estudos Militares.

Kardas, S. (2010). *Turkey: Redrawing The Middle East Map Or Building Sandcastles?* Washington: *Middle East Policy Council*. Volume 17, pp. 115-136.

Kearns, G. (2009). *Geopolitics and Empire – The Legacy of Halford Mackinder*. Oxford: OUP.

Kramer, H. (1996). *Will Central Asia Become Turkey's Sphere of Influence*. *Ancara: Journal of International Affairs* (Volume 1).

Lacoste, Y. (2006). *A Geopolítica do Mediterrâneo*. Lisboa: Edições 70.

Lautensach, H., Obst, H., Fritz, T. (1928). *Bausteine Zur Geopolitik*. Berlin: Verlag.

Leitão, A. (2010). *Dinâmicas e relacionamentos entre a Rússia e a Europa: o sector energético*. Coimbra: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

LUSA (2009). O novo impasse da adesão Turca à União Europeia – Agência de Notícias de Portugal. Obtido em 17 de Maio de 2013, de LUSA: <http://www.depa.gr/content/article/002001001/8.html>.

Mango, A. (2002), *Ataturk. The Biography of the Founder of Modern Turkey*. Nova Iorque: *The Overlook Press*

Matos, A. (2012) *The Impact of European Union 2007 Enlargement on Turkey's Democratic Commitment*. Nação e Defesa nº 132. Lisboa: Instituto de Defesa Nacional.

Mercados Exteriores (2013). Mercados Exteriores. Obtido em 3 de Julho de 2013, de Mercados Exteriores: http://www.mercadosexteriores.pt/destaques_turquia.html.

MFA (2013). *Republic of Turkey – Ministry of Foreign Affairs*. Obtido em 12 de Junho de 2013, de MFA: <http://www.mfa.gov.tr/turkeys-energy-strategy.en.mfa>.

Nabucco Pipeline (2013). *Nabucco Pipeline Project*. Obtido a 14 de Julho 2013, de *Nabucco*: http://www.nabucco-pipeline.com/portal/page/portal/en/company_main/about_us.

Nowak, B. (2010). “*Forging the External Dimension of the Energy Policy of the European Union*”, *The Electricity Journal*, Volume 23, Issue 1, p.57-66.

Oliveira, M. (2005). *Como fazer Projetos, Relatórios, Monografias, Dissertações e Teses*. (3ª Ed). Rio de Janeiro: Elsevier.

OMV (2013). OMV – *Austria's Energy Company*. Obtido em 8 de Julho de 2013, de OMV: <http://www.omv.com/portal/01/com/omv/OMVgroup/about>.

Peixinho, M. (2009). *A Turquia: Fronteira entre dois Mundos*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa

Pereira, D., Pereira, P., Brilha, J. (2006). *Inventariação temática do património geomorfológico português*. Coimbra: Publicações da Associação Portuguesa de Geomorfólogos.

Quivy, R., e Campenhoudt, L. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva

Reis, F. (2010). *Como elaborar uma dissertação de Mestrado segundo Bolonha*. Lisboa: Pactor.

Rodrigues, D. (2009). *Turquia País – ponte entre dois mundos*. Lisboa: Prefácio – Edição de Livros e Revistas, Lda

Rodrigues, D. (2012). *The Turkish Dilema: Unveiling the Southern Corridor*. Nação e Defesa nº 132. Lisboa: Instituto de Defesa Nacional.

Saraiva, F. (2007). *O Nacionalismo Energético e a Revisão da Doutrina Militar Russa*. Newsletter nº18 Instituto da Defesa Nacional

Sequeira, J. (2010). *Textos de Apoio de Geografia*. Lisboa: AM.

Sequeira, J. (2011). *História da Geografia*. Revista *Proelium*, série VII, n.º1, pp. 161-210. Lisboa: Academia Militar.

Silva, A. (2007). *A Segurança Energética da Europa*. Nação e Defesa nº116. Lisboa: Instituto de Defesa Nacional.

SouthStream (2013). *South Stream Pipeline Project*. Obtido em 9 de Julho de 2013, de *South Stream Pipeline*: <http://www.south-stream.info/en/pipeline/significance/>.

Spykman, J. (2007). *America's Strategy in World Politics – The United States and the balance of power*. Nova-Iorque: Harcourt, Brace and Company.

TANAP (2013). *TANAP – Trans-Anatolian Natural Gas Pipeline*. Obtido em 13 de Junho 2013, de TANAP: <http://www.tanap.com/en/what-is-tanap>.

Time (2009). *Why Europe Can't Abandon Russian Gas*. Obtido em 22 de Fevereiro de 2013, de Time: <http://content.time.com/time/world/article/0,8599,1873472,00.html>

TRANSGAZ (2013). TRANSGAZ – *Romanian Energy Company*. Obtido em 14 de Junho 2013, de TRANSGAZ: http://www.transgaz.ro/obiect_activitate.php?poz=136.

UM (2013). UM – Universidade do Minho. Obtido em 24 de Maio de 2013, de UM: <http://www.geografia.uminho.pt/Default.aspx?tabid=8&pageid=285&lang=pt-PT>.

UN (2013). UN – *United Nations*. Obtido em 23 de Junho 2013, de UN: <http://www.un.org/Depts/los/LEGISLATIONANDTREATIES/STATEFILES/TUR.htm>.

UE (2013). UE – União Europeia. Obtida em 12 de Maio 2013, de UE: http://europa.eu/pol/enlarg/index_pt.htm.

Wintershall (2013). Wintershall – *German Energy Company*. Obtido em 14 de Maio de 2013, de Wintershall: <http://www.wintershall.com/en/company.html>.

Apêndices

Apêndice A:

Cronologia das Relações Turquia – União Europeia

- **18 abril 1951:** A Turquia assina o Tratado de Paris que cria a Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA). Para além da Turquia, seis países fazem parte desta comunidade: República Federal Alemã, França, Itália, Holanda, Bélgica e Luxemburgo.
- **31 julho 1959:** 1ª Candidatura da Turquia à União Europeia (embora não seja formalmente reconhecida como tal).
- **11 setembro 1959:** Conselho de Ministros da CEE aceita a candidatura da Turquia para Membro Associado.
- **12 setembro 1963:** Assinado o Acordo de Ancara (previu a União Aduaneira, a livre circulação dos trabalhadores e a possibilidade de adesão da Turquia à UE). Assinado o 1º Protocolo Financeiro
- **01 dezembro 1964:** O Acordo de Ancara entra em vigor.
- **26 outubro 1970:** Primeira Reunião do Comité de Cooperação Aduaneira.
- **13 novembro 1970:** Assinado o Protocolo Adicional (definiu como seria estabelecida a União Aduaneira).
- **23 novembro 1970:** Assinado Protocolo Adicional e o 2º Protocolo Financeiro.
- **julho 2001:** Protocolo Adicional foi aprovado pela Grande Assembleia Nacional da Turquia.
- **01 janeiro 1973:** Entra em vigor o Protocolo Adicional.
- **janeiro 1982:** A Comunidade Europeia suspendeu o Acordo de Ancara, na sequência do golpe de Estado militar de 12 de Setembro de 1980.
- **setembro 1986:** Reúne-se o Conselho de Associação CEE-Turquia com vista a prosseguir as negociações de Adesão.
- **14 abril 1987:** A Turquia candidata-se a membro pleno da CEE.
- **18 dezembro 1989:** A Comissão Europeia refere que eventuais alargamentos só deveriam acontecer após a implementação do Mercado Comum, em 1992.
- **30 setembro 1991:** Reúne-se o Conselho de Associações CEE-Turquia com vista a relançar as suas sessões regulares, com cerne especial nas questões económicas.

- **31 dezembro 1995:** Assinatura do Acordo de União Aduaneira entre a Comunidade Europeia (CE) e a Turquia.
- **01 janeiro 1996:** Entra em vigor o Acordo da União Aduaneira entre a CE e a Turquia. É o acordo mais extenso entre a CE e um 3º Estado.
- **14 julho 1996:** O Conselho Europeu, na Cimeira de Dublin, solicita a contribuição turca para a resolução da questão de Chipre. Solicita ainda a observação dos Direitos Humanos na Turquia.
- **13 dezembro 1997:** O Conselho Europeu, na Cimeira do Luxemburgo, excluiu a Turquia da lista de candidatos para adesão.
- **dezembro 1997:** Em resposta à declaração do Luxemburgo, a Turquia suspende o diálogo com a UE.
- **04 março 1998:** Adotada a “Estratégia Europeia para a Turquia”.
- **11 dezembro 1999:** O conselho da União Europeia, na Cimeira de Helsínquia, atribui o estatuto de “país candidato” à Turquia, embora sem calendário para o início das negociações.
- **09 dezembro 2000:** O Conselho Europeu, na Cimeira de Nice, congratula-se com a evolução do processo de implementação da estratégia de adesão por parte da Turquia.
- **08 março 2001:** O Conselho de Ministros da UE adota a Parceria de Adesão, definindo as medidas para que a Turquia alcance os critérios de adesão.
- **19 março 2001:** O Governo turco adotou o Programa Nacional para Adoção de *Acquis*.
- **03 outubro 2001:** O Parlamento turco adota 34 elementos constitucionais, com vista à aproximação dos critérios de adesão.
- **15 dezembro 2001:** O Conselho Europeu, na Cimeira de *Laeken*, reconhece a evolução política turca na aproximação aos critérios de adesão.
- **janeiro/março 2002:** O Parlamento turco adota alterações ao Código Penal, no âmbito dos Direitos Humanos.
- **22 junho 2002:** O Conselho Europeu, na Cimeira de Sevilha, renova o reconhecimento da evolução turca e aponta para a Cimeira de Copenhaga uma nova decisão sobre o processo de adesão.
- **03 agosto 2002:** O Parlamento turco adota uma Lei de Adaptação para a UE (APD), que visa proporcionar condições legais para o país aderir à UE.

- **13 dezembro 2002:** O Conselho da UE, na Cimeira de Copenhaga, aceita as candidaturas de 10 países, rejeitando a da Turquia, que deveria merecer reanálise em Dezembro de 2004. Definidos novos critérios de adesão: político, económico, e de adoção de acervo comunitário.
- **17 dezembro 2004:** Definido o mês de outubro de 2005 para a marcação de uma data para o início do processo de adesão.
- **03 outubro 2005:** Início das negociações co vista à Adesão da Turquia à UE. O processo de adesão poderá ser completo em 2015. Abertura de seis capítulos de acervo: Direito de Estabelecimento e Livre Prestação de Serviços, Direito das Sociedades, Serviços Financeiros, Sociedade da Informação e Meios de Comunicação Social, Estatísticas e Controlo Financeiro.
- **23 janeiro 2006:** É definida a estratégia de pré-Adesão, através da Parceria para a Adesão da Turquia.
- **12 junho 2006:** Abertura e encerramento do Capítulo Ciência e Investigação.
- **11 dezembro 2006:** A disputa pelo Chipre obriga a UE a congelar as conversações, sendo que nenhum capítulo seria encerrado até ser tomada uma resolução.
- **29 março 2007:** Abertura do Capítulo Política Empresarial e Industrial.
- **25 junho 2007:** Abertura do Capítulo Estatísticas e Controlo Financeiro. A abertura do Capítulo Política Económica e Monetária foi bloqueada pelo Presidente francês Nicolas Sarkozy.
- **20 dezembro 2007:** Abertura dos capítulos Consumidores e Proteção da Saúde e Redes Transeuropeias.
- **19 dezembro 2008:** Abertura dos capítulos Livre Circulação de Capitais e Sociedade da Informação e Meios de Comunicação.
- **30 junho 2009:** Abertura do Capítulo Fiscalidade.
- **8 dezembro de 2009:** Abertura do Capítulo Ambiente.
- **30 junho 2010:** Abertura do Capítulo Segurança dos Alimentos, Política Veterinária e Fitossanitária.
- **25 junho 2013:** UE aceita abrir novo Capítulo de negociações com a Turquia, mas devido às recentes manifestações e repressão, o lançamento formal só deverá ocorrer no Outono.

Apêndice B:

Capítulos de Acervo

1. Livre Circulação de Mercadorias.
2. Livre Circulação de Trabalhadores.
3. Direito de Estabelecimento e Livre Prestação de Serviços.
4. Livre Circulação de Capitais.
5. Contratos Públicos.
6. Direito das Sociedades.
7. Direito da Propriedade Intelectual.
8. Política de Concorrência.
9. Serviços Financeiros.
10. Sociedade da Informação e Meios de Comunicação Social.
11. Agricultura e Desenvolvimento Rural.
12. Segurança dos Alimentos, Política Veterinária e Fitossanitária.
13. Pescas.
14. Política de Transportes.
15. Energia.
16. Fiscalidade.
17. Política Económica e Monetária.
18. Estatísticas.
19. Política Social e Emprego.
20. Política Empresarial e Industrial.
21. Redes Transeuropeias.
22. Política Regional e Coordenação dos Instrumentos Estruturais.
23. Sistema Judiciário e Direitos Fundamentais.
24. Justiça, Liberdade e Segurança.
25. Ciência e Investigação.
26. Educação e Cultura.
27. Ambiente.
28. Consumidores e Proteção da Saúde.
29. União Aduaneira.

- 30. Relações Externas.
- 31. Política Externa de Segurança e Defesa.
- 32. Controlo Financeiro

Apêndice C:

Análise dos resultados da Entrevista Exploratória à Cónsul Turca

Análise dos resultados à Questão 1, 2, 3, 4, 5 e 6

O seguinte Quadro expõe as respostas obtidas na Questão 1, 2, 3, 4, 5 e 6

Quadro n.º2 - Análise das respostas à Questão 1, 2, 3, 4, 5 e 6.

Fonte: Autor

Questões	Respostas
Questão 1 - Em que ponto se encontram neste momento as negociações da adesão da Turquia à União Europeia?	“Negociações encaminhadas embora com resistências”, “França bloqueia 5 Capítulos”, “O Chipre bloqueia 6 Capítulos”, “Resistência do Chipre, França e Grécia”, “Avanços significativos por parte da Turquia”.
Questão 2 - Considera que a posição geográfica da Turquia poderá favorecer o acesso da União Europeia aos recursos energéticos existentes no Cáucaso?	“Favorável à entrada de recursos energéticos do Cáucaso na UE”, “Papel fundamental no trânsito energético”, “Excelentes relações com os países do Cáucaso”, “Várias negociações com a UE a nível energético”.
Questão 3 - Quais são as relações comerciais, políticas e diplomáticas da Turquia com os países do Cáucaso, nomeadamente, Geórgia, Arménia e Azerbaijão?	<p>“Papel fundamental na estabilidade e desenvolvimento da região”.</p> <p>Geórgia</p> <p>“Relações Excelentes”, “Aeroporto partilhado e sem passaportes para viagem”, “Projeto TANAP”, “Turquia líder do investimento na Geórgia e grande parceiro de negócios com uma fatia de 16,5% das suas importações”.</p> <p>Azerbaijão</p> <p>“Ambos assinaram o Conselho de Cooperação de Alto Nível no projeto TANAP”, “Turquia investe muito no Azerbaijão”.</p> <p>Arménia</p> <p>“Relações mais atrasadas”, “esforços para melhoria das relações”, Protocolos de cooperação entre dois países na Suíça”.</p>
Questão 4 - Qual o papel da Turquia no projeto Nabucco?	“Papel fundamental”, “Cooperação entre a UE e a Turquia”, “Ligação do Mar Cáspio com gasodutos através do nosso território para a Áustria”, “Cooperação com a Comissão Europeia”.
Questão 5 - A Turquia tem alguma participação no projeto South Stream? Vê nesse projeto um obstáculo à concretização do Nabucco?	“Pode ser um obstáculo”, “Gera maior competição”, “Mais dependência europeia do gás russo”, “Participação turca indireta pelo seu Mar Territorial”.

Apêndice D:

Análise dos resultados das Entrevistas

Análise dos resultados à Questão 1, 2, 3, 4 e 5

O seguinte Quadro expõe as respostas obtidas na Questão 1, 2, 3, 4 e 5

Quadro n.º3 - Análise das respostas à Questão 1, 2, 3, 4 e 5.

Fonte: Autor

Questão 1: Na sua perspetiva, qual a importância geopolítica que o posicionamento geográfico da Turquia assume como fronteira entre a Europa e a Ásia?	
Entrevistados	Respostas
Entrevistado 1	“Região de confluência entre países, povos e culturas, acaba por fazer a ponte entre as diversas entidades”, “Potência regional”, “ <i>Problem solver</i> ”, “Esforço de <i>Soft Power</i> , para estabelecer uma diagonal de influência entre o Norte de África e o Afeganistão, passando pelo Médio Oriente, Cáucaso e Ásia Central”, “ <i>Greater Middle East Project</i> ”.
Entrevistado 2	“Localização euro-asiática (Trácia e Anatólia) e um dos seis Estados independentes”, “Países com que faz fronteira realçam importância (Bulgária, Geórgia, Arménia, Azerbaijão, Mar Mediterrâneo, Chipre, Mar Egeu, Mar Negro, Mar de Mármara e Estreitos da Turquia)”, “Fronteira entre a Europa e a Ásia”.
Entrevistado 3	“Ligação geográfica e física entre os dois continentes”, “Intermediação cultural e política”, “Política externa de Zero Problemas”, “Capacidade para influenciar a região”.
Entrevistado 4	“Indispensável para o futuro da Europa”, “Na antiguidade era designado de “Grande Porta”, “Liga mercados com objetivos económicos e energéticos onde a Europa e o mundo concentram esforços e interesses”.
Questão 2: Quais considera serem as grandes mais-valias da adesão da Turquia à UE? Acredita numa mais-valia ao nível do abastecimento energético?	
Entrevistados	Respostas
Entrevistado 1	“Dimensão política – proximidade política a regiões dificilmente “acessíveis” por via direta”, “Nova Periferia”, à UE”, “Pressão sobre Moscovo”, “Capacidade de intervenção política numa potência regional em fase de afirmação”, “Abertura a novos mercados”, “Mão-de-obra jovem”, “Proximidade das reservas de hidrocarbonetos mais importantes”, “Alternativas energéticas”, “Economia em crescimento”.
Entrevistado 2	“Localização entre a Europa e a Ásia”, “Poder que

	encerra”, “Dimensão, localização, potencialidades, recursos, população e religião predominante ser o Islão”, “Herança cultural”, “Relações estreitas com o Ocidente”, “Presença em várias Organizações Internacionais”, “Estreitas relações culturais, políticas, económicas e industriais com o Médio Oriente”, “Economia”, “Capacidade militar”, “Abastecimento energético”.
Entrevistado 3	“Mercado imenso e mão-de-obra jovem”, “Rejuvenescimento da população europeia”, “Reforço dos valores de tolerância e solidariedade na UE”, “Poderio militar e localização”, “Abastecimento de gás natural da UE”, “Alternativa à Rússia”.
Entrevistado 4	“Gigantesco mercado de consumidores”, “Capital humano e tecnológico muito importante”, “Petróleo e gás natural podem fluir para a Europa”, “Jazidas do Cáucaso e Cazaquistão são fundamentais para o mercado energético mundial”, “Proporcionar estabilidade e segurança nos fluxos”, “Recentes descobertas energéticas no Mar Negro”.
Questão 3: Considera as políticas externas turcas face ao Cáucaso e Ásia Central facilitadoras ou dificultadoras do abastecimento energético da UE, na perspetiva da sua adesão?	
Entrevistados	Respostas
Entrevistado 1	“Aproximação”, “Relações de conflito ou competição com Moscovo e Teerão”, “Atritos com Arménia”, “Estreita cooperação energética com o Azerbaijão”, “Velocidade diferente para os relacionamentos económico e energético”.
Entrevistado 2	“Política externa realista”, “Cáucaso e Ásia Central como atores de vizinhança e mercado de proximidade”, “Com a UE existe uma união aduaneira desde 2005 que lhe faculta livre acesso”, “Duas linhas de política externa que se complementam”.
Entrevistado 3	“Pragmática e voltada para os negócios”, “Relações históricas e culturais privilegiadas”, “Facilitadoras do abastecimento energético”.
Entrevistado 4	“Pivô entre a Europa e estas regiões”, “Política de neutralidade e imparcialidade no Cáucaso”, “Concílio com a Arménia”, “Líder político e cultural da Ásia Central”, “Mediação entre as empresas europeias e as empresas locais nestas regiões”.
Questão 4: Como considera que os projetos <i>South Stream</i> e <i>Nabucco</i> influenciarão o abastecimento energético da EU na perspetiva de uma dependência crescente à Rússia?	
Entrevistados	Respostas
Entrevistado 1	“Moscovo tem usado essa questão como “arma”, afetando países-membros como a Grécia, Polónia, República Checa, Eslováquia, Bulgária, Roménia, Hungria e a Áustria, mas podendo chegar tão longe como a Itália e Alemanha, dois países que têm contatos muito “individualizados” com a Rússia”, “Fontes energéticas mais diversificadas”, “Evitar situação de dependência energética da Rússia”, “Diversificação de rotas”.
Entrevistado 2	“ <i>Nabucco</i> diversifica fornecedores de gás natural e rotas”, “ <i>South Stream</i> como expansão russa regional”, “Assunto político e não técnico”, “EU

	deve continuar caminho de redução e diversificação geopolítica e geoeconómica”.
Entrevistado 3	“ <i>South Stream</i> não constitui uma alternativa à dependência face à Rússia”, “Vantagem enorme à Rússia”, “ <i>Nabucco</i> é uma alternativa e uma diversificação de fontes”, “Autonomia da ação da União”.
Entrevistado 4	“Margem de manobra negocial com a Rússia”, “Moscou possui na atualidade todos os argumentos”, “Garantia de preços mais económicos”, “Complementar e sustentar os mercados energéticos mundiais”, “Estabilidade europeia”.
Questão 5: 5. Acredita numa dependência energética europeia relativamente à Rússia? A adesão da Turquia poderá reduzir ou mesmo eliminar esta dependência?	
Entrevistados	Respostas
Entrevistado 1	“Não, existe uma procura de fontes diversificadas”, “A Turquia pode colaborar mas nunca eliminar, pois seria substituir uma dependência por outra”.
Entrevistado 2	“A adesão da Turquia à UE poderá atenuar a dependência em relação à Rússia”, “Importante continuar a manter relações económicas com a Rússia”, “Redução e diversificação da dependência energética”.
Entrevistado 3	“Existe, a Rússia não pode ser tido como parceiro viável”, “Turquia como diversificador de alternativas permite um leque de escolhas alargado”.
Entrevistado 4	“Existe e afeta países do norte e leste da Europa”, “Reduzir dependência com novas soluções tecnológicas e aprovisionamento energético em outros mercados”, “Turquia pode proporcionar diversidade de aprovisionamento à UE”, “Nunca eliminará dependência energética da Rússia”.

Apêndice E:**Codificação das Respostas**

A tabela retrata a codificação alfanumérica atribuída às respostas obtidas nas entrevistas pelas Questões 1, 2, 3, 4 e 5.

Quadro n.º4- Codificação alfanumérica das Questões 1, 2, 3, 4 e 5

Questão 1	
Segmento 1.1	“Confluência entre países, povos, políticas e culturas”
Segmento 1.2	“Ponte entre diversas entidades”
Segmento 1.3	“Potência regional”
Segmento 1.4	“Diagonal de influência entre o Norte de África, Afeganistão, passando pelo Médio Oriente, Cáucaso e Ásia Central”
Segmento 1.5	“ <i>Greater Middle East Project</i> ” e Política Externa Zero Problemas
Segmento 1.6	“Vias de Comunicação: Mar Mediterrâneo, Mar Egeu, Mar Negro, Mar de Mármara, e Estreitos da Turquia”
Segmento 1.7	“Fronteira entre Europa e Ásia”
Segmento 1.8	“Mercado para os produtos europeus”
Segmento 1.9	“Proximidade e controlo das mais importantes jazidas do mundo”
Questão 2	
Segmento 2.1	“Proximidade política a região dificilmente acessíveis diretamente”
Segmento 2.2	“Nova fronteira da UE”
Segmento 2.3	“Pressão na Rússia”
Segmento 2.4	“Poder militar e capacidade de intervenção política”
Segmento 2.5	“Abertura de novos mercados”
Segmento 2.6	“Mão de-obra jovem”
Segmento 2.7	“Proximidade das maiores reservas de hidrocarbonetos”
Segmento 2.8	“Alternativa no abastecimento energético”
Segmento 2.9	“Economia em crescimento”
Segmento 2.10	“Integração do Islamismo na UE como marca de laicismo, solidariedade e tolerância”
Segmento 2.11	“Presença em várias Organizações Internacionais”
Segmento 2.12	“Rejuvenescimento da população europeia”
Segmento 2.12	“Estabilidade e segurança nos fluxos energéticos”
Questão 3	
Segmento 3.1	“Política de aproximação, neutralidade e imparcialidade”
Segmento 3.2	“Conflito/Competição com Moscovo e Teerão”
Segmento 3.3	“Atritos com a Arménia que se vão suavizando”
Segmento 3.4	“Cooperação energética com o Azerbaijão”
Segmento 3.5	“Relacionamento económico e energético de mediador”
Segmento 3.6	“Política realista em duas linhas complementares (UE e Região)”
Segmento 3.7	“União aduaneira com a UE”
Segmento 3.8	“Relações históricas e culturais”
Questão 4	
Segmento 4.1	“Uso da energia como “arma” de favorecimento ou de desfavorecimento pela Rússia”

Segmento 4.2	“Fontes energéticas diversificadas no caso do <i>Nabucco</i> ”
Segmento 4.3	“Evitar situação de dependência energética da Rússia”
Segmento 4.4.	“Diversificação de rotas”
Segmento 4.5	“ <i>South Stream</i> como expansão russa na região”
Segmento 4.6.	“Redução da dependência e diversificação geopolítica e geoeconómica”
Segmento 4.7	“Maior autonomia e margem de manobra da UE”
Segmento 4.8	“Complementar e sustentar mercados para garantir estabilidade”
Questão 5	
Segmento 5.1	“Negativo, existe uma procura de fontes diversificadas”
Segmento 5.2.	“Colaborar mas nunca eliminar uma dependência por outra”
Segmento 5.3	“A adesão da Turquia poderá atenuar esta dependência com maior autonomia”
Segmento 5.4.	“Sim, existe uma dependência”
Segmento 5.5	“Manter as relações económicas com a Rússia”
Segmento 5.6	“Redução e diversificação da dependência energética”
Segmento 5.7	“Novas soluções tecnológicas”

Fonte: Autor

Apêndice F:

**Guião da Entrevista Exploratória à Cônsul da Embaixada Turca em
Portugal**



**ACADEMIA MILITAR
DIREÇÃO DE ENSINO**

**TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO APLICADA
GUIÃO DA ENTREVISTA**

TEMA:

**Adesão da Turquia à União Europeia: uma Perspetiva
Geopolítica**

Autor: Aspirante Oficial Aluno de Infantaria Pedro Nelson Morais
Fernandes

Orientador: TCOR Jorge Manuel Dias Sequeira

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Esta entrevista vem no seguimento do contacto efetuado anteriormente e desde já agradeço a sua disponibilidade e amabilidade em participar no estudo.

O trabalho de investigação, em estudo, visa investigar o abastecimento energético (principalmente no que concerne ao gás natural) da União Europeia através da Turquia. Assim sendo, é importante para este trabalho estudar o subfactor geopolítico Posição da Turquia e principalmente identificar as implicações da eventual adesão da Turquia à União Europeia no que respeita ao seu abastecimento do Gás Natural.

O Trabalho de Investigação Aplicada enquadra-se no tirocínio para oficiais, para a obtenção do Grau de Mestre em Ciências Militares - Infantaria da Academia Militar, sob orientação do Tenente-Coronel Jorge Manuel Dias Sequeira.

A experiência/cargo de V. Ex.^a será de extrema importância para este Trabalho de Investigação Aplicada (TIA), uma vez que irá permitir obter uma visão de alguém que conhece esta questão assim como a relação entre a União Europeia e a Turquia.

As finalidades deste trabalho cingem-se exclusivamente à investigação em curso.

Se tiver alguma questão queira por favor colocá-la.

Solicito-lhe autorização para gravar a entrevista.

Atenciosamente,

Pedro Nelson Morais Fernandes
AspOf Al Inf

ENTREVISTA

IDENTIFICAÇÃO:

Nome:	
Idade:	
Estado Civil:	
Filhos:	
Função atual/ antiga:	
Tempo na atual/ antiga função:	
Formação Académica:	

QUESTÕES:

1. Em que ponto se encontram neste momento as negociações da adesão da Turquia à UE?
2. Considera que a posição geográfica da Turquia poderá favorecer o acesso da União Europeia aos recursos energéticos existentes no Cáucaso?
3. Quais são as relações comerciais, políticas e diplomáticas da Turquia com os países do Cáucaso, nomeadamente, Geórgia, Arménia e Azerbaijão?
4. Qual o papel da Turquia no projeto *Nabucco*?
5. A Turquia tem alguma participação no projeto *South Stream*? Vê nesse projeto um obstáculo à concretização do *Nabucco*?

Terminámos,

Muito obrigado pela sua colaboração.

Apêndice G:**Transcrição da Entrevista Exploratória****Hora de Início:** 10h00**Hora de fim:** 11h30**Duração:** 1h30**Unidade/Local:** Embaixada da Turquia em Lisboa**Utilização de gravador:** Sim**IDENTIFICAÇÃO:**

Nome:	Gulce Kumrulu
Idade:	34
Estado Civil:	Solteira
Filhos:	Não
Função atual/ antiga:	Cônsul
Tempo na atual/ antiga função:	1 Mês (em 20 de Março de 2013)
Formação Académica:	Mestrado em Relações Internacionais e Mestrado em Estudos Europeus

QUESTÕES:

Entrevistador - Em que ponto se encontram neste momento as negociações da adesão da Turquia à União Europeia?

Entrevistado: As negociações estão encaminhadas, no entanto existem sempre países que oferecem mais resistência. Dos capítulos que têm que ser cumpridos, atualmente, temos o exemplo da França que bloqueia 5 Capítulos e o Chipre desde 2009 que bloqueia também 6 Capítulos. Os países que têm oferecido mais resistência são estes dois e é também a Grécia. Existe uma certa sensação de que por mais que o Turquia tenha avançado no cumprimento destes capítulos, estes países bloqueiam sempre vários capítulos. Apesar de tudo isso continuam a ser feitos avanços significativos por parte da Turquia para cumprir as metas. Nós acreditamos que as negociações vão acabar por te sucesso.

Entrevistador - Considera que a posição geográfica da Turquia poderá favorecer o acesso da União Europeia aos recursos energéticos existentes no Cáucaso?

Entrevistado: Sem dúvida que a posição da Turquia é muito favorável à entrada de recursos energéticos do Cáucaso na União Europeia. É por uma questão de localização, a Turquia tem um papel fundamental no trânsito energético, mas não só. A Turquia tem também excelentes relações com os países do Cáucaso o que favorece me muito o relacionamento destes países com a União Europeia. A Turquia tem efetuado também várias negociações com a União Europeia a nível energético; em 2012, por exemplo o nosso Ministro dos Negócios com a União Europeia e o nosso Ministro da Energia e Fontes Renováveis tiveram uma reunião com dois Comissários Europeus para criar um grupo de trabalho para melhorar a cooperação entre as duas entidades no sector energético.

Entrevistador - Quais são as relações comerciais, políticas e diplomáticas da Turquia com os países do Cáucaso, nomeadamente, Geórgia, Arménia e Azerbaijão?

Entrevistado: Cada país é um caso diferente, no entanto atualmente, as relações comerciais e diplomáticas com estes países são bastante boas no geral; existe uma forte cooperação e nós achamos que a Turquia desenvolveu um papel fundamental na estabilidade e desenvolvimento da região; na realidade a Turquia fazendo fronteira com estes países, só pode tirar vantagens se existir estabilidade na região. Relativamente à Geórgia, as relações entre os dois países são excelentes; temos um aeroporto partilhado; não é necessário passaportes para viajar de um país para o outro, apenas um documento de identificação. A Geórgia faz parte do projeto TANAP, que é um projeto de um gasoduto que pretende ligar O Azerbaijão e a Geórgia, passando pela Turquia até à União Europeia. Para além disso, a Turquia é o país que lidera o investimento externo na Geórgia, e é também o maior parceiro de negócios da Geórgia desde 2007, tendo uma fatia de 16,5% das importações da Geórgia. Com o Azerbaijão, a Turquia tem também excelentes relações, ambos os países assinaram o Conselho de Cooperação de Alto Nível no âmbito do projeto TANAP. Para além disso a Turquia tem investido bastante também no Azerbaijão. Relativamente à Arménia, pode-se dizer que é dos três, o que as relações estão mais atrasadas, no entanto, a Turquia está a realizar todos os esforços para melhorar as relações com este país e já se veem esses efeitos. Já foram assinados protocolos de cooperação entre os dois países na Suíça.

Entrevistador - Qual o papel da Turquia no projeto *Nabucco*?

Entrevistado: A Turquia tem um papel fundamental neste projeto. É aqui que se demonstra a excelente cooperação que existe entre a União Europeia e a Turquia. Nós

temos um papel central, pois estamos a ligar o Mar Cáspio, com gasodutos através do nosso território e que se dirigem para a Áustria. Existe uma cooperação muito forte com a Comissão Europeia a este nível.

Entrevistador - A Turquia tem alguma participação no projeto *South Stream*? Vê nesse projeto um obstáculo à concretização do *Nabucco*?

Entrevistado - Não estando muito por dentro desse assunto, não tenho presente muitos dados específicos, mas pode ser um obstáculo, ou pelo menos, pode gerar mais competição para nós, e mais dependência do gás russo para a União Europeia. Quanto à participação da Turquia, não existe de uma forma direta, mas pode-se considerar que existe de uma forma indireta; tendo em conta que o projeto passa por Mar Territorial da Turquia; ou seja existe consentimento por parte da Turquia.

Apêndice H:

Guião de Entrevista



**ACADEMIA MILITAR
DIREÇÃO DE ENSINO**

**TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO APLICADA
GUIÃO DA ENTREVISTA**

TEMA:

**Adesão da Turquia à União Europeia: uma Perspetiva
Geopolítica**

Autor: Aspirante Oficial Aluno de Infantaria Pedro Nelson Morais
Fernandes

Orientador: TCOR Jorge Manuel Dias Sequeira

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Esta entrevista vem no seguimento do contacto efetuado anteriormente e desde já agradeço a sua disponibilidade e amabilidade em participar no estudo.

O trabalho de investigação, em estudo, visa investigar o abastecimento energético (principalmente no que concerne ao gás natural) da União Europeia através da Turquia. Assim sendo, é importante para este trabalho estudar o subfactor geopolítico Posição da Turquia e principalmente identificar as implicações da eventual adesão da Turquia à União Europeia no que respeita ao seu abastecimento do Gás Natural.

O Trabalho de Investigação Aplicada enquadra-se no tirocínio para oficiais, para a obtenção do Grau de Mestre em Ciências Militares - Infantaria da Academia Militar, sob orientação do Tenente-Coronel Jorge Manuel Dias Sequeira.

A experiência/cargo de V. Ex.^a será de extrema importância para este Trabalho de Investigação Aplicada (TIA), uma vez que irá permitir obter uma visão de alguém que conhece esta questão assim como a relação entre a União Europeia e a Turquia.

As finalidades deste trabalho cingem-se exclusivamente à investigação em curso.

Se tiver alguma questão queira por favor colocá-la.

Solicito-lhe autorização para gravar a entrevista.

Atenciosamente,

Pedro Nelson Morais Fernandes
AspOf Al Inf

ENTREVISTA

IDENTIFICAÇÃO:

Nome:	
Idade:	
Estado Civil:	
Filhos:	
Função atual/ antiga:	
Tempo na atual/ antiga função:	
Formação Académica:	

QUESTÕES:

1. Na sua perspetiva, qual a importância geopolítica que o posicionamento geográfico da Turquia assume como fronteira entre a Europa e a Ásia?
2. Quais considera serem as grandes mais-valias da adesão da Turquia à UE? Acredita numa mais-valia ao nível do abastecimento energético?
3. Considera as políticas externas turcas face ao Cáucaso e Ásia Central facilitadoras ou dificultadoras do abastecimento energético da UE, na perspetiva da sua adesão?
4. Como considera que os projetos *South Stream* e *Nabucco* influenciarão o abastecimento energético da UE na perspetiva de uma dependência crescente à Rússia?
5. Acredita numa dependência energética europeia relativamente à Rússia? A adesão da Turquia poderá reduzir ou mesmo eliminar esta dependência?

Terminámos,

Muito obrigado pela sua colaboração.

Apêndice I:**Transcrição da Entrevista 1**

Utilização de gravador: Não (via correio eletrônico)

IDENTIFICAÇÃO:

Nome:	Domingos Jorge Fernandes Rodrigues
Idade:	44
Estado Civil:	Casado
Filhos:	1
Função atual/ antiga:	Chefe da SGCM/RPM/DARH
Tempo na atual/ antiga função:	2 Anos
Formação Acadêmica:	Mestre em Relações Internacionais

QUESTÕES:

Entrevistador - Na sua perspectiva, qual a importância geopolítica que o posicionamento geográfico da Turquia assume como fronteira entre a Europa e a Ásia?

Entrevistado: A localização geográfica da Turquia constitui-se como o maior argumento geopolítico da Turquia. Situando-se numa região de confluência entre países, povos e culturas, acaba por fazer a ponte entre as diversas entidades, trazendo uma nova dimensão a quem com ela interage. Aliás, a contínua procura de confirmação como potência regional, em que mais do que uma ponte pretende ser um “país central” no conceito de “*problem solver*” é disso exemplo. Essa importância acaba por constar de diversos modelos geopolíticos e/ou estratégicos, como por exemplo dos autores John Spykman, Karl Haushofer, Cheterian, Brezezinsky, Larabee/Lesser/Asmus e Alexandre del Valle. Não sendo uma imagem segura, dado que é questionável a real capacidade turca de influenciar os acontecimentos nos diversos países – no entanto, salienta-se o elevado número de momentos em que Ancara é chamada a participar nos diversos processos regionais (sendo a Síria, o Iraque e o Irão os mais recentes) -, a verdade é que existe uma política externa, com particular esforço de *Soft Power*, para estabelecer uma diagonal de

influência entre o Norte de África e o Afeganistão, passando pelo Médio Oriente, Cáucaso e Ásia Central. Um dos projetos mais importantes da política externa é designado por “*Greater Middle East Project*”, e tem por objetivo expandir a democracia nos países muçulmanos da região

Entrevistador - Quais considera serem as grandes mais-valias da adesão da Turquia à UE? Acredita numa mais-valia ao nível do abastecimento energético?

Entrevistado: As vantagens são múltiplas e nas mais diversas dimensões – não me vou referir aos inconvenientes e limitações, que também são muitos -, mas sempre difíceis de ordenar. Por esse motivo, vou apenas elencar, sem qualquer tipo de ordem específica: dimensão política – proximidade política a regiões dificilmente “acessíveis” por via direta (mundo muçulmano - Médio Oriente e Cáucaso), em especial porque seria criada uma “Nova Periferia” à EU; “pressão” sobre Moscovo, mantendo um importante aliado na fronteira sul da Rússia, posição que, não sendo com a relevância do período da Guerra-Fria, impede a liberdade de ação russa em especial na sua área de influência relativa aos estreitos, ao Cáucaso, Médio Oriente e países turcófonos; capacidade de intervenção política duma potência regional em fase de afirmação -, dimensão de segurança – apesar de neste âmbito a NATO ser a Organização Internacional de referência, a verdade é que poderão ser considerados interesses específicos de Bruxelas; -, dimensão económica – abertura a novos mercados, quer da própria Turquia, quer dos seus vizinhos; mão-de-obra jovem, muito necessária para uma UE envelhecida; proximidade às reservas de hidrocarbonetos mais importantes (representa 72% das reservas mundiais de gás natural, embora o desenvolvimento técnico da extração do *ShaleGas* venha afetar essa referência como único elemento de análise), ligando-as por *pipelines* e outros meios de transporte que asseguram alternativas energéticas; importância duma economia em crescimento, em completo conta-ciclo da europeia.

Entrevistador - Considera as políticas externas turcas face ao Cáucaso e Ásia Central facilitadoras ou dificultadoras do abastecimento energético da UE, na perspectiva da sua adesão?

Entrevistado: A política externa turca tem considerado, há já largas décadas, uma aproximação aos países desta região. Com o desmembramento do Império Otomano, a 1ªG.G. e a consolidação da Turquia, como país, surgiram conflitos de interesse particularmente relevantes com alguns destes atores. Contudo, desde esse período, em especial após a morte de Atatürk, que Ancara percebeu que a sua importância geopolítica dependia da capacidade de influenciar regionalmente. Contudo, as relações de conflito e/ou

competição, em especial com Moscovo e Teerão, afetaram as ações turcas, impedindo a normalização do relacionamento, em especial com países como a Arménia. Com a chegada ao poder do AKP, e com a nova dinâmica de política externa, designada por “*Zero Problems With The Neighbors*”, foram assumidos novos passos de aproximação a todos os atores desta região. Claro que esta política tem diversos níveis de sucesso, muito afetado pela impossibilidade de se constituir como potência regional, sendo o menor com a Arménia – quer pelos motivos históricos, quer por questões atuais ainda não ultrapassadas -, e a maior com o Azerbaijão, em que a Turquia tem demonstrado apoio na questão de Nagorno-Karabakh e desenvolvido estreita coordenação energética. Relativamente à Geórgia, existe um ressentimento específico relativo a dois momentos cruciais para a política de Tbilissi, nomeadamente no conflito com a Rússia, em 2008, e na tentativa de adesão à NATO. Mesmo considerando as limitações políticas, Ancara não deixou de manter uma linha económica particularmente ativa, maximizando os pontos de interesse dos diversos atores. Naturalmente que os ganhos que as rotas de abastecimento de hidrocarbonetos apresentam constituem um fator motivador de aproximação e relacionamento neste campo. Assim sendo, foi sendo assegurada uma “velocidade” diferente para os relacionamentos económico e energético, apesar de toda a influência dos interesses concorrenciais da Rússia e do Irão. Assim sendo, e respondendo diretamente à pergunta, a Turquia procura aproximar-se de todos os atores desta região, definindo linhas de contato e interação política de segurança e económicas, no sentido de ultrapassar quaisquer barreiras surgidas no passado. Com o êxito desta política, mesmo que relativo em relação a alguns países, Ancara é uma mais-valia para a União Europeia no campo energético.

Entrevistador - Como considera que os projetos *South Stream* e *Nabucco* influenciarão o abastecimento energético da UE na perspetiva de uma dependência crescente à Rússia?

Entrevistado: Um dos maiores problemas da UE consiste na sua dependência energética do exterior. As suas fontes são escassas, não lhe permitindo independência energética. Nesse sentido, grande parte da sua economia e fator produtivo encontra-se apoiada na energia externa, a qual tem fontes pouco diversas. A Rússia constitui-se como um dos mais importantes fornecedores, em especial na fronteira Leste. Por diversas razões políticas, Moscovo tem usado essa questão como “arma”, afetando países-membros como a Grécia, Polónia, República Checa, Eslováquia, Bulgária, Roménia, Hungria e a Áustria, mas podendo chegar tão longe como a Itália e Alemanha, curiosamente dois países que têm

contatos muito “individualizados” (e parcerias) com a Rússia. Entre os múltiplos projetos de oleodutos e gasodutos que se encontram planeados para esta região, os 2 projetos em análise, sendo concorrenciais, vêm, no entanto, permitir que as fontes energéticas sejam cada vez mais diversificadas, evitando uma situação de dependência de Moscovo. O *South Stream*, dada a origem, será sempre de influência russa. Contudo, mantendo uma diversificação de rotas este projeto poderá não ser tão limitador como surge atualmente, em especial porque envolve interesses de países da União, como, em especial a Itália (pela ENI). O *Nabucco*, caso a UE tenha capacidade – política e financeira - para assegurar a sua concretização, será a forma de evitar o território russo. As diferentes origens permitirão, ainda evitar a dependência duma só “rota inicial”, com as evidentes vantagens desse facto.

Entrevistador - Acredita numa dependência energética europeia relativamente à Rússia? A adesão da Turquia poderá reduzir ou mesmo eliminar esta dependência?

Entrevistado: Não, numa forma única. A política de vizinhança (*Neighbourhood*) e Energética da União tem procurado diversificar as fontes energéticas. A Turquia contribui muito positivamente para evitar essa dependência, mas nunca a poderá eliminar. Aliás, isso seria um erro, dado que seria substituir uma dependência por outra.

Apêndice J:**Transcrição da Entrevista 2**

Utilização de gravador: Não (via correio eletrónico)

IDENTIFICAÇÃO:

Nome:	Eurico Manuel Curates Rodrigues
Idade:	42
Estado Civil:	Divorciado
Filhos:	2
Função atual/ antiga:	Professor Adjunto da Academia Militar – Departamento de Ciências e Tecnologias Militares (DCTM) – Cadeira M421 – Teoria das Relações Internacionais (TRI)
Tempo na atual/ antiga função:	Professor do Ensino Superior na Instituição Militar desde Outubro de 1996.
Formação Académica:	Licenciado em Relações Internacionais (ISCSP/UTL), Mestre em Estratégia (ISCSP/UTL); Doutorando em Relações Internacionais (Universidade Lusíada de Lisboa); Curso de Defesa Nacional (Instituto da Defesa Nacional / MDN); Curso de Política Externa Nacional (Instituto Diplomático / MNE).

QUESTÕES:

Entrevistador - Na sua perspetiva, qual a importância geopolítica que o posicionamento geográfico da Turquia assume como fronteira entre a Europa e a Ásia?

Entrevistado: Assume uma importância determinante, enquanto país euro-asiático que ocupa toda a península da Anatólia, no extremo ocidental da Ásia, e se estende pela Trácia Oriental, no sudeste da Europa. É um dos seis estados independentes cuja população é maioritariamente turca. Os países com que faz fronteira também refletem claramente a referida importância geopolítica: a noroeste com a Bulgária, a oeste com a Grécia, a

nordeste com a Geórgia, a Arménia e o enclave de Nakichevan do Azerbaijão, a leste com o Irão e a sudeste com o Iraque e a Síria, para além do Mar Mediterrâneo e do Chipre situados a sul, o Mar Egeu a sudoeste-oeste e o mar Negro a norte. O Mar de Mármara, o Bósforo e o Dardanelos (que juntos formam os Estreitos Turcos) demarcam a fronteira entre a Trácia e a Anatólia e separam a Europa da Ásia.

Ou seja, a Turquia é efetivamente a grande fronteira geopolítica entre a Europa e a Ásia.

Entrevistador - Quais considera serem as grandes mais-valias da adesão da Turquia à UE? Acredita numa mais-valia ao nível do abastecimento energético?

Entrevistado: Com dissemos na resposta à pergunta anterior, a localização da Turquia, entre a Europa e a Ásia, torna o país geoestrategicamente importante. As grandes mais-valias da adesão da Turquia à UE decorrem dos fatores do poder que aquele país encerra: dimensão, localização, potencialidades, recursos, população e, fundamentalmente, o facto de a religião predominante no país ser o Islão, com pequenas minorias de cristãos e judeus, o que não deixará de contribuir para o enriquecimento e para a diversificação das matrizes religiosas presentes na UE, desde que todas elas se insiram na lógica da laicidade dos Estados. Ora, a Turquia é uma república constitucional democrática, secular e unitária, com uma antiga herança cultural, e país tem relações estreitas com o Ocidente, nomeadamente através da sua presença em organizações como o Conselho da Europa, OTAN, OCDE, OSCE e G20. Não nos esqueçamos que a Turquia iniciou as negociações de adesão plena à União Europeia em 2005, da qual é membro associado desde 1963 e com a qual já tem um acordo de união aduaneira desde 1995. O país também tem fomentado estreitas relações culturais, políticas, económicas e industriais com o Médio Oriente, com os estados turcos da Ásia Central e com os países africanos através da participação em organizações como a Organização da Conferência Islâmica e a Organização de Cooperação Económica. Graças à sua localização estratégica, à sua grande economia e às suas capacidades militares, a Turquia é classificada como uma potência regional, podendo-se igualmente constituir como uma mais-valia ao nível do abastecimento energético.

Entrevistador - Considera as políticas externas turcas face ao Cáucaso e Ásia Central facilitadoras ou dificultadoras do abastecimento energético da UE, na perspetiva da sua adesão?

Entrevistado: Enquanto potência regional, a Turquia tem uma política externa de matriz eminentemente realista, em que, muto naturalmente, o Cáucaso e a Ásia Central assumem a devida prioridade, enquanto atores de vizinhança e mercados de proximidade.

Contudo, tal como atrás referimos, a Turquia beneficiou da união aduaneira com a União Europeia, assinada em 1995, para aumentar a sua produção industrial destinada à exportação e o investimento estrangeiro no país. O país usufrui ainda de um acordo de comércio livre com a União Europeia que dá aos produtos turcos acesso livre a todo o mercado da UE, tendo como principais destinos a Alemanha, o Reino Unido, a Itália, a França e a Espanha. Neste sentido, penso não existir qualquer constrangimento entre, por um lado, o Cáucaso e Ásia Central e, por outro, a UE. No fundo, da perspetiva da Turquia, julgo que estas são duas das suas grandes linhas de política externa, que não conflituam, antes se complementam.

Entrevistador - Como considera que os projetos *South Stream* e *Nabucco* influenciarão o abastecimento energético da UE na perspetiva de uma dependência crescente à Rússia?

Entrevistado: Como sabemos, o objetivo central do projeto *Nabucco* é diversificar os fornecedores de gás natural e rotas de entrega para a Europa, reduzindo assim a dependência da Europa em relação à energia russa. O projeto original foi apoiado por vários Estados-membros da União Europeia e pelos EUA, e foi visto como um rival do *SouthStream*. Segundo alguns analistas, há dúvidas sobre a viabilidade do projeto *South Stream*, uma vez que pode custar o dobro do *Nabucco*. Alguns especialistas afirmam que o gasoduto *South Stream* é um projeto político para combater o *Nabucco* e expandir a presença russa na região, tese que tem sido repetidamente negada pelos responsáveis russos, designadamente por Dmitry Medvedev, que tem afirmado não haver contradição entre o *South Stream* e o *Nabucco*. Face à escassez de elementos fidedignos sobre esta problemática, que continua a ser gerida mais no âmbito político que no plano técnico, afigura-se-nos prematuro, no presente momento, tirar quaisquer conclusões nesta matéria. Sem prejuízo de considerarmos que, de um ponto de vista de dependência energética, a UE ganhará em prosseguir o caminho que vem trilhando ao longo dos últimos anos, no sentido da sua redução e da sua diversificação geopolítica e geoeconómica.

Entrevistador - Acredita numa dependência energética europeia relativamente à Rússia? A adesão da Turquia poderá reduzir ou mesmo eliminar esta dependência?

Entrevistado: Acredito e defendo uma estratégia de redução e de diversificação de dependência energética. Naturalmente que a adesão da Turquia à UE poderá atenuar a dependência em relação à Rússia, mas considero conveniente que essas relações com a Rússia se mantenham e, eventualmente, se estreitem, pois está historicamente provado que

as relações económicas (devidamente inseridas e contextualizadas em relações mais vastas de natureza multidimensional) são fator de Paz nas Relações Internacionais.

Apêndice K:**Transcrição da Entrevista 3**

Utilização de gravador: Não (via correio eletrónico)

IDENTIFICAÇÃO:

Nome:	André Pereira Matos
Idade:	25 Anos
Estado Civil:	Casado
Filhos:	0
Função atual/ antiga:	Bolseiro de Doutoramento
Tempo na atual/ antiga função:	2 Anos
Formação Académica:	Licenciatura em Relações Internacionais; Doutoramento em Relações Internacionais a decorrer.

QUESTÕES:

Entrevistador - Na sua perspetiva, qual a importância geopolítica que o posicionamento geográfico da Turquia assume como fronteira entre a Europa e a Ásia?

Entrevistado: A Turquia desde sempre ocupou uma posição geoestratégica de grande relevo nas relações internacionais. A sua capacidade não só de ligação geográfica e física entre os dois continentes, mas também de intermediação cultural e política tem sido sempre muito valorizada, principalmente pelos países ocidentais. O caso da Guerra Fria e a importância do país para os Estados Unidos é exemplo disso mesmo. Para além disso, mais recentemente, a Turquia, com a sua política externa de Zero Problemas, tem conseguido aproximar-se dos seus vizinhos, bastante instáveis, mediar conflitos e fazer-se ouvir na cena internacional. Para a União Europeia, que quer ser um ator normativo a nível global, ter um membro com capacidade para influenciar a região e para a aproximar ou mesmo moderar países instáveis como os que cercam a Turquia seria uma vantagem. Ainda assim, é necessário ter em consideração a insegurança dessas fronteiras e os perigos para a própria

União, daí eu achar fundamental que essa área seja bem trabalhada durante o processo de adesão para evitar problemas maiores no futuro.

Entrevistador - Quais considera serem as grandes mais-valias da adesão da Turquia à UE? Acredita numa mais-valia ao nível do abastecimento energético?

Entrevistado: Na realidade, na minha perspetiva, a adesão da Turquia traz várias mais-valias para a UE (ainda que o inverso seja também verdade). A nível económico, a integração de um mercado tão grande como o turco e de mão-de-obra jovem pode ser uma vantagem, ainda que a união aduaneira em vigor desde os anos 90 preveja já parte desta situação, mas a livre circulação de pessoas não foi aplicada até agora e terá certamente um impacto na União. Pode até ser bastante positiva a integração de uma economia dinâmica e com relativamente elevadas taxas de crescimento e baixas taxas de desemprego. A nível demográfico, a adesão turca significa ainda o rejuvenescimento de uma população europeia muito envelhecida com todos os benefícios que isso acarreta. A nível social, a abertura da União ao primeiro país não cristão reforçará certamente os valores de solidariedade e tolerância que fundaram a UE e estreitará os laços entre civilizações diferentes, contrariando a tese do choque das civilizações de Huntington. A nível geoestratégico, não só o poderio militar da Turquia como a sua localização seriam duas vantagens importantes para a União se afirmar na cena internacional como promotora dos seus valores e princípios junto de países terceiros. Finalmente, em termos energéticos, e uma vez que a Turquia constitui um importante *hub* nas fluxos, nomeadamente de gás natural, a União sairia beneficiada por contar com um estado membro que seria capaz de fornecer a todo o grupo uma alternativa à Rússia – e a existência de alternativas no campo energético é fundamental.

Entrevistador - Considera as políticas externas turcas face ao Cáucaso e Ásia Central facilitadoras ou dificultadoras do abastecimento energético da UE, na perspetiva da sua adesão?

Entrevistado: A política externa turca mais recente é bastante pragmática e virada para os negócios e o desenvolvimento económico do país. Juntando esse especto às relações históricas e culturais privilegiadas com essas regiões (com algumas exceções), prevê-se que, no caso da adesão, as políticas seriam facilitadoras do abastecimento energético.

Entrevistador - Como considera que os projetos *South Stream* e *Nabucco* influenciarão o abastecimento energético da UE na perspetiva de uma dependência crescente à Rússia?

Entrevistado: Naturalmente, o *South Stream* não constitui uma alternativa à dependência face à Rússia e isso limita bastante o raio de ação da UE no campo energético, mas também a nível diplomático, por exemplo, uma vez que dá uma vantagem enorme à Rússia. Pelo contrário, o projeto *Nabucco* fornece uma alternativa, a meu ver viável, a essa dependência. Incluir um futuro membro da União neste projeto é uma mais-valia para ambas as partes, uma vez que a diversificação de fontes, como referi já, é fundamental para uma maior autonomia da ação da União e reforça, para além disso, a importância geoestratégica da Turquia para a UE.

Entrevistador - Acredita numa dependência energética europeia relativamente à Rússia? A adesão da Turquia poderá reduzir ou mesmo eliminar esta dependência?

Entrevistado: Tal como referi, a diversificação das fontes energéticas deve ser uma preocupação para qualquer governo ou neste caso específico para a União Europeia. Uma vez que a Rússia nem pode ser tida sempre como um parceiro fiável atendendo à sua própria natureza e dinâmicas da política interna, diminuir a dependência face a este país, diversificando-a a outros fornecedores e incluindo um país que está no caminho, pelo menos teórica e institucionalmente, da adesão plena, é uma verdadeira mais-valia, não só para a Turquia que reforça o seu papel estratégico e de ganhos económicos, mas também para a própria UE que vê assim o seu leque de escolhas alargado.

Apêndice L:**Transcrição da Entrevista 4**

Utilização de gravador: Não (via correio eletrónico)

IDENTIFICAÇÃO:

Nome:	Ivo Sobral
Idade:	36
Estado Civil:	Casado
Filhos:	
Função atual/ antiga:	Professor Universitário
Tempo na atual/ antiga função:	10 anos
Formação Académica:	Doutoramento

QUESTÕES:

Entrevistador - Na sua perspetiva, qual a importância geopolítica que o posicionamento geográfico da Turquia assume como fronteira entre a Europa e a Ásia?

Entrevistado: A Turquia ocupa uma posição cada vez mais importante, sendo em alguns casos fundamental e indispensável para o futuro da Europa. Na antiguidade “A Grande Porta”, como era chamado o Império Otomano no passado, trazia os produtos da China para o Ocidente, nos nossos dias representa a entrada dos produtos ocidentais no Médio Oriente e na Ásia Central, estes dois mercados representam atualmente importantes objetivos económicos e energéticos, onde a Europa e o resto do mundo concentram esforços e interesses.

Entrevistador - Quais considera serem as grandes mais-valias da adesão da Turquia à UE? Acredita numa mais-valia ao nível do abastecimento energético?

Entrevistado: A Turquia é um gigantesco mercado de consumidores e com um capital humano e tecnológico muito importante, que seguramente oferece á Europa um mercado para os seus produtos, assim como poderá dar uma contribuição qualitativa para a Europa.

Petróleo e gás natural da Ásia Central devem fluir para a Europa nas próximas décadas, e dessa maneira para o mercado ocidental as jazidas existentes no Cáucaso e no Cazaquistão são importantes recursos que serão fundamentais para o mercado energético mundial. A Turquia pode oferecer estabilidade e segurança no fluxo desses mesmos recursos, uma característica fundamental para os neuróticos mercados financeiros mundiais. Temos que falar igualmente das novas e interessantes perspectivas que as recentemente descobertas em reservas energéticas do Mar Negro podem trazer para a Europa.

Entrevistador - Considera as políticas externas turcas face ao Cáucaso e Ásia Central facilitadoras ou dificultadoras do abastecimento energético da UE, na perspectiva da sua adesão?

Entrevistado: Considero que as políticas turcas atuais continuam a sublinhar o papel fundamental turco como pivô entre a Europa e estas regiões. No Cáucaso a Turquia têm uma política de neutralidade e imparcialidade, fomentando laços económicos e políticos. Inclusive conseguindo até conciliar e estabilizar relações com a Arménia. Com a Ásia Central a Turquia consolida o seu papel de líder político e cultural, em particular em países turcófonos. São empresas turcas que normalmente fazem a mediação e a ponte entre empresas europeias e empresas locais nestas regiões.

Entrevistador - Como considera que os projetos *South Stream* e *Nabucco* influenciarão o abastecimento energético da UE na perspectiva de uma dependência crescente à Rússia?

Entrevistado: Estes dois projetos poderão sem dúvida dar uma margem de manobra negocial com a Rússia, atualmente é Moscovo que possui todos os argumentos nesta negociação. A Europa não poderá libertar-se totalmente do petróleo e gás russo, mas sem dúvida poderá comprá-lo a preços muito mais económicos. Os dois projetos poderão complementar e sustentar os mercados energéticos mundiais, e no caso Europeu serão indispensáveis para uma estabilidade europeia, não é por acaso que estes projetos são controlados fortemente por empresas europeias.

Entrevistador - Acredita numa dependência energética europeia relativamente à Rússia? A adesão da Turquia poderá reduzir ou mesmo eliminar esta dependência?

Entrevistado: A dependência energética face à Rússia é uma realidade que afeta muitos países do norte e do leste da Europa (em particular a Alemanha), e atualmente estão em curso uma série de projetos que visam reduzir esta dependência, através de novas soluções tecnológicas e do aprovisionamento energético em outros mercados. Uma entrada da Turquia poderá do ponto de vista estritamente energético proporcionar uma maior

estabilidade e conceder uma maior diversidade de aprovisionamento para a Europa. Portanto poderá reduzir a dependência europeia, mas provavelmente nunca irá eliminar completamente a necessidade dos recursos energéticos russos. Portanto um diálogo com a Rússia tem que ser sempre mantido.

Anexo

Anexo A: Presidentes da República da Turquia

- 23 Outubro 1923 – 10 Novembro 1938: **Mustafá Kemal Atatürk.**
- 10 Novembro 1938 – 22 Maio 1950: **İsmet İnönü.**
- 22 Maio 1950 – 27 Maio 1960: **Celal Bayar.**
- 27 Maio 1960 – 28 Março 1966: **Cemal Gürsel.**
- 28 Março 1966 – 28 Março 1973: **Cevdet Sunay.**
- 06 Abril 1973 – 06 Abril 1980: **Fahri Korutürk.**
- 09 Novembro 1982 – 09 Novembro 1989: **Kenan Evren.**
- 09 Novembro 1989 – 16 Maio 1993: **Turgut Özal.**
- 16 Maio 1993 – 16 Maio 2000: **Süleyman Demirel.**
- 16 Maio 2000 – 28 Agosto 2007: **Ahmet Sezer.**
- 28 Agosto 2007 – (...): **Abdullah Gül.**

Fonte: (Rodrigues, 2009, p.219)